

SEGUNDA-FEIRA, 13h10min

Para a reunião que marcava o início oficial do programa da semana, planeei propor dois *sketches*. Mas tinha três ideias — podíamos escrever e apresentar mais, mas propor apenas dois —, por isso veria no momento quais queria propor, dependendo da reação do apresentador convidado aos que precediam os meus. Cerca de quarenta autores, elementos do elenco e produtores estavam enfiados no escritório do criador e realizador executivo do programa, Nigel Petersen, no décimo sétimo andar. O escritório do Nigel no décimo sétimo andar — que não fosse confundido com o seu escritório no oitavo andar, adjacente ao estúdio onde o programa era filmado — estava bem mobilado, mas nunca fora destinado, nem de longe, a ser um espaço de reunião para quarenta pessoas. Isso significava que o Nigel se sentava atrás da sua secretária, o apresentador num cadeirão de cabeçal, alguns sortudos entre o pessoal apanhavam um lugar no único sofá e o resto encostava-se às paredes ou sentava-se no chão.

O Nigel começou por apresentar o anfitrião, que, como acontecia cerca de uma vez em cada temporada, era também o músico convidado dessa semana. Noah Brewster já fora o músico convidado duas

vezes, mas era a sua estreia como apresentador. Era um cantor e compositor bonito, de uma forma meio pirosa, e extremamente bem-sucedido, que se especializava em música *pop* enjoativa e era conhecido por sair com modelos de vinte e poucos anos. Embora tivesse ar de surfista — olhos azuis penetrantes, cabelo louro despenteado e barba por fazer, um sorriso cheio de dentes, um corpo musculoso — eu descobrira, ao ler a bio do apresentador que nos enviavam por email todas as segundas de manhã, que crescera num subúrbio de Washington, D.C. Tinha trinta e seis anos, a mesma idade do que eu, e era famoso desde que lançara o sucesso *Making Love in July*, há mais de quinze anos, quando eu estava na faculdade. *Making Love in July* era um hino ao ato de tirar respeitosamente a virgindade a uma rapariga de cabelos compridos, com «pele radiante», uma «boca carnuda» e «mamilos de framboesa», e era uma daquelas canções que tinha tocado tantas vezes na rádio durante um ano, que eu, apesar de a achar execrável, sabia sem querer a letra toda. Desde então, Noah Brewster ganhara muitos prémios e vendera mais de vinte milhões de discos, um número que eu também descobrira na sua bio de apresentador. Não era uma coincidência que o seu décimo álbum fosse lançado na semana seguinte; os apresentadores, convidados musicais, e as combinações entre eles estavam habitualmente, ou a celebrar a fama acabada de adquirir, ou a promover trabalho iminente.

Depois de o Nigel o apresentar, Noah Brewster olhou em volta e disse:

— Obrigado por deixarem um músico invadir a festa da comédia. Apresentar o *TNO* é um dos sonhos da minha vida, desde que era um miúdo desajeitado da escola preparatória, que se esgueirava para a cave para assistir ao programa depois de os meus pais se irem deitar.

Fez-nos o seu grande sorriso, e eu perguntei-me se os seus dentes seriam reais ou de porcelana. Depois de nove anos no *TNO*, estava tão habituada quanto se podia estar a interagir com estas celebridades de alto calibre, embora fosse muitas vezes surpreendente descobrir quem era ainda mais bonito ao vivo (a maioria), quem era um parvalhão (não muitos, mas sem dúvida alguns), quem era chocantemente fútil (destacava-se o protagonista de um policial famoso) e os que desejaríamos

que ficassem no programa para sempre, porque eram ótimos nos *sketches* e tão divertidos no convívio a meio a noite.

O Nigel olhou para a esquerda, onde um guionista estava sentado aos seus pés, e disse:

— Benji, arrancas com isto?

O Benji propôs um *sketch* acerca do antigo diretor do FBI James Comey a escrever o livro de memórias que acabara de publicar, a ditar reminiscências de rapariguinha tipo Querido Diário. Depois, um elemento do elenco chamado Oliver disse que estava a trabalhar numa ideia com Rohit, outro guionista (não seria claro até à leitura dos *sketches*, na quarta-feira, se isto era verdade ou uma desculpa do Oliver). Então, uma guionista chamada Lianna propôs um *sketch* em que Noah Brewster faria de rapaz hetero e *sexy* icónico num coro escolar, depois um guionista chamado Tony propôs um *sketch* em que Noah Brewster seria um betinho branco a concorrer para um cargo público e aparecia como pregador-convidado numa igreja negra. A Henrietta, que era um dos dois elementos do elenco com quem eu trabalhava mais, disse que ela e a Viv, o outro elemento do elenco com quem eu trabalhava mais, queriam fazer um *sketch* sobre buscas na Internet feitas por cães. Eu era a sexta.

— Penso neste como A Regra Danny Horst — disse eu. — Porque foi inspirado no meu próprio colega de escritório, cuja grande novidade todos conhecemos bem.

Toda a gente bateu palmas ou vaiou. Durante o fim de semana, depois de sete semanas de encontros, o Danny e a Annabel Lily tinham ficado noivos, segundo Annabel revelara numa publicação do Instagram, com um primeiro plano de um anel no dedo, a mão sobre a do Danny. Os sites de bisbilhotices sobre celebridades tinham relatado de imediato que o diamante era uma auréola em corte esmeralda, com uma configuração pavé, e estimavam que tivesse custado 110 000 dólares. Embora eu própria tivesse sido brevemente casada, na casa dos vinte, não fazia ideia do que fosse um *corte esmeralda*, uma *auréola*, ou uma *configuração pavé* — o meu ex-marido e eu tínhamos ambos usado alianças simples em ouro.

Conforme o aplauso se desvaneceu, o Danny, que estava sentado no chão duas pessoas à minha esquerda, disse:

— Obrigado a todos. E, sim, estou entusiasmado como o caraças por poder ser o senhor Annabel Lily. — Houve outra ronda de aplausos, e o Danny acrescentou: — Se querem saber, a Sally bem me avisou de que me iria explorar para promover a sua carreira.

— Estou a tentar convencer o Danny a escrevê-lo *comigo* — disse eu. — Mas vamos pôr isto em compasso de espera por agora. De qualquer modo, quero escrever sobre um fenómeno em que, desculpa, Danny, gosto mesmo de ti, mas em que os homens do *TNO* têm namoradas que são melhores do que eles, mas isso nunca acontece às mulheres.

Houve riso generalizado, embora o riso nas reuniões de apresentação de propostas pudesse significar que se tinha revelado o remate final da piada demasiado cedo. Por esse motivo, algumas pessoas limitavam-se a apresentar chamarizes, embora eu corresse o risco de partilhar as minhas verdadeiras ideias para poder reivindicá-las, caso outra pessoa estivesse a pensar em algo semelhante. E, de qualquer modo, com uma frequência surpreendente, o riso não era o fator determinante final do destino de um *sketch*; os caprichos do Nigel é que o decidiam. Dos cerca de quarenta guiões que seriam apresentados à leitura de quarta-feira, cerca de doze chegariam ao ensaio geral de sábado e apenas oito ao programa ao vivo. Os *sketches* com o apresentador tinham mais hipóteses de sobrevivência, mas, para lá disso, era impossível adivinhar o que o Nigel decidiria. Todos os que estavam no seu escritório nesse momento, tanto os elementos do elenco como os guionistas, tinham ficado de coração partido muitas vezes.

— É óbvio que o Danny deve aparecer no *sketch* de alguma forma — acrescentei —, ou como ele próprio ou outra pessoa. E, Noah, podia resultar muito bem se fosses um tipo que é preso por quebrar de alguma forma a regra, tipo estares num encontro com a Henrietta ou a Viv, maquilhadas para parecerem menos deslumbrantes do que são na vida real.

Embora eu fosse próxima da Henrietta e da Viv, não estava apenas a ser lisonjeira. Elas eram de facto ambas lindas, o que não era incomum em mulheres comediantes, e eram ambas tão engraçadas, que a sua graça por vezes obscurecia a sua beleza, o que também não era incomum em mulheres comediantes.

— Para ver se percebi — disse o Noah Brewster, e a confusão na sua expressão fez-me pensar se ele ia acabar por ser um dos palermas. Nunca tinha falado com ele. Na primeira vez em que ele fora o músico convidado eu ainda não trabalhava no programa, e na segunda vez não tinha tido razão para interagir com ele. Ocasionalmente, os músicos convidados apareciam em *sketches*, ou podíamos vê-los a ensaiar as suas canções à quinta à tarde, se não tivéssemos mais que fazer, mas isso não significava que os conhecêssemos.

— Neste *sketch* — disse ele —, eu estaria a quebrar a lei por ser muito mais bonito do que uma mulher com quem namorava?

Houve alguns risos baixos, e um guionista chamado Jeremiah disse:

— Só a fiança para o teu cabelo seria um bilião de dólares.

A expressão do Noah era simpática quando olhou para mim e disse:

— Não, estou mesmo a perguntar.

— Bem, sim — disse eu. — Basicamente.

Estava sentada com as costas contra a parede oeste do escritório do Nigel, a cerca de três metros do Noah, e estavam muitos dos meus colegas de trabalho entre nós.

A voz do Noah permaneceu animada e diplomática quando ele disse:

— Sempre achei que resultava melhor quando o apresentador goza consigo próprio, em vez de gozar com outras pessoas, por isso estou inclinado a recusar este.

Usar a autodepreciação como estratégia vencedora não era mau. Mas declarar tão cedo e tão publicamente que não queria participar num *sketch* em particular era tão desnecessário como irritante; o Nigel dava sempre poder de veto aos apresentadores. Na verdade, fiquei suficientemente irritada para decidir propor como segunda ideia aquela sobre a qual estava indecisa, que me deixava indecisa porque a achava ofensiva para o Noah Brewster.

— É justo — disse eu, num tom destinado a ser tão diplomático como o dele; sabia que estava a pisar ovos. — E, se queres mesmo gozar contigo próprio, tenho boas notícias. A minha próxima ideia é que é óbvio que tens montanhas e montanhas de fã, e uma das razões para gostarem de ti é a tua música ser tão romântica. Uma vez que

romântico e *cheesy*¹ andam de mãos dadas, pensei num *sketch* em que fazes de vendedor de queijos e os queijos que vendes correspondem às tuas canções. Por isso, podes mostrar a um cliente um *Brie* e dizer, tipo: «Este tem um sabor sedoso com deliciosas notas de framboesa, perfeito para fazer amor em julho.» Ou: «O travo a água salgada deste *Gruyère* é remanescente das brisas na Praia de LightHouse.»

— Este sabor aveludado desce muito bem — disse o Danny. Ter alguém a improvisar a partir da tua ideia era de caras um elogio.

O Noah não ficou visivelmente insultado, embora, mais uma vez, parecesse mais confuso do que divertido. Disse:

— Portanto, é como descrições de vinhos, mas para queijos?

— Podes pensar nisso — disse eu. A minha terceira ideia, a que eu apresentaria para a leitura, mas não mencionaria nesta reunião por causa do limite de duas propostas, era que Noah fosse um jurado convidado no Tagarelas. Tagarelas era um *sketch* recorrente que eu escrevia inspirada no concurso de canto *American Lungs*, que ia para o ar na mesma estação do *TNO*, mas era filmado em L.A. Apresentava como jurados três músicos famosos, que orientavam os concorrentes, e a parte que eu parodiava — tinha retirado isto diretamente da vida real — era não só que os dois jurados masculinos passavam muito tempo a dizer à jurada feminina que falava de mais quando fazia o comentário aos concorrentes, mas que os jurados masculinos passavam muito mais tempo a dizer à jurada feminina que falava de mais do que ela passava a falar. O mais irritante para mim no programa verdadeiro era que, em vez de refutar a acusação, a jurada feminina respondia amavelmente «M' nha gente, eu sei! O que posso dizer? Sou uma tagarelas».

— Obrigado, Sally — disse o Nigel. Acenando em direção ao guionista ao meu lado, disse: — Patrick?

Enquanto o Patrick começava com uma ideia sobre o Trump a derreter a sua sanita de ouro para fazer enchimentos dentários, eu observei o rosto de surfista melosamente bonito do Noah Brewster a observar o Patrick, e continuei a observar o rosto do Noah, em intervalos, durante quase três horas, porque esse era o tempo que duravam as reuniões

¹ O termo *cheesy*, palavra formada a partir da palavra *cheese* (em português, «queijo»), o que motiva o *sketch* apresentado) tem, em português, um significado próximo de «meloso» ou «piroso». (N.T.)

para a apresentação de propostas. Antes de o Nigel nos dispensar, perguntou ao Noah, como perguntava a todos os apresentadores, se ele próprio tinha alguma ideia para um *sketch*.

Por esta altura, eu chegara à conclusão de que o Noah não era, de facto, um idiota. Sorria e ria-se com frequência, mas não parecia estar a esforçar-se demasiado, como faziam alguns apresentadores, para provar que era engraçado. E os seus pedidos de esclarecimento tinham começado a parecer confiantes, de uma forma que eu respeitava, apesar da minha irritação remanescente por causa da sua reação à minha proposta de A Regra Danny Horst.

Olhando mais uma vez em redor da sala, o Noah disse:

— Ouvir tudo isto deixou-me ainda mais entusiasmado com a semana que aí vem. Um bocadinho apavorado, mas sobretudo entusiasmado. Estou entusiasmado por avançar com as vossas ideias e não tenho grandes planos. Reconheço que há uma ideia na qual tenho andado a matutar, um bocado a tentar escrevê-la eu próprio, e vou ter de decidir antes do ensaio de leitura se deve ou não ver a luz do dia, mas, em relação aos vossos *sketches*, estou pronto para qualquer um.

Queres dizer qualquer um, menos fingir que sais com uma mulher menos atraente do que tu, pensei. Perguntava-me se a sua aversão estava de algum modo relacionada com o facto de ter saído com tantas modelos na vida real, quando ouvi um arrotto longo e baixo e me apercebi de imediato de um cheiro desagradável, uma versão tóxica de um burrito de pequeno-almoço. Levantei a cabeça na direção do Danny, ele esticou os lábios e arregalou os olhos — como se dissesse Ups! — e eu franzi o sobrolho. Arrostar fazia parte da vida, sim, mas não podia tê-lo aguentado nos últimos trinta segundos de uma reunião de três horas?

O Patrick, o guionista sentado entre o Danny e eu, inclinou-se na minha direção.

— Foste tu, certo?

SEGUNDA-FEIRA, 16h47min

Estava eu a responder a emails, quando o Danny entrou no nosso escritório com uma lata de *Red Bull*.

— Boas, Chuckles — disse ele, enquanto se sentava ao contrário na sua cadeira de escritório e a fazia deslizar na minha direção. A sala era tão estreita, que a única forma de fazer caber um sofá era ter ambas as secretárias contra a mesma parede. Apontando para o meu computador, ele disse:

— Como vai o grande guião americano?

— Quem me dera — disse eu. — Estou a dizer ao meu agente que não quero escrever uma — levantei os dedos para fazer aspas no ar — curta-metragem animada cómica para uma empresa de duches vaginais orgânicos.

— Quanto é que pagam? Porque talvez eu queira escrever uma curta-metragem animada cómica para uma empresa de duches vaginais orgânicos.

— Dez mil, mas os duches vaginais fazem mal, e assumo que a parte orgânica seja treta. A vagina é um órgão com autolimpeza.

— Talvez a *tua* vagina seja um órgão com autolimpeza. Mas sim, por dez mil nem vale a pena pensar. Não me vendo por menos de seis algarismos. — Eu suspeitava que o Danny ganhava mais ou menos o mesmo do que eu. Fora contratado como o mais jovem apresentador de sempre do Redação, o satírico programa-dentro-do-programa do *TNO*, e escrevia e ocasionalmente aparecia noutros *sketches*, o que significava que, como elemento do elenco no segundo ano que também escrevia, provavelmente ganhava o mesmo que uma guionista no seu nono ano que nunca aparecia no ecrã. Isso era atualmente dez mil dólares por episódio, ou 252 mil por ano, não era uma quantia enorme para um emprego na TV em que se trabalhava pela noite fora, várias vezes por semana, mas obscena comparada com, digamos, o salário de um professor do quarto ano. Mesmo que o Danny não ganhasse mais do que eu no *TNO*, tinha começado recentemente a aparecer em filmes, enquanto eu usava as minhas férias de verão para as atividades consideravelmente menos lucrativas de ler romances e viajar.

— OK, preciso do teu conselho — disse o Danny. — A Annabel está a passar-se, porque acabou de descobrir que os nossos signos são incompatíveis. A Belly é Peixes e eu sou Sagitário.

— Oh, meu Deus — disse eu. — Nem acredito que duraram tanto.

— Eu percebo que seja ridículo para ti, mas ela leva esta merda muito a sério.

— Ela só soube a tua data de aniversário agora?

— Teve uma sessão com a astróloga dela ontem, que lhe disse que, embora a nossa ligação seja autêntica, os nossos estilos de comunicação não são harmoniosos e eu não sou a pessoa para seguir ao seu lado na sua jornada de cura.

Eu mordi o lábio, e o Danny acrescentou:

— Tudo bem, podes rir-te. Mas eu amo-a, foda-se.

— E a *tua* jornada de cura?

O Danny fez uma cara de que-se-lixte.

— Já estou curado, Chuckles.

Independentemente do meu ressentimento com a sua relação e o *sketch* que eu acabara de propor, achava querido o amor incontido do Danny pela Annabel. A sua sinceridade, espontaneidade e otimismo puro pareciam tão disparatados, tão destinados a falhar, que como é que alguém, incluindo uma cínica como eu, podia não torcer por eles? Ficarem noivos depois de sete semanas era apenas a mais recente das suas dramáticas e muito públicas declarações de amor. Ao fim de uma semana juntos, tinham viajado para Paris, para uma sessão de beijos em frente à Torre Eiffel, e depois de duas semanas tinham feito *piercings* a condizer na língua, tudo isto documentado nas redes sociais e depois descrito ansiosamente pelos jornalistas que perseguiam as celebridades.

Em geral, a franqueza emocional do Danny deixava-me esperançosa com ou a geração Z, ou os homens, ou talvez com ambos. Um ano e meio antes, tinha ficado muito pouco entusiasmada ao saber que ia mudar do escritório que partilhava com a Viv para um escritório com o Danny, que na altura era novo no *TNO*. Não ansiei por esta proximidade com o Danny, que tivera sucesso na comédia de *stand-up* com peças tão mergulhadas em ironia que eu nem sempre percebia qual era a piada, o que me fazia sentir extremamente velha. Do mesmo modo, e ainda mais perturbador, perguntava-me se a mudança de escritório

tinha o propósito de me transmitir uma mensagem. O *TNO* e o Nigel em específico eram famosos pela dissimulação, e muitas vezes as pessoas não sabiam mesmo que tinham sido contratadas ou despedidas. Pôr-me num escritório de porcaria com um tipo de vinte e quatro anos seria uma forma de me empurrarem para a saída, sem me mandarem embora? Nas primeiras semanas da temporada de 2016, o Danny e eu mal falámos, porque ele trabalhava muito no escritório dos guionistas do Redação, cujos nomes eram Roy e Hank, tornando-se depressa o mais visível dos novos elementos do elenco. Cinco semanas depois do início da temporada, foi noite de eleições — uma terça-feira, por isso estávamos no escritório, a fazer que escrevíamos, embora ninguém adiantasse muito trabalho. Cerca das onze e meia da noite, logo a seguir à vitória de Trump na Flórida, a seguir à Carolina do Norte e ao Ohio, com o Wisconsin e a Pensilvânia com más perspectivas, o Danny e eu íamos a caminho do nosso escritório ao mesmo tempo, vindos de direções opostas, ficámos a poucos metros um do outro, os nossos olhares cruzaram-se, desatámos ambos a chorar e atirámo-nos para os braços um do outro. Foi pouco depois do discurso inaugural de Trump, quando a nossa democracia começava a desmoronar, que o Danny começou a chamar-me Chuckles. Era a abreviaturas de *chuckle slut*, o termo usado para as mulheres que dormiam com comediantes, e o Danny atribuiu-me a alcunha depois de eu lhe ter dito que nunca tinha dormido com um comediante.

Quase dezoito meses mais tarde, disse-lhe:

— Talvez a Annabel só precise de um dia ou dois para absorver o que disse a astróloga. Tipo, ela ficou perturbada com isso, mas vai perceber que não é assim tão importante.

— Quem dera que as pessoas pudessem mudar de signo — disse o Danny. — Por ela, convertia-me completamente num Escorpião.

— Acho que ela vai cair em si — disse eu.

Ele acenou com a cabeça em direção ao meu ecrã do computador.

— É muito degradante achares que a minha vagina precisa de limpeza. Não devia ter um odor floral durante o sexo oral. — Abriu um sorriso. — Passo-te um recibo pelos dez mil.

SEGUNDA-FEIRA, 19h32mi

As segundas eram os únicos dias durante a semana de trabalho do *TNO* em que chegava a casa a uma hora minimamente normal, e tentava usá-la para continuar a recuperar da semana anterior, se tivesse havido programa — de outubro a maio, os programas tipicamente iam para o ar três semanas seguidas, depois tínhamos duas ou três semanas de folga —, e para me preparar para a semana que aí vinha.

Tinha percorrido a pé os quarenta minutos desde os escritórios do *TNO* na Midtown até ao meu apartamento no Upper West Side, e tinha ido buscar comida *thai* perto do meu prédio. Comi *pad see ew* da embalagem, sentada ao balcão da cozinha, a conversar em alta voz com o meu padraсто de setenta e nove anos, Jerry. A minha mãe morreu há três anos, deixando quer o Jerry, quer eu, devastados de formas que não conseguíamos realmente expressar. Quatro meses depois do funeral, eu convencera o Jerry a ficar com uma *beagle* chamada *Sugar*, o que lhe trazia tanta felicidade que eu considerava a presença dela na sua vida o meu maior feito. Para mais, ela dava-nos algo sobre o que conversar todos os domingos ou segundas, em vez dos nossos sentimentos.

— Ela hoje foi uma menina muito bonita a cortar as unhas — disse o Jerry com jovialidade, depois baixou a voz para sussurrar, presumivelmente porque a *Sugar* estava por perto e ele não queria ofendê-la. — Na verdade, não foi. Foram precisas duas assistentes para a segurar, porque se contorcia imenso.

— Também choramingou?

— Como um bebé — disse ele. O Jerry e a *Sugar* viviam em Kansas City, na casa onde eu cresci. Eu tentava visitá-los duas vezes por ano, embora, desde a morte da minha mãe, não tivesse conseguido forçar-me a ir no Dia de Ação de Graças nem no Natal. Ou ficava em Nova Iorque, ou viajava para longe, uma vez para as Seychelles com a Viv, e outra vez com a Viv e também com a Henrietta, para a Cidade do México. O Jerry passava as festas com a irmã.

— Vi na Internet que o teu apresentador esta semana também é o músico convidado — disse o Jerry. — Parece terrivelmente cansativo.

A minha mãe e eu discutíamos cada programa aos domingos à tarde e, na sua ausência, o Jerry começara, aos domingos à tarde, a enviar-me por email dois parágrafos em escrita formal a partilhar a sua opinião. A gentileza deste impulso quase compensava o facto de, para lá de apreciar as parvoíces da *Sugar*, o Jerry não ter grande sentido de humor e não estar familiarizado com quase nada do fenómeno cultural *pop* ou com as pessoas que o *TNO* satirizava. Embora ele e a minha mãe tivessem estado duas vezes no público no estúdio, ele nunca veria o programa na televisão se eu não escrevesse para ele.

— Provavelmente já ouviste as canções do Noah Brewster a tocar de fundo, num restaurante ou loja — disse eu. — E de certeza que é *mesmo* cansativo apresentar e ser o músico convidado, mas assim promove o álbum.

— Queria dizer-te — disse Jerry. — Cruzei-me com a senhora Macklin na Hy-Vee e ela disse para te mandar cumprimentos. Disse que a Amy acabou de ter outro bebé, acho que é o terceiro.

Quem é a Sra. Macklin?, pensei eu. *Quem é a Amy?* Depois lembrei-me de uma colega da secundária chamada Amy Maclin, uma rapariga com quem tinha trabalhado no jornal escolar. (Eu era a revisora, não jornalista, porque o jornalismo exigia interagir com outros seres humanos de uma forma com a qual, naquela altura, eu não conseguiria lidar.) Disse:

— Que bom para a Amy. — Uma terceira criança inspirava em mim mais gratidão pela minha própria situação do que inveja da da Amy.

O Jerry descreveu um restaurante de tapas onde fora na sexta anterior, com a irmã e o marido, que tinha apresentado um prato de grão-de-bico e espinafres de que ele achava que eu ia gostar (embora eu não me visse como tendo uma relação especial com grão-de-bico, a convicção do Jerry vinha do facto de eu comprar húmus com frequência quando ficava com ele). Depois, voltámos a falar da *Sugar*. Uma família com duas filhas tinha-se mudado para a casa ao lado no mês anterior, e a *Sugar* começara a sentar-se no *deck* do Jerry nas traseiras, e a ladrar, como se para chamar as irmãs.

— Acho que ela gosta quando elas lhe dizem que é muito querida — disse o Jerry.

— Quem não diria? — disse eu, e o Jerry riu-se.

— Pronto, então — disse ele. — Tem cuidado no metro, querida. Era como acabávamos sempre as conversas.

Depois de desligar, pus os restos no frigorífico e tomei um duche.

Ainda vivia no mesmo apartamento arrendado de sessenta e cinco metros quadrados para o qual me mudara há dez anos, à chegada a Nova Iorque. A diferença era que, nos primeiros dois anos, tinha uma companheira de casa que dormia no quarto a sério, enquanto eu dormia num *loft* mal-amanhado por cima da sala, em que o teto ficava a um metro e vinte do colchão. Era difícil dizer, ao olhar para trás, se não fizera sexo nesses dois anos por ser eu, por estar a ajustar-me ao divórcio, ou porque simplesmente não havia espaço.

Quando saí do chuveiro, pus a T-shirt enorme com que dormia, lavei os dentes, esfreguei creme barato nas pernas e caro no rosto, depois fui buscar o meu telefone ao bolso das calças de ganga, que tinha deixado no chão da casa de banho, e meti-me na cama. Estavam quatro mensagens à minha espera, três da Viv.

A primeira: *Ainda pareço um zombie.*

A segunda: *Achas que devo faltar ao jantar?*

A terceira era um primeiro plano do seu olho direito, cuja parte branca tinha um ponto vermelho de margens desfocadas, ligeiramente maior do que a sua íris. Num *sketch*, durante o programa ao vivo no sábado anterior, um elemento do elenco chamado Gregor tinha atirado, imagine-se, uma luva de cozinha para bater devagar no peito da Viv, mas tinha atingido o seu olho. Ela reparara na mancha ao retirar a maquilhagem, depois do programa, mas não lhe doía e ela tinha ido às festas após o programa, que tinham durado até domingo de manhã. Dado que a mancha ainda não desaparecera na segunda-feira, tinha procurado uma enfermeira do estúdio do *TNO*, que lhe recomendara que marcasse uma consulta num oftalmologista, por precaução.

Respondi com a mensagem: *Tira uma foto em que consiga ver a tua cara toda.*

Uns segundos mais tarde, chegou outra foto do rosto completo e muito bonito da Viv, sem um sorriso e com ar preocupado, com ambas as sobrancelhas arqueadas. A Viv era negra e tinha trinta e um anos, menos cinco do que eu. Eu sabia que tanto ela como a Henrietta, que era branca e tinha trinta e dois anos, usavam medidas de prevenção

de envelhecimento, como botox e *peelings* químicos. Ao mesmo tempo, a Viv aparecia num *sketch* recorrente em que representava uma muito bem conservada apresentadora de meia-idade, a falar com o seu reflexo no espelho do camarim e a dizer com prazer a expressão «*Black don't crack*»².

Não tem assim tão mau aspeto, escrevi eu. *Eu decidia sobre o jantar com base em como te sentes*.

Continua a não doer, respondeu a Viv. Mas mandou o *emoji* da mulher zombie, com a pele verde e a levantar dedos curvados.

Agora estás com bom ar, escrevi.

O que quer dizer ótimo!

Acho que é ok ires jantar e ok não ires, mas não precisas de faltar para poupar ninguém.

Às segundas à noite, por volta das onze, o Nigel levava sempre o apresentador dessa semana e alguns elementos do elenco a jantar a um restaurante fino. O único guionista que alguma vez incluíam era o guionista principal, o que na verdade não me incomodava, porque, depois de nove anos, sentia-me mais confortável em encontros passageiros, em vez de prolongados, com o Nigel. Muitas pessoas dentro e fora do *TNO* eram obcecadas com o homem que criara o programa em 1981 e o produzia deste então. Nascido Norman Piekarkski em Oklahoma City, em Oklahoma, em 1947, o Nigel Petersen era incontestavelmente o rei da produção de comédia na América do século XXI, e dizia-se com frequência que a nossa relação com o nosso pai era revelada pela relação que tínhamos, ou pensávamos que tínhamos, com o Nigel. Mas eu acreditava há muito que ser discretamente competente me beneficiaria mais do que tentar entrar diretamente nas suas boas graças. Durante todo o meu primeiro ano, nem sequer tinha a certeza de que ele soubesse o meu nome, e depois, na festa que se seguiu ao final da temporada, ele disse numa voz surpreendentemente suave e discreta:

— O *sketch* da visita de estudo foi muito engraçado, Sally.

Aquelas dez palavras foram sem dúvida o maior elogio da minha vida, o que poderia ter revelado que eu tinha problemas com o meu pai, se eu já não soubesse que tinha problemas com o meu pai. No ano

² Expressão que significa, em tradução literal, «Negro não racha» e implica que o envelhecimento é menos evidente em indivíduos de raça negra (*N.T.*).

seguinte, interagimos mais porque eu tive muito mais *sketches* no ar, mas só falávamos quando ele estava a dar indicações sobre eles. A nossa conversa supérflua anual surgiu depois de ele ter comentado, com brevidade semelhante, um *sketch* que eu localizara numa churrasqueira em Kansas City, e eu me atrevera não só a balbuciar um agradecimento, mas a continuar, dizendo:

— Sei que é de Oklahoma. Acha que é uma espécie de Midwest do Sul? Mais uma vez, na sua voz suave e discreta, ele dissera:

— Segundo o recenseamento, é no Sul.

Isto foi na temporada de 2010-2011.

Marcaste consulta com o médico dos olhos, escrevi à Viv.

Amanhã às 11h, escreveu ela de volta.

Ótimo, respondi.

Vai esta noite!

Diverte-te!

Ela respondeu com um *emoji* a piscar o olho, e eu abri a outra mensagem que tinha chegado enquanto estava no duche. Era do Gene, o tipo com quem andava a dar intermitentemente umas quecas nos últimos oito meses.

Ei, Sally, como vai isso?

Ocorreu-me convidá-lo para minha casa — ainda não eram nove horas, eu tinha acabado de lavar o cabelo e o resto de mim —, mas depois pensei que preferia ir dormir cedo. Quase nunca via o Gene durante as semanas em que havia programa; mesmo quando sabia, na quarta-feira, que não tinha *sketches* no programa ao vivo, esperava-se que eu estivesse presente nas sessões de reescrita de quinta-feira, que podiam durar até às nove ou às dez, e era tão mentalmente esgotante que achava mais fácil entregar-me aos ritmos do *TNO*. Talvez fosse o único local de trabalho na América onde as pessoas com cônjuges e filhos eram, não só a minoria, mas encaradas com uma certa pena, porque como é que alguém conseguiria gerir ainda mais isso?

Para mais, embora o sexo fosse decente, não gostava muito do Gene. Era um analista financeiro que referira, logo nos primeiros tempos, que a faculdade de economia da Universidade da Flórida, que ele frequentara,

estava entre as quinze melhores do país. Embora eu nunca me tivesse perguntado sobre a posição da faculdade de economia da Universidade da Flórida nas listas de qualidade, claro que isto me incentivou a pesquisar, e descobri que a afirmação estava errada por uns dez. Muito mais alarmante, ele uma vez tinha usado a expressão *florzinha-de-estufa* para menosprezar um colega de trabalho que tirava dias de baixa regularmente, por causa das enxaquecas. Embora fosse possível que não desse ao termo um significado político³, o significado que aparentemente de facto lhe dava não era muito melhor. E eu não lhe tinha chamado a atenção para isso, por recear que fazê-lo implicasse ter de encontrar outro escape sexual, o que significava que ia ter de voltar a subscrever uma aplicação de encontros e conhecer estranhos suficientes em bares suficientes para decidir qual deles provavelmente não me mataria se fôssemos para o meu apartamento.

Se, num aspeto positivo, o Gene não era homicida, também não era particularmente giro. Era de altura e constituição medianas, com cabelo castanho-claro, e havia algo tão genérico nele que podia ser figurante em qualquer *sketch* do *TNO* passado num escritório. Era aceitável da mesma forma que uma pessoa ao lado de quem nos sentamos num avião geralmente é aceitável; ao contrário de um companheiro de lugar num avião, porém, a maior parte do que fazíamos era fazer o outro vir-se. Nos meses que isto durava, ele tinha-me feito exatamente duas perguntas. A primeira era se alguma vez tinha experimentado *butter coffee*, café com manteiga (não), e a segunda se alguma vez tinha estado na Praia de Rockaway (também não).

Nenhum dos predecessores do Gene fora particularmente inquisitivo, mas tinham feito perguntas suficientes para eu lhes ter dado um emprego falso, o que nunca precisara de fazer com o Gene. Tinha dito aos outros tipos com quem tinha «namorado» que escrevia para a *newsletter* de uma empresa de equipamentos médicos, um dos meus empregos antes da *TNO*. Embora geralmente não fosse grande mentirosa, temia que os tipos com quem andava ficassem excessivamente interessados se referisse o meu verdadeiro empregador. Na melhor

³ O termo em inglês, *snowflake*, é frequentemente utilizado pelos apoiantes da direita política dos EUA para insultar os da esquerda política. (*N.T.*)

das hipóteses, limitavam-se a querer bilhetes para o programa ao vivo, mas, na pior das hipóteses, eram aspirantes a artistas de improviso. Ou talvez a verdadeira pior hipótese fosse que eles passassem a conhecer-me de uma forma que eu não queria que me conhecessem. Nem estava segura de que o meu eu presencial (uma mulher bem-educada, de inteligência e atratividade medianas) ou os meus guiões (*sketches* conscientemente furiosos acerca de sexismo e funções corporais) refletissem o meu eu verdadeiro — ou se tinha um eu verdadeiro, ou se alguém teria. Mas suspeitava de que muita da minha escrita emergia daquela tensão ou ausência de integração; acreditava que as perceções que suportavam os meus *sketches* provinham de ser invisível, ou pelo menos subestimada, incluindo ser confundida com alguém mais simpático do que era. Desde a infância que me sentia muitas vezes como uma espã ou antropóloga, e só estava bem com os outros no *TNO* saberem quem eu era porque também eles eram, na sua essência, espões, antropólogos e esquisitoides.

Eu tivera a combinação que tinha com o Gene com uma série de outros tipos, acabando a anterior ao descobrir, depois de uns perturbadores três meses, que ele era casado e pai (sempre imaginara que ser a amante de alguém parecesse comprometedor, mas glamoroso, mas, neste caso, tinha sido marcada essencialmente pelo facto de ter inadvertidamente apanhado a constipação dos miúdos em idade pré-escolar do tipo). Embora por vezes eu fizesse piadas, com a Viv e a Henrietta, acerca de ser uma mulher de carreira devoradora de homens, estava confiante de que não teria estabelecido uma ligação mais profunda com o Gene ou os seus antecessores se lhes tivesse dado outra hipótese. Se tivesse ido a um restaurante com eles, ou passeado por Governors Island com eles, se nos fosse exigido que passássemos tempo juntos vestidos e sóbrios, teria acabado imediatamente.

Estava a digitar *Esta semana estou ocupada, mas e se nos encontrássemos na próxima terça ou quarta?*, mas, antes de poder enviar a mensagem, presumivelmente quando o Gene via os três pontos da minha mensagem iminente, chegou outra mensagem, e era uma foto da sua pila. Parecia estar no seu apartamento em Queens, que eu só tinha visitado uma vez. Tirada do umbigo para baixo, a foto mostrava-o deitado em lençóis

cinzentos, sem camisa e com uns calções de desporto azuis-escuros, de rede, que ele puxara em direção ao interior da sua coxa direita, de modo que os seus testículos enrugados apareciam, e a sua ereção repleta de veias se inclinava para a esquerda e para cima. Dada a natureza da nossa relação, uma foto daquelas não passava dos limites e estava longe de ser a primeira que ele enviava, mas eu nunca descobrira uma forma de dizer que elas tinham o efeito oposto ao que, presumia, era o desejado. Na verdade, os detalhes pessoais revelados na periferia — os calções de rede e os lençóis cinzentos, a mesa de cabeceira ao fundo, sobre a qual via uma embalagem de plástico de antiácidos com sabor a melancia e um livro sobre os princípios da liderança dos bilionários — eram estranhamente tocantes, mas alienantes. Lembraram-me de uma verdade que habitualmente não me incomodava, eu sabia como era a sua pila, mas mal o conhecia.

Apaguei *Esta semana estou ocupada, mas e se nos encontrássemos na próxima terça ou quarta?* e digitei *Uau!!*

Neste instante, respondeu ele. *A pensar em ti.*

Lisonjeiro!, respondi eu.

Envias-me uma?, escreveu ele.

A jantar c/amigos, escrevi de volta. Depois acrescentei: *Ocupada nas próximas semanas, infelizmente, mas espero que estejas bem.*

Nalgum momento depois disso, adormeci com o telefone na mão, para vê-lo melhor assim que acordasse, de manhã.

TERÇA-FEIRA, 12h10min

Os escritórios e estúdio do *TNO*, a par de muitos outros escritórios e estúdios da nossa cadeia de televisão, ficavam num edifício icónico referido como 66 — tinha sessenta e seis andares e quando fora terminado em 1933, o número era mais assinalável. Quando caminhei até lá, mesmo depois do meio-dia, sabia que não ia pôr o pé fora dele nas vinte e quatro horas seguintes.

A sala dos guionistas, no décimo sétimo andar, estava, como eu previa, fantasmagórica de tão vazia, e eu sentei-me à minha secretária e pus os auriculares. Ouvia sempre música clássica, em geral Haydn

ou Schubert, enquanto escrevia *sketches* sobre coisas como peidos de cães, tampões e Title IX. Trabalhei durante duas horas e meia sem me levantar nem tirar os auriculares, e assim gerei um rascunho do *sketch* de A Regra Danny Horst (nove páginas) e depois um rascunho para o Tagarelas (dez páginas). Nesta fase inicial, estava mais focada em criar as estruturas do que inventar piadas.

Uma das lendas do *TNO* era que a maior parte do programa era escrito entre as cinco da tarde de terça-feira e, porque tinham de ser entregues até ao meio-dia, as 11h59 de quarta-feira. Outra das lendas era que muita da criatividade dos primeiros anos do *TNO* fora alimentada a cocaína. Embora ambos os rumores fossem de facto reais, eu nunca tinha experimentado coca na vida, e não produzia a maior parte da minha escrita pela noite fora. Ficava no escritório durante a noite, porque era quando trabalhava com os elementos do elenco nas suas ideias, e porque era considerado indelicado não o fazer, e muitas vezes dava por mim a rever febrilmente às 11h55 de quarta-feira. Mas escrevia os primeiros rascunhos muito mais vezes e mais depressa durante o dia, e por vezes perguntava-me se, se não fosse o culto de ficar pela noite fora, a maioria dos meus colegas não o faria também.

Durante o meu primeiro ano, tinha-me apercebido de que as sessões que duravam toda a noite eram, ao contrário dos *sketches*, essencialmente performativas. Por vezes, levava mesmo seis horas a escrever um *sketch*, mas era muito mais frequente as pessoas divertirem-se durante cinco horas e escreverem um *sketch* em quarenta minutos. Em qualquer ponto da sala dos guionistas, à medida que a terça-feira se transformava em quarta, era tão provável ver alguém a mandriar como a escrever. O pessoal de escrita do *TNO* ainda era três quartos masculino, e eles lutavam ou faziam apostas como mijar em latas de lixo. Alguns artistas e elementos do elenco saíam antes da meia-noite para fazer um número num clube de comédia; voltavam para lutar, fazer apostas, ou mijar numa lata de lixo; *depois* começavam a escrever. Mas hoje eu só sabia de um elemento do elenco que consumia drogas pesadas no trabalho. Havia muitos mais dos meus colegas a usar Fitbits, beber sumo de couve e meditar nas horas livres, ou pelo menos diziam que o faziam.

Era o próprio Nigel quem claramente era uma ave noturna inata e, embora o horário que estabelecera de início parecesse completamente louco, depois de tanto tempo era justificado por uma lógica de *se-não-está-estragado*. Muitos *sketches* que tinham conquistado um lugar na consciência coletiva nacional e gerado personagens e chavões amados tinham de facto sido escritos à uma ou três ou quatro e meia da madrugada. E, na verdade, se tivéssemos sorte, a terça-feira era apenas o início. Se um ou mais dos nossos *sketches* fossem além da leitura, podíamos ficar acordados até tarde em qualquer das restantes noites até sábado, ou em todas, a reescrever, ensaiar ou realizar uma filmagem para uma pré-gravação. Depois, era provável que ficássemos acordados toda a noite também no sábado, a lamentar ou a celebrar nas festas a seguir ao programa, porque o teu *sketch* tinha sido cortado à última hora e te sentias desanimado, ou porque o teu *sketch* tinha ido para o ar e falhado e te sentias desanimado, ou porque o teu *sketch* tinha ido para o ar e sido um sucesso e te sentias exultante.

Antes de entrar para o programa, tinha horas típicas para dormir e acordar, e o *TNO* tinha mesmo reprogramado a minha biologia, como se eu fosse um trabalhador do turno da noite numa fábrica, só que muito mais bem pago, ou um médico das Urgências, só que sem salvar a vida a ninguém. Agora, parecia-me normal que a maior parte das pessoas chegasse ao escritório cerca das cinco da tarde na terça-feira e que encomendássemos jantar por volta das nove da noite. Passava as horas antes e depois de jantar a trabalhar com os elementos do elenco, na maior parte das vezes com a Viv e a Henrietta, nos *sketches* que eles estavam a desenvolver. Por volta da uma ou duas, deitava-me no sofá do meu escritório, punha uma T-shirt em cima dos olhos e tampões nos ouvidos e, exceto quando era acordada por caos no corredor, dormitava durante cerca de cinco horas, o que era um luxo segundo os padrões do *TNO*. Punha o alarme do telefone para tocar às seis ou sete e escovava os dentes na casa de banho das mulheres. Havia um duche na casa de banho privada no escritório do Nigel, que alguns dos meus colegas usavam depois de ele ir para casa, mas eu não teria a lata ou a ambição, e limitava-me a ter uma bolsa com produtos de higiene na gaveta da secretária. Depois de lavar os dentes, tomava café, comia

uma barra energética e sentava-me outra vez à secretária para fazer revisões. Por esta altura, muitas pessoas ainda estavam acordadas, sem terem dormido nada, geralmente a emanar uma exaustão meio-morta, embora por vezes mostrassem uma camaradagem tola, que lembrava miúdos que ficaram acordados toda a noite numa festa de pijama numa escola primária. Revia durante umas horas, entregava os meus *sketches* à última hora como toda a gente e ia para casa uma hora, para fazer cocó em paz e tomar um duche, antes de regressar ao trabalho para a leitura das três da tarde.

Naquela tarde em particular, ainda tinha um rascunho do Vendedor de Queijo para aperfeiçoar, mas decidi ir buscar café — café verdadeiro, que comprava numa loja na entrada do 66, não da cozinha do escritório — e, enquanto esperava na fila, enviei uma mensagem à Viv: *Como foi a consulta?*

Então, respondeu ela de imediato.

História interessante

Não fui ao meu médico habitual

Fui a outro

E ele era

Acrescentou três *emojis* de fogo.

Depois veio uma captura de ecrã, claramente tirada do site da clínica dos olhos, de um homem que parecia ter quarenta e poucos anos, sorria abertamente, para era de pele castanha-clara ou birracial e usava uma camisa branca, gravata amarela e bata branca.

Theodore P. Elman

Certificação: Academia Americana de Oftalmologia

Formação: M.D., Faculdade de Medicina Perelman, Universidade da Pensilvânia

Especialidade: Oftalmologia Geral

Outra mensagem da Viv: *OK, ele tem um ar meio totó de meia-idade mas acredita em mim*

A química foi uma loucura

*E escreveu o email num cartão de visita se eu tiver perguntas
Mas não pode convidar-me para sair, certo?
Porque era ilegal
Escrevi: Espera, como está o teu olho?
Depois: Acho que ilegal não, mas pouco profissional?
Queres que pergunte à minha colega de quarto da faculdade que é pediatra?
Da Viv: Tenho uma hemorragia subconjuntival
Que, à parte o nojo, não é nada sério
Deve curar-se sozinha em 1-2 semanas
De mim: Oh boa
É obvio que não estás nojenta se a química foi uma loucura
Tinha aliança?
Da Viv: Não
De mim: Ele sabe quem tu és
Da Viv: Não ficou claro
Se acho que houve química, houve química?
De mim: Sim
Da Viv: E se houve química, mas só da minha parte
De mim: Bastante certa de que a química não funciona assim
Quando é que chegas ao escritório
Da Viv: 16h30?
Podes escrever uns sketches que me façam parecer sexy e hilariante para o caso de
o médico do amor ver esta semana
De mim: Hmmm devia atribuir a mulher não-sexy na Regra do Danny a ti ou
à Henri
Da Viv: Eu eu eu eu eu
Da Viv: Todo o tempo no ar é bom tempo no ar*

TERÇA-FEIRA, 22h08min

A Viv, a Henrietta e eu tínhamos trazido a nossa comida para o jantar — naquela noite, grega — para o escritório que elas agora partilhavam. Sentei-me em frente ao computador da Henrietta, a Viv sentou-se à sua secretária e a Henrietta sentou-se no chão. Estávamos a trabalhar na ideia das buscas na Internet feitas por cães, e primeiro

discutimos se o *sketch* devia apresentar cães reais ou a Henrietta e a Viv em fatos de cão (dado que os elementos do elenco estavam sempre, sem falha, a tentar ter mais tempo no ar, decidimos depressa pelo último). Depois discutimos onde devia decorrer (a zona de computadores na biblioteca pública, mas, embora tudo isto só importasse para o plano geral, ficámos bloqueadas ao decidir se a biblioteca devia ser o famoso edifício Main Branch de Nova Iorque na Quinta Avenida, com as estátuas dos leões na frente, uma biblioteca genérica nos subúrbios de Kansas City, ou uma biblioteca genérica nos subúrbios de Jacksonville, na Flórida, de onde era a Viv). Depois ficámos *mesmo* bloqueadas nas raças de cães. Por lealdade para com o meu padrasto e a *Sugar*, queria que pelo menos um fosse um *beagle*. A Viv disse que resultava melhor se um fosse mesmo grande e um mesmo pequeno, e a Henrietta disse que concordava com qualquer cão grande, menos um pastor-alemão, porque tinha sido mordida pelo pastor alemão do vizinho no terceiro ano. Ao fim de quarenta minutos, decidimo-nos por um são-bernardo e um *chihuahua* — eu acabei por concordar que os *chihuahuas* eram mais engraçados do que os *beagles*. Decidimos escolher a Flórida como localização para o plano geral, porque os leões em frente ao Main Branch de Nova Iorque podiam antecipar ou reduzir o impacto do são-bernardo. Depois chegámos à parte divertida, que eram os termos de pesquisa.

Com a boca cheia de kebab de vaca, a Viv disse:

— Sou adotado?

Com a boca cheia de *spanakopita*, eu disse:

— Sou uma menina bonita?

Com a boca cheia de falafel, a Henrietta disse:

— Tenho cinco anos ou trinta e cinco?

— Porque é que os trovões metem medo? — disse eu.

— Técnicas discretas para cheirar virilhas — disse a Henrietta.

— Mani-pedis baratas na minha zona — disse a Viv. — Oh, e carro de condução autónomo mais barato.

— Melhores hambúrgueres perto de mim — disse eu.

— O que é halitose? — perguntou a Henrietta.

— Halitose o que fazer — disse eu.

- Onde humanos fazem chichi — disse a Viv.
- *Chihuahua* Taco Bell macho ou fêmea — disse eu.
- *Bull terrier* Target casado — disse a Viv.
- Cirurgia plástica Lassie — disse a Henrietta.
- Vídeos engraçados com gatos — disse eu.
- *Corgis* a envergonhar-se a si próprios YouTube — disse a Viv.
- YouTube cão pequeno assusta cão grande — disse eu.
- Doghub dois *poodles* e um *corgi* — disse a Henrietta.
- Depilar a cauda — disse eu.
- A minha cauda é de tamanho normal? — perguntou a Viv.
- Refinanciar a minha hipoteca — disse a Henrietta e, embora estivéssemos todas a rir intermitentemente, esta foi a que me fez rir tanto que tive de parar de digitar. Tinha estado tantas vezes dentro e fora deste momento no *TNO*, a rir estrondosamente com os meus colegas numa terça à noite e a ouvir os guionistas e o elenco nos seus escritórios a rir estrondosamente, sem mim, numa terça à noite. Quando recuperei, disse:
 - Como fazer nó de gravata.
 - O que é *bitcoin* — disse a Viv.
- Tínhamos começado a rir as três outra vez, quando uma bola de futebol de espuma voou pela porta aberta e alguém — apercebi-me depressa que era o guionista Rohit — gritou:
 - Parem de se vangloriar, suas súcubos!

TERÇA-FEIRA, 11h29min

Planeava, com uma lata considerável, pedir ao Danny para me dar algum diálogo para o seu papel no meu *sketch* de A Regra Danny Horst. Quando entrei no nosso escritório, ele estava esparramado no sofá, com o telefone à sua frente, uma voz que reconheci como a de Annabel a sair dele.

Danny olhou para cima e disse:

— Ei, Chuckles.

E, embora não conseguisse ver o ecrã, a Annabel disse:

— Ei, Sally.

— Olá, Annabel — respondi eu.

Continuando aparentemente onde tinham parado, a Annabel disse ao Danny:

— Mas se queres elogiar alguém, dizes-lhe que é *sexy*. Se lhes dizes que estás muito impressionado pela sua positividade corporal, isso significa «É ótimo seres tão confiante, embora sejas gorda».

— Fofa, és a rapariga mais *sexy* de sempre — disse o Danny. — Estás a dar muita importância a isto.

A avaliar pelo seu arrulhar, assumi que as preocupações do dia anterior acerca do seu desconcerto astrológico tinham sido resolvidas.

— A parte pior — disse a Annabel — é que ser criticada faz-me querer um dónute.

— Podias comer cem dónutes e continuavas tão *sexy* como és agora.

Ao sentar-me à minha secretária, tive e não tive o impulso, em medidas exatamente iguais, de pôr os meus auriculares. Nas últimas sete semanas, a Annabel tinha assistido a todos os programas ao vivo, com toda a sua comitiva atrás, à exceção daquele em que estava em Tóquio para a abertura da loja de referência de uma marca de vestuário de luxo da qual era representante. Durante os espetáculos, a Annabel ficava não no nosso escritório, mas, ou no camarim do Danny, ou, beneficiando do seu estatuto, com o Nigel. O Nigel era, ao mesmo tempo, parecido com o Buda na atitude, e um megabajulador intergeracional de celebridades, era tão provável que atravessasse o estúdio, num dia qualquer, acompanhado por um roqueiro septuagenário de uma das bandas mais famosas, como por uma estrela adolescente.

— Não sei por que razão ela tem de ser tão cabra — dizia a Annabel. — Achei que a nossa rivalidade tinha acabado quando apresentámos juntas os Globos.

O Danny baixou a voz, o que significava, porque estava sentado a cerca de um metro e vinte de mim, que eu ainda ouvia claramente tudo o que ele dizia.

— Tens noção de como és perfeita? — murmurou. — És tão perfeita que estou a ficar com tesão só de olhar para ti. Acho que não conseguia levantar-me mesmo que quisesse.

Ele não se apercebia de que eu ainda não estava de auriculares postos, ou não se importava? Suspeitava do último; todos os dias eram

ditas coisas no *TNO*, muitas vezes à frente da câmara, que constituiriam assédio sexual em qualquer outro local de trabalho, exceto na atual Casa Branca.

— Em vez de comer um dónute, vou meter-me imediatamente na passadeira — disse a Annabel. — Vou subir o declive para 15 por cento. Critica o meu corpo assim, sua cabra.

— E se, em vez disso, eu fosse a tua casa e te fodesse com força e te dissesse como és bonita?

Depois de uma pausa, numa voz muito mais suave, a Annabel disse:

— Sim?

— Tão bonita — disse o Danny. — Tão, tão, tão bonita.

— Mando o Mickey buscar-te? — Era o seu motorista ou guarda-costas, ou talvez ambos.

— É mais rápido se apanhar um Uber.

— Vou para o duche já.

— Não tomes duche. Não faças nada. Estou a desligar e vou a caminho. Ligo-te do Uber. Foda-se, amo-te tanto, fofa.

— Despacha-te, fofa.

Ele já estava de pé e a caminho da porta, quando eu disse:

— Por favor, se alguma vez bateres uma aqui, não sujes o sofá. Só te peço isso.

O Danny parou e olhou por cima do ombro, de costas para mim, o que nos deu a ambos a vantagem de eu não ter de saber se ele tinha mesmo uma ereção.

— Eu jamais batia uma aqui. — Sorriu. — É para isso que serve o meu camarim.

QUARTA-FEIRA, 01h14min

Ouvi alguém dizer o meu nome, mas de início estava a dormir tão profundamente que incorporei a voz no meu sonho. Pensei que fosse o Bernard, o zelador, que vinha esvaziar o meu caixote do lixo, e, dispa-ratadamente, balbuciei:

— Pode deixar os moluscos.

Senti uma ligeira palmadinha no ombro, e a pessoa disse:

— Sally, lamento mesmo incomodar-te...

Não era uma frase dita com muita frequência no *TNO*, e eu tirei a T-shirt dos olhos e os tampões dos ouvidos, sentei-me direita, e disse:

— O que queres?

Curvado sobre o sofá, num ângulo que deixava os nossos rostos a poucos centímetros um do outro quando me sentei, estava Noah Brewster.

— Desculpa — disse ele outra vez. Mesmo no meu estado de desorientação, reparei que ele parecia, na sua forma melosa de surfista, desconfortável. Embora estivesse habituada a ser acordada por pessoas aleatórias, num escritório, a meio da noite, talvez ele não estivesse habituado a acordar pessoas assim.

— Não, tudo bem — disse eu. — Do que precisas?

— Bem, o Bob O’Leary sugeriu... precisas de um minuto? Posso voltar.

— Agora é boa altura. — Passei as costas da mão pela boca, para o caso de me ter babado durante o sono, o que me parecia que tinha.

— O Bob disse que és a melhor pessoa para me ajudar com o *sketch* em que tenho andado a trabalhar. — O Bob O’Leary era supervisor de produção no *TNO* há muito tempo, um dos muitos mágicos que estavam lá desde o início e faziam o programa funcionar, permanecendo quase totalmente desconhecidos do público. O Noah já não estava inclinado para mim, estava de pé, direito, e reparei nesse momento que trazia uns papéis.

Apontei para eles.

— Isso é o *sketch*?

— A sério, se precisares de um minuto...

— Leio-o agora — Estendi o braço, e quando ele me passou o guião, tirei os pés do sofá. Apontei para a outra ponta. — Podes sentar-te. É a ideia que mencionaste na reunião das propostas?

Ele anuiu, enquanto se sentava.

— Devia falar-te dele, ou só deixar-te lê-lo?

— Deixa-me lê-lo.

Agarrei numa esferográfica azul e puxei um exemplar com dois meses do *The Atlantic* do parapeito da janela, para usar como superfície

de escrita, e comecei a ler. Estava vagamente ciente do Noah Brewster a menos de um metro de mim, a mexer no telefone. Seria mentira se afirmasse que não me causava um vestígio de stress deixar uma enorme celebridade à espera. Ainda me lembrava muitas vezes de uma observação feita por uma guionista chamada Elise, com quem trabalhara ali nos meus primeiros dois anos, que dizia que quando as pessoas não-famosas falavam com as pessoas famosas queriam que o encontro acabasse o mais depressa possível, para poderem ir descrevê-lo aos seus amigos não-famosos. Mas o meu stress era compensado, em grande parte, pela noção de que deixava o Noah Brewster à espera para seu próprio bem. Os objetivos gerais de qualquer episódio do *TNO* eram entreter e dar uma boa imagem do apresentador; um apresentador genuinamente engraçado ou querido podia colher frutos, em termos de opinião pública, durante anos.

O *sketch* tinha sete páginas, passava-se num estúdio de dança e apresentava um músico a encontrar-se com uma coreógrafa, na presença de dois executivos de uma editora discográfica, um agente, um empresário e um operador de vídeo. A coreógrafa dizia coisas como «Quando fazes exercício de braços, as pessoas ao fundo vão sentir a tua paixão» e «Um retrógrado vai dar um desfecho à canção no teu coração». Em resposta, o músico anónimo dizia coisas como «Mas eu sou um cantor-compositor. Não sou membro do Cirque du Soleil». Nos dez minutos que me levou a ler, marquei o guião em alguns pontos, embora de forma mais simpática do que faria no trabalho de um elemento do elenco ou de um colega guionista. Cerca de dois terços da terceira página não serviam para nada e podiam facilmente ser cortados, mas em vez de riscar uma linha azul sobre essa secção, pus um ponto de interrogação na margem, ao lado. Na página quatro, quando a coreógrafa perguntava ao músico se ele alguma vez pensara em incorporar algum tipo de pantera no programa, ri-me em voz alta.

Depois de ter terminado, o Noah Brewster e eu estabelecemos contato visual, e eu disse:

— Isto é baseado na experiência pessoal?

— Já foi há uns tempos, mas quando comecei a tocar em estádios, a editora discográfica fazia-me trabalhar com uma coreógrafa que

tinha um monte de sugestões ridículas. As suas ideias faziam sentido do ponto de vista visual, em termos do tamanho do estádio, mas na verdade eram influenciadas pela loucura das *boys bands* e completamente deslocadas para mim. Envolviam uma série de gestos das mãos e pausas melodramáticas.

— Na verdade, o teu guião está bastante bom, embora me pareça que pode ser melhorado. Queres que faça os comentários e vais trabalhar nele, ou podemos revê-lo juntos agora?

— Adorava ter a tua ajuda a revê-lo. O Bob disse que és um génio com a estrutura.

— Ah — disse eu. — Tenho a certeza de que é um eufemismo para ser mais trabalhadora do que engraçada. Podes enviar-me por email a versão que acabei de ler? — Levantei-me, caminhei para as secretárias e puxei a cadeira do Danny para ficar ao lado da minha.

Quando me sentei na minha cadeira, o Noah sentou-se na do Danny. Começou a digitar no telefone e perguntou:

— Qual é o teu email?

Dei-lhe o meu endereço e perguntei:

— Há quanto tempo estás a trabalhar nisto?

Ele sorriu.

— Estou tentado a fingir que comecei hoje de manhã, mas há umas semanas. Quando recebi a confirmação de que ia apresentar.

— A preparação não é vergonha nenhuma. Claro que muita coisa por aqui acontece em cima do acontecimento, mas por vezes um *sketch* que acaba por ser um grande sucesso é uma coisa que um guionista propôs todas as semanas durante uma temporada inteira.

Depois de carregar na tecla *Enter* no meu teclado, para trazer à vida o monitor, a minha conta de email aberta apareceu. No cimo da caixa de entrada estava um artigo que o meu padrasto me tinha enviado com, no assunto, o cabeçalho *Grão-de-bico e Outros Legumes Diários Baixam o Colesterol*. Mesmo por baixo, estava um email da Henrietta relacionado com um *sketch* que ela queria que escrevêssemos juntas, cheio de *links*, que tinha como assunto *Mães influencers evangélicas doidas varridas*. Embora me parecesse estranhamente íntimo expor a minha caixa de

correio ao Noah, a parede atrás do monitor ainda me deixava mais constrangida. Tinha lá colado duas fotos, a primeira era de mim com Hillary Clinton em dezembro de 2015, tirada no camarim do *TNO* antes de ela aparecer num *sketch* que eu tinha escrito. A segunda era da minha mãe, comigo ao colo quando era bebê, no início de 1982, a minha mãe num colete de ganga sem botões, por cima de uma blusa azul, e eu com um *baby-grow* amarelo. Entre as fotos, tinha colado um pedaço amachucado de papel impresso, com duas colunas. Na primeira coluna, escritas à mão por mim, estavam as palavras *tesão, tomates, pila, caralho, broche, chuva dourada, pau, punheta, mamar, picha, bater uma*. Na outra coluna estavam as palavras *cona, tetas, mamocas, comer, mamilos, meter o dedo, vagina cabeluda, vagina, vulva, rosada, molhada, peido vaginal, cérvix, punho*. Ao lado de *rosada* estavam parênteses com três pontos de exclamação lá dentro, e ao lado de *cérvix* estavam parênteses com oito pontos de exclamação. Enquanto o email do Noah aparecia na minha caixa de correio, e eu descarregava e abria o ficheiro, ele não comentou nada daquilo.

— O teu anexo não me vai dar uma DST, vai?

Ele riu-se.

— Espero que não.

— Okay. — Na minha secretária, no espaço entre o monitor e o teclado, estavam o meu café da tarde, quase vazio, e cerca de duas dúzias de elásticos para o cabelo. Peguei num elástico e enrolei o cabelo num carrapito. — Na verdade, tens todos os ingredientes de que precisas, mas não estão na ordem certa. E nalguns pontos é subtil, mas, por causa da fisicalidade do *sketch*, precisa de ser mais físico. Faz sentido?

— Faz.

— Para além disso, de certeza que encenar isto num estúdio é realista, mas vai confundir o público. Devia ser feito no estádio onde o músico vai tocar. Portanto, compactas o tempo e o espaço, a favor da clareza.

— Percebido.

— E outra coisa para a clareza, e isto matava uns quantos coelhos com uma só cajadada, era se pudéssemos começar com um intertítulo,

com a data e o lugar. Espera, e se o músico fosse explicitamente o teu eu mais jovem? E o guarda-roupa pode arranjar umas roupas fantásticas do início dos anos 2000. Assim, o intertítulo dizia *Madison Square Garden, Maio 2001*, ou quando o teu primeiro álbum explodiu... Quando foi?

— O álbum foi lançado em maio de 2001.

Eu já tinha escrito *Madison Square Garden* e olhei para ele de relance.

— Envio-te o documento por email depois, e é claro que podes mudar as frases de que não gostares.

— Força. Por favor.

Acrescentei *maio 2001*.

— As outras personagens vão dirigir-se a ti pelo nome, para o público saber imediatamente que és tu. Mas a próxima questão é que há demasiadas personagens. Achas que mais alguém aqui serve um propósito, para além de ti e da coreógrafa?

— Não é importante os executivos da editora discográfica estarem lá? Para mostrar que estas diretivas vêm de cima e o músico... bem, eu, não pode só ignorá-las?

— Verdade. Talvez até se deva aumentar a importância disso.

A primeira linha naquele momento era da coreógrafa, que dizia «Quero dar-te umas ideias para animar os teus movimentos de dança no palco». Por cima, inseri um executivo que dizia «Noah, chamámo-te aqui porque, na tua editora, estamos a receber informações de que os teus concertos são pouco excitantes, e achamos que alguma coreografia inovadora vai melhorar muito a experiência do público».

— É ridiculamente óbvio — disse eu —, mas, a não ser que haja uma vantagem em esconder a premissa, mais vale dá-la o mais depressa possível.

— Então e se o tipo disser «Segundo alguns grupos de reflexão...»?

— Oh, isso ainda é melhor — disse eu. — E que tal «Segundo alguns grupos de reflexão com cem miúdas de doze a quinze anos, residentes em quatro estados do Médio Atlântico...»?

Ele riu-se, e eu reescrevi a frase.

Ficámos ambos calados, e, depois de uns segundos, eu disse:

— Estamos com receio de que as raparigas sentadas nas últimas filas não estejam a captar devidamente as tuas emoções comoventes.

— E que possa afetar as vendas a longo prazo — acrescentou o Noah, e eu digitei ambas as coisas.

— «Portanto, a coreógrafa de fama mundial...», temos de lhe dar um nome parvo, «está aqui para oferecer a sua experiência». Hmm, Lulu von Peitos Flácidos?

Ele riu-se outra vez, daquela forma ligeira.

— Claro.

— Só para saberes, algumas das coisas que na página são só ligeiramente engraçadas são automaticamente dez vezes melhores quando o elenco está a representá-las. Okay, agora podemos cortar toda a gente, menos os tipos da editora, tu, e a Lulu. A comitiva do famoso entope o *sketch*, porque não é sobre eles. Portanto, damos o diálogo dos outros todos aos executivos, mas tu escolhes quem faz os papéis, e os nomes vão para o guião, não os nomes das personagens. Quem é que tu queres que seja a Lulu e quem queres que sejam os executivos?

— Não devia perguntar às pessoas se estão interessadas, antes de lhes atribuir um papel? Não quero parecer presumido.

Eu ri-me.

— És o apresentador. Qualquer elemento do elenco vai ficar contente por estar no teu *sketch*.

— O que achas? Para um dos executivos, o Josh parte-me a rir.

— Sim, é bom. — Escrevi o nome do Josh antes do diálogo do primeiro executivo. — E talvez o Hakeem para o outro? E para a coreógrafa? — Tanto a Henrietta como a Viv fariam um excelente trabalho e era provável que aparecessem em vários *sketches*. Referindo um elemento do elenco que era cronicamente pouco utilizado, sugeri: — Que tal a Grace?

— Claro.

— Então, daqui para a frente, a única mudança que eu realmente faria era pôr as sugestões coreográficas da Lulu numa ordem de ridículo do menor para o maior. É mais satisfatório quando se intensificam,

por isso começa com acenar muito com as mãos e acaba com a ideia da pantera.

— Há uma coisa que não pus aí, porque não vem de um coreógrafo, mas, tipo, acho que era um consultor de imagem. Recomendou que eu atuasse sem camisa e em calças de cabedal.

— Oh, isso é perfeito. Mas vamos transformar as calças em calções. Calções são ainda melhores. Ou, e se fores tu a sugerir, e isso for o pivô final? Portanto, até ali, parece que resistes a estas ideias parvas, mas só estás a resistir às ideias parvas *deles*. E tens vestida roupa de arrancar, que tu tiras, e dizes alguma coisa tipo: «Estou confiante de que o envolvimento do público vai melhorar com o meu belo corpo esculpido.»

O Noah sacudiu a cabeça, animado, e o seu cabelo louro de surfista mexeu-se um pouco.

— Estou a começar a achar que cavei a minha própria sepultura. E ainda estou com a mesma editora com que assinei em 1999. Essa é a ironia aqui, quando os vilanizar em público.

— Se te deixa mais descansado, não há nenhuma garantia que qualquer *sketch* seja escolhido para o programa ao vivo. — Quando os nossos olhares se encontraram, disse: — Mas aposto que este vai.

— Bom, acho que ganho das duas formas — disse ele. — Ou perco?

Corri o documento, fazendo as alterações que tínhamos discutido. Quando chegámos à terceira página, eu disse:

— Este bocado pode sair, porque não estabelece nada de novo. Está só a encher.

Percebi que ele estava a ler as linhas no ecrã.

— Não, tens razão.

No fim, inseri as indicações cénicas para ele arrancar a roupa e deitei-lhe outro olhar.

— Queres fazer uma leitura em voz alta? Podes fazer a tua parte e eu faço os executivos e a coreógrafa.

Rimo-nos ambos algumas vezes ao ler. Quando ele disse «Porque o meu belo corpo esculpido vai melhorar o envolvimento do público», apercebi-me de que tinha ecoado a linha anterior, sobre a coreografia inovadora melhorar as suas atuações ao vivo. Cortei o segundo *melhorar*

e substituí por *aumentar*. Em geral, a repetição de palavras só funcionava quando era intencional.

— Precisamos de um título — disse eu. — Mas provisoriamente, por isso não penses de mais. Algo como Coreografia.

— Feito — disse ele. — Coreografia. — Apontou para os elásticos na minha secretária. — É quando prendes o cabelo que os teus poderes mágicos de edição se ativam?

Ri-me.

— Ouvi falar de romancistas que valorizam muito os seus rituais de escrita, tipo, têm de acender uma vela ou beber chá de ervas primeiro, mas o *TNO* acaba-te com essas manias.

— Bem, tenho a sensação de que tive uma aula de escrita de comédia. A sério que não sei como agradecer.

— Mais uma vez, ainda tem de sobreviver ao ensaio de leitura e aos ensaios, mas, na verdade, acho que é mesmo engraçado.

— A maneira como estás sempre a dizer *na verdade*... — disse ele. — É como se estivesses surpreendida.

— Desculpa. É que muito poucos apresentadores escrevem *sketches* e, mesmo que escrevam, provavelmente foi um guionista que fez o rascunho. E francamente, para um apresentador músico, é quase inédito.

— Sabes que escrevo as minhas próprias canções?

— Mas não achas que canções e *sketches* são animais diferentes?

— Bem, a estrutura é importante em ambos, certo? E o ritmo? E o que escondes versus o que mostras logo à partida?

— Verdade.

— De que tipo de música gostas?

— De que tipo é que *eu* gosto? — A pergunta apanhou-me de surpresa.

— Se estás em casa a fazer o jantar, ou vais no metro, o que ouves?

— Acho que é variado. Se falamos de géneros, essencialmente *folk* ou *pop*.

— Que artistas específicos?

— Não tenho um gosto particularmente fixe, se é o que estás a perguntar. Conheceste o guionista Jeremiah? Ele sabe sempre das bandas antes de estourarem.

— Só estou curioso. Juro que a pergunta não é uma armadilha.

— Quando estava no terceiro ano, tinha uma cassete dos Maiores Êxitos das The Supremes, que passei tanto, que a fita começou a desenrolar-se no fundo. Fiquei tão triste, que a minha mãe me levou numa viagem de emergência ao centro comercial naquele dia, para a substituir.

Ele sorriu.

— E desde aí?

— Sobretudo mulheres cantoras-compositoras. A minha mãe gostava de Linda Ronstadt, Patti LaBelle, Joan Armatrading, por isso ouvíamos muito. E Dolly Parton, claro. E Sade. E depois o meu gosto divergiu mais ou menos para música mais tipo *country*, como Lucinda Williams e Emmylou Harris. E depois, sabes, Mary Chapin Carpenter, Dar Williams, ou mais recentemente Brandi Carlile. Oh, e Janelle Monáe. — Deitei-lhe um olhar e disse: — As minhas cantoras favoritas de sempre são as Indigo Girls.

— Sim, são incríveis — disse ele.

Olhei para ele — ainda estávamos lado a lado, talvez a quinze centímetros — e disse:

— Estás a falar a sério?

— Porque não havia de estar?

— Muitas pessoas, isso aqui significa os guionistas homens, usariam as Indigo Girls como piada final. Ou já as usaram como final, para fazer uma piada sobre algo que é muito feminino, ou a dar para o lésbico ou que é intensamente político. E eu detesto, caraças. Em parte porque é sexista, mas ainda mais porque não tem graça. É preguiçoso. As Indigo Girls são supertalentedas e fazem o que fazem há muito tempo, à sua maneira, independentemente das tendências culturais, e, agora que somos uma promessa de autocracia, é um bocadinho mais difícil fazer pouco das pessoas que sempre defenderam os direitos dos marginalizados. Além disso, têm vozes tão bonitas, que se complementam. — Parei. — Foi para isto que vieste ao meu escritório, certo? Estavas na esperança de ouvir um desabafo sobre as Indigo Girls.

— Adoro desabafo sobre as Indigo Girls. Já as viste ao vivo?

— Sim, um monte de vezes. E tu?

— Atuei com elas numa angariação de fundos em L.A. há uns anos. E a Amy faz segunda voz na minha canção *East Matnuck*. Estou a tentar lembrar-me se alguma vez estiveram no *TNO*.

Claro que tinha tocado com elas, claro que as tratava pelo primeiro nome. Mas como é que eu não sabia que a Amy Ray entrava numa das canções *dele*?

— É engraçado perguntares — disse eu. — Nunca foram músicas convidadas, mas uma vez houve uma paródia delas em que todos os elementos do elenco que faziam delas eram homens. Isto foi antes do meu tempo.

— Há quanto tempo trabalhas aqui?

— É a minha nona temporada. Outro facto engraçado é que o *TNO* e eu temos, na verdade, a mesma idade. Nasci no mês da estreia, em outubro de 1981.

— Parece auspicioso, não? — disse o Noah. — Eu nasci em setembro de 1981, por isso somos da mesma idade. Se estás aqui há nove anos, presumo que gostas...

Tive de admitir que, apesar de toda a sua pirosice, tinha apetências sociais impecáveis. A maioria dos apresentadores eram carismáticos e muitos eram educados; alguns tinham curiosidade sobre a história do programa; mas quase nenhum fazia a uma guionista várias perguntas sobre si própria. Não me parecia indelicado que os apresentadores pensassem nos guionistas como o mundo lá fora fazia, muito mais abaixo na hierarquia do que os elementos do elenco. Muitos guionistas aspiravam a fazer parte do elenco, e alguns tinham feito audições para o elenco, ao mesmo tempo que faziam audições para a escrita, mas eu sentia-me livre por não querer mais. Não era por acaso que nunca tinha aparecido à frente da câmara.

— É sem dúvida o meu emprego de sonho — disse eu. — Mesmo com o sexismo enraizado, mesmo quando mal durmo. Não consigo imaginar um trabalho onde me risse mais, ou onde as pessoas fossem mais talentosas e trabalhadoras. E ser paga para gozar com coisas que merecem gozo e ter uma plataforma enorme... que mais poderia desejar uma misantropa do Missouri?

Ele riu-se.

— És uma misantropa do Missouri?

— Sim e sim.

— Sinto-me assim acerca da minha música... Tipo, isto conta como emprego? Às vezes fico com medo de que alguém me venha dizer que fui apanhado. Enganei toda a gente durante duas décadas, mas agora perceberam que sou uma fraude.

— Qual é a parte fraudulenta? Que não sabes mesmo tocar guitarra?

Ele riu-se.

— Isso podia ser um *sketch*, na verdade — disse eu. — Com só, tipo, agitares os dedos nas cordas.

— Na verdade — repetiu ele. — Vês? Dizes mesmo muito isso. Mas não, a fraude é ser recompensado por uma coisa que faria de graça, de boa vontade. Era preciso achares que eras mais que os outros para viveres isso e nunca te questionares, ou pelo menos ficares espantado com a tua sorte.

— Aquilo que me preocupa é prolongar demais o meu tempo aqui — disse eu. — Dizem que há uma maldição do *TNO* em que, se ficares demasiado tempo aqui, ganhas mofo e perdes o barco para a fase seguinte da tua carreira. Mas só se aplica a guionistas e ao elenco. Muitos dos produtores e pessoal do guarda-roupa e maquilhagem estão aqui há séculos.

— Qual era o barco que perdias por não te ires embora? Tipo, qual é a tua próxima cena?

— Vou escrever guiões ferozmente feministas e não-condescendentes para comédias românticas.

Ele olhou para mim de relance.

— O que é que faz uma comédia romântica ferozmente feminista e não-condescendente? Para além de uma banda sonora das Indigo Girls.

— Essencialmente a qualidade da escrita. E, relacionado com isso, o desenvolvimento das personagens. Quando um desses filmes não funciona, geralmente é porque está horrivelmente escrito e/ou o guião não fez o trabalho de te convencer que o casal está atraído um pelo outro, por isso, não te importas se houver obstáculos no seu caminho que os mantêm separados. Outra implicância minha era que as personagens

femininas costumavam ser todas fofinhas, tipo, terem farinha no nariz depois de fazerem bolos e não saberem. Agora são uma trapalhada, tipo acordarem mesmo ressacadas e serem despedidas. Quero personagens que não são irrepreensíveis, mas também não são ridículas, nem incompetentes na vida.

Depois de um segundo, acrescentei:

— Uau, foram dois desabafos de seguida? Juro que, na verdade, não sou uma completa filha da mãe.

— Na verdade, não pareces nada uma filha da mãe.

— Acho que vou sair no fim da próxima temporada, daqui a treze meses. — Curiosamente, ainda não tinha dito isto a mais ninguém, incluindo a Viv, a Henrietta ou a minha agente. — E terei ficado aqui exatamente dez anos. Mas quem sabe se vou mesmo ser capaz de cortar o cordão umbilical?

— Estou contente por cá estares esta noite. — O Noah apontou para o ecrã do meu computador. — Para me salves de mim próprio.

Depois de uma pausa, ele disse:

— Tenho de perguntar. — Inclinou-se para a frente e deu um toque no pedaço de papel com as duas listas de palavras.

— A primeira coluna são palavras que o censor da estação permitiu nos *sketches*. A segunda é de palavras que o censor disse que eram ofensivas e tinham de ser alteradas. É quase como se houvesse um duplo padrão para termos relacionados com a sexualidade dos homens e termos relacionados com a das mulheres, hã?

— Isso é doido. Mesmo *rosada*? E *molhada*?

Ouvir o Noah dizer *rosada* e *molhada* juntas... Senti uma empatia sem precedentes com o censor, que, por acaso, era neste momento uma mulher na casa dos cinquenta, chamada Janice. Em voz alta, disse:

— Tudo depende do contexto, claro. É óbvio que podes ter alguém a dizer «Tens uma bonita camisola rosada». O problema das normas é que nem sequer são normas. É apenas o critério de uma pessoa.

— Achas que ser censurada alguma vez te forçou a encontrar uma forma de contornar, de melhorar o que tinhas originalmente?

— Claro — disse eu. — Mas, mesmo assim, não gosto da hipocrisia.

Depois de um silêncio companheiro, ele disse:

— Se nunca mais cantasse *Making Love in July*, não me importava. Escrevi-a aos dezoito anos, e estou grato, se é possível ficar grato a uma canção, porque me abriu muitas portas. Mas as repetições dos acordes são simplistas e, sim, é um bocado melosa. A razão para ainda a tocar não é para o meu próprio prazer. — Cruzámos o olhar, e ele disse: — Obviamente, vivemos num mundo em que os fãs têm formas de ser ouvidos, quando acham que foram defraudados.

Então era *isto* que estava por trás das perguntas acerca dos meus músicos preferidos: sentia-se defensivo acerca da ideia do Vendedor de Queijo que eu tinha proposto. Apesar da sua afirmação de que os *sketches* funcionavam melhor quando o apresentador gozava consigo próprio, talvez ele fosse tão vaidoso e sensível como qualquer outra pessoa.

— Ainda não escrevi o *sketch* do Vendedor de Queijo — disse eu. — O meu instinto é que pode ser divertido, mas não tens obrigação de o fazer se achares que é parvo, ou insultuoso, ou se simplesmente não quiseres.

— Terei de ver como fica, não é?

Tentei pensar numa forma simpática de dizer que, se era provável ele fazer pressão para cortar o *sketch*, preferia não passar as próximas dez horas a escrevê-lo.

— Pergunta aleatória — disse ele —, mas há cantores homens de que gostes?

— Oh, claro. Jason Isbell. Neil Young. E tu, claro.

— Claro. Quais dirias que são as tuas três canções favoritas do meu repertório?

Neste momento, surpreendentemente, não parecia vaidoso. Se não o conhecesse, não soubesse que encantar as pessoas fazia parte do seu trabalho, e que saía com modelos de vinte e dois anos, talvez até achasse que estava a flirtar.

— É difícil escolher — disse eu. — Uma coisa que admiro mesmo é o nível de qualidade com que trabalhas há tanto tempo.

— Bom esforço. Só três.

— Okay, bem... — Levantei o punho direito e estiquei o polegar. — Uma, *Making Love in July*. A seguir, hmmm... — Desesperada, procurei

na mente. Ele era suficientemente omnipresente para, apesar de não gostar da sua música, conhecer de certeza pelo menos três títulos das suas canções, mas era difícil lembrar-me delas de repente. Depois, de lado nenhum, veio-me um título e, soltando o indicador, exclamei: — *Best Laid Plans!*

Qual era o nome que ele tinha dito, daquela canção com a Amy Ray no coro? Ou já tinha revelado a minha ignorância? Depois, lembrei-me da colaboração que ele tinha feito com a cantora *pop* monónima Françoise.

— Oh, e *Sepia*. — Não tinha a certeza se *Sepia* contava mais como uma canção do Noah ou da Françoise, mas gostava dela, mais ou menos. Para mais, agora tinha três dedos triunfantemente levantados.

— É uma coincidência espantosa — disse ele —, sendo tão minha fã, que essas sejam as minhas três canções mais *populares*. Na verdade, essas são as três canções que alguém que nunca ouviu realmente a minha música conheceria. Não seria uma loucura se escrevesse um *sketch* completo sobre como a minha música é melosa, mas mal a tivesses ouvido?

— Se com uma loucura queres dizer flagrantemente irresponsável, então sim — disse eu. — Mas como sou a presidente da secção de Manhattan do teu clube de fãs, essa sugestão fere-me profundamente.

Ele sorriu abertamente e sacudiu a cabeça. Eu também sorri e disse:

— Sabes quando disse que não era uma grande filha da mãe? Se calhar sou uma grande filha da mãe.

— Impossível.

— Quando o clube de fãs se encontra, é na cave de uma igreja, penduramos um poster teu em tamanho real e ficamos a olhar para ele.

— Ai é? — disse ele, e depois fez algo muito desconcertante. Voltou-se para mim, segurou-me o queixo com a mão, e olhou-me fixamente nos olhos.

— Assim? — disse ele. — É isto que fazem?

O gesto era fraternal? Ou sedutor? Ou só estranho?

Parecia que ele se perguntava o mesmo, porque deixou cair rapidamente a mão e disse:

— Desculpa. Parece-me que é esquisito ter feito isto.

Por estar tão surpreendida, compensei em excesso. Numa voz alegre, disse:

— Por estes lados, tens de te esforçar *muito* mais para ser esquisito. Se fizesses chichi num frasco de *pickles* e o deixasses na minha secretária, era um começo. De qualquer modo, a sério, encontras-te com o Nigel, o Elliot e os produtores depois da leitura, e de certeza que te vão deixar ter a última palavra acerca do *sketch* do Vendedor de Queijo.

— Não, eu confio no processo — disse ele. — Sempre achei que quando...

Mas não fiquei a saber o que ele sempre achara, porque nesse momento fomos interrompidos. Autumn DiCanio, chefe do departamento de talentos do *TNO*, apareceu à porta com uma das suas assistentes. Quase todas as assistentes da Autumn eram louras bonitas, de cabelos compridos, acabadas de sair da universidade — o que também descrevia a Autumn, só que ela tinha quarenta anos — e, porque eu tinha dificuldade em distinguir as assistentes umas das outras, não tinha a certeza do nome desta.

— Noah! — disse a Autumn calorosamente. — Temos andado à tua procura por toda a parte! Como estás?

Ocorreu-me pela primeira vez que *era* bastante estranho esta revisão ter acontecido no meu escritório, que o Noah tivesse encontrado o caminho até mim sozinho. Os apresentadores costumavam estar no escritório a altas horas da noite, especialmente conforme a semana avançava, mas eram quase sempre acompanhados pela Autumn ou um elemento do seu pessoal, ou os guionistas iam ter com o apresentador ao seu camarim no oitavo andar, tipo suplicantes.

— Estou bem — disse o Noah. — A Sally tem estado a ajudar-me com o meu *sketch*.

— Fantástico — disse a Autumn. — A Sally é uma das nossas melhores. Temos um carro lá em baixo para te levar para o teu hotel quando estiveres pronto, a não ser que ainda estejam a trabalhar.

Nos meus primeiros anos no *TNO*, instintivamente não gostava da Autumn e desconfiava dela, por causa da sua energia animada, vivamente empresarial. No entanto, tinha-me apercebido, ao longo do tempo, de que ela era altamente organizada e competente, de uma

forma que era difícil não respeitar. E tinha ótimo gosto. Para além de agendar e acompanhar os apresentadores e músicos convidados, procurava novos membros para o elenco, que o Nigel depois aceitava ou recusava. Como acontecia com o Bob O’Leary, o público não sabia que a Autumn existia, mas ela tinha descoberto muitos dos nomes que todos conheciam.

O Noah voltou-se e olhou para mim — eu estava mais para dentro no escritório, mais distante da Autumn — e disse:

— Acho que acabámos, não?

— Envio-te a revisão por email.

— Sally, envia por email para mim e põe a Madison em cc, e nós tratamos do resto — disse a Autumn, e eu percebi que ela estava a tentar proteger o Noah de partilhar o seu endereço de email com um guionista; não sabia que já o tinha feito. Acrescentou: — Noah, nós asseguramo-nos de que o teu *sketch* está na pilha para a leitura. Vai ser às três, e o carro vai buscar-te às onze para a sessão fotográfica e os vídeos de promo, por isso esperemos que consigas ter uma manhã relaxante.

O Noah voltou-se outra vez na direção da Autumn, mas mais uma vez olhou para mim.

— Precisas de boleia para casa?

Ele estava a gozar? Eu disse:

— Oh, eu fico aqui às terças.

E a Autumn disse:

— Oh, aposto que a noite da Sally está só a começar.

O Noah levantou-se, então, e disse:

— Mais uma vez, obrigado. Fico-te mesmo grato.

— Estou cá para ajudar — disse eu e, de repente, senti-me terrivelmente desconfortável. Não sabia se o desconforto tinha origem em mim, ou se na chegada da Autumn e da assistente, cujo nome agora tinha oitenta e sete por cento de certeza que era Madison, ou se no facto de o Noah me ter recentemente tocado na cara. Tanto a Autumn como a talvez-Madison usavam calças de ganga pretas muito justas, camisas pretas angulares e botas pretas pontiagudas. De repente, apercebi-me de que estava de calças de fato de treino cinzentas, uma *sweatshirt* preta,

meias de corrida verdes-claras, e sem sapatos. O Noah estava algures a meio entre o estilo delas e o meu desleixo, de calças de ganga, ténis e uma T-shirt castanha de manga comprida, com um frigorífico.

Antes de os três saírem, o Noah acenou da porta.

— Vemo-nos na leitura.

QUARTA-FEIRA, 4h43min

Quando o Danny regressou, parecia exausto, mas emanava uma energia feliz. Antes de eu poder perguntar, ele disse:

— Está tudo bem em Bellyville.

— Ainda bem.

Desde a minha sessão de edição com o Noah, tinha passado duas horas e meia a trabalhar no *sketch* do Vendedor de Queijo. Depois da sua saída, senti-me agitada, talvez pela sua aura de celebridade, e não tentei voltar a dormir. Nesse momento tinha quatro páginas do *sketch*, que não eram muito boas, e a sobre-estimulação que me tinha agarrado às duas da manhã tinha desaparecido há muito. Peguei nas páginas de A Regra Danny Horst que estavam sobre a secretária e estendi-as ao Danny.

— Ajudas-me com o teu diálogo?

— Caramba, Sally, tem um bocadinho de amor-próprio.

— Estou a tentar entregar três *sketches* diferentes — disse eu.

— Isso é problema teu. Achas que era estranho se a Belly e eu paríssemos um copo no nosso casamento? Ela sugeriu.

— Tu queres?

Ele encolheu os ombros. Raramente o referia, mas uma parte bem conhecida da história da origem de Danny era ter crescido num enclave judeu ortodoxo de Nova Jersey. Como o rapaz mais velho de sete irmãos e irmãs, frequentara uma *yeshiva* durante o secundário, e esperava-se que se tornasse um rabino, como o pai. Mas, secretamente, ele via comediantes na televisão por cabo desde os doze anos e tinha deixado a comunidade depois de um ano numa faculdade rabínica, quando se mudara para um abrigo para jovens adultos sem-

-abrigo que, por coincidência, ficava a cerca de quilómetro e meio do *TNO*. Sete anos mais tarde, o Danny ainda estava afastado de toda a família, exceto de um irmão, o que, brincava ele, era um preço razoável a pagar para poder comer gambas fritas. E estava longe de ser a única pessoa do *TNO* a ter sofrido azares; a tragédia, claro, gerava muitas vezes comédia.

O Danny pegou nas folhas e lia-as tão depressa que, se não o conhecesse, ia achar que estava só a dar uma vista de olhos.

— Isto é brutal — disse ele. — Mas no sentido de ser fantástico.

Pegou numa caneta da sua secretária e começou a preencher os espaços que eu tinha deixado em branco. Quando acabou, disse:

— É definitivamente melhor se eu for o segundo polícia a entrar, não o primeiro.

— Porque aumenta a tensão sobre quando vais aparecer?

Ele assentiu.

— Pergunto-me se o Noah estaria disposto a ser o primeiro polícia, em vez do tipo no encontro — disse eu. — Mas ele foi tão negativo relativamente ao *sketch* na reunião de propostas, que nem quero perguntar.

— Sim, ele deu mesmo uma nega no escritório do Nigel.

Pensei em contar ao Danny acerca do meu recente encontro com o Noah, mas como o faria? Não sabia. Em vez disso, disse:

— Obrigada por reparares.

O Danny fez um sorrisinho, enquanto me entregava as páginas.

— Chuckles, toda a gente reparou.

QUARTA-FEIRA, 14h57min

No interlúdio entre entregar os meus *sketches* e a leitura, apanhei um táxi para casa, dormi durante uma hora, acordei, tomei duche e fui a pé até à estação de metro da Seventy-ninth Street. Enquanto estava na plataforma, à espera, li as mensagens que tinham entrado durante a minha sesta, entre quais estavam duas da minha colega de quarto na faculdade, Denise, a pediatra, que vivia em Austin. Para responder à minha questão sobre se o oftalmologista da Viv podia convidá-la para sair, a Denise escrevera:

O médico não devia convidá-la para sair. Mas não conheço leis ou regras específicas. Sei que é diferente com psicólogos/psiquiatras em que pode não ser ético.

Depois: *É para um sketch ou a vida real?*

Vida real, escrevi de volta. A minha amiga pode convidar o dr para sair?

Da Henrietta, para mim e para a Viv, havia uma foto de um pacote de batatas fritas com sabor a café e uma mensagem: *Sabíamos que estas existiam?*

Quando cheguei ao andar dezassete do 66, a Henrietta e a Viv estavam sentadas no sofá do meu escritório e o Danny estava à secretária. A Viv inclinou o pacote de batatas na minha direção e eu tirei uma, que me parecia uma batata frita normal coberta por um pó de canela. Dei uma dentadinha minúscula, enquanto o Danny dizia:

— Não é a pior coisa de sempre.

Engoli.

— Ou será que é?

O Danny estendeu a mão e tirou mais algumas, enfiou-as na boca e disse, enquanto mastigava:

— São erradas, mas estranhamente apelativas.

A Henrietta disse:

— Como os Log Cabin Republicans.

— Ou aquele macaco no Japão, que foi apanhado a tentar foder um veado — acrescentou a Viv.

Enquanto descíamos para a sala de conferências, disse à Viv:

— A minha colega de quarto diz que não é suposto o doutor Globos-Oculares convidar-te para sair, mas perguntei-lhe se tu podes convidá-lo. Estou à espera da resposta.

A Viv fez uma careta.

— Pois, eu não costumo fazer isso.

— Como é ser tão bonita, que nunca tens de dar o primeiro passo?

Ela riu-se.

— Tem vantagens, mas é exigente. Também, no meu caso, complicado pela misoginegra americana constante.

A sala de conferências estava cheia quando entrámos, com a maioria dos lugares ocupados, tanto em redor das mesas juntas ao centro, como em redor do perímetro da sala. Havia ainda mais elementos do pessoal

nas leituras do que nas reuniões de proposta, incluindo do cabelo e maquiagem, guarda-roupa, cenografia e departamento musical. Espalhados sobre as mesas estavam guiões dos *sketches* e, porque íamos lá estar durante três horas, garrafas de água e travessas de sanduíches, salada, fruta cortada, batatas fritas (presumivelmente não com sabor a café) e bolachas. Considerar esta refeição pequeno-almoço, almoço ou jantar dependia de até que horas se tinha estado acordado na noite anterior.

O Danny, a Viv e a Henrietta sentaram-se todos a uma mesa que tinha sido guardada para eles. Eu ocupei um lugar no segundo perímetro, de costas para uma janela que dava para o som abafado do trânsito e dos turistas a passear, dezassete andares abaixo. O Noah Brewster estava a meio das mesas, na parte sul, à esquerda do Nigel, que narrava sempre as indicações cénicas em todos os *sketches*. Quanto pior o *sketch* era recebido, mais depressa ele lia.

Eu estava a cerca de seis metros do Noah, mas mesmo à sua frente e, quando estabelecemos contato visual, ele sorriu e eu senti uma onda selvagem dentro de mim, embora não soubesse se seria pânico, excitação ou outra coisa. Ele era terrivelmente atraente, sim, mas eu já sabia isso. Por reflexo, afastei o olhar, como se fôssemos estranhos que acidentalmente tivessem cruzado o olhar no metro. Apercebi-me de que afastar o olhar tinha sido mal-educado e estranho, porque *não éramos* estranhos no metro. Éramos colegas, ainda que só ao longo dessa semana, e parte do meu trabalho era fazê-lo sentir-se confortável. Voltei rapidamente a olhar, vi que o seu sorriso tinha sido substituído por uma expressão mais intrigada e forcei um sorriso. Quando o fiz, ele levantou uma mão e acenou. Depois, um elemento do elenco chamado Bailey, é primeire atore não-binárie do TNO (*italico*), inclinou-se da esquerda do Noah e disse alguma coisa, o Noah voltou-se e respondeu, e elus riram-se.

O Elliot, o guionista principal, deu início à reunião colocando dois dedos em cada lado da boca e assobiando, e metemos mãos ao trabalho. Os elementos do elenco que entregavam *sketches* davam sempre a si próprios os papéis principais, que liam, enquanto os guionistas atribuíam os papéis a diferentes elementos do elenco, e estas atribuições às

vezes mantinham-se, outras não. Se o Nigel decidia que um elemento do elenco, em especial um favorito, tinha uma «semana leve», podia fazer alterações à medida que os *sketches* avançavam.

Começámos com um *sketch* sobre uma atriz porno que alegava que o Trump lhe pagara para se calar acerca do caso entre eles, depois havia um *sketch* em que o Noah cantava o hino nacional antes de um jogo da NFL, em dueto com uma diva famosa representada pela Henrietta, e competiam pelas notas mais agudas. O primeiro *sketch* que me fez rir realmente foi o agora intitulado Alma de Olho-Azul, escrito pelo Tony, em que o Tony era um político branco a pregar numa congregação negra.

Mesmo depois de nove anos, eu achava os ensaios de leitura fascinantes, porque representavam a interseção de muitas forças criativas e psicológicas. Numa sala repleta de gente importante na minha vida, mas sem público exterior, tinha sempre uma curiosidade desesperada para saber como os meus *sketches* seriam recebidos e como seriam os outros *sketches*; por vezes ficava chocada com o brilhantismo de alguns *sketches* e a astúcia de outros; e era perturbadoramente fácil inferir as dinâmicas sociais pelo riso e a simpatia, ou a falta deles, com que um *sketch* era recebido. Mais de uma vez, fora numa leitura que inicialmente suspeitara de que duas pessoas estavam envolvidas romanticamente, ou que alguém ia ser despedido no final da temporada.

Ao fim de uma hora e cinco minutos, chegou A Regra Danny Horst. Naquela que eu achava que era a minha melhor fala, só houve um riso sem convicção, enquanto, para minha irritação, as falas com riso mais alto foram as que o Danny escrevera para si próprio. Ainda assim, sentia que graças à sedutora premissa autorreferencial, provavelmente chegaria à fase seguinte.

O comentário formal não acontecia durante a leitura — o comentário *era* o teu *sketch* aparecer no alinhamento do programa. Mas antes de seguirmos para o *sketch* seguinte, o guionista Jeremiah, sentado atrás do Nigel, disse:

— O que eu respeito mesmo na Sally é a audácia perante a possibilidade de ofender metade do pessoal aqui.

Da minha cadeira contra a janela, eu disse:

— Tomo isso como confirmação de que isto vos diz alguma coisa.

Uma guionista chamada Jenna disse:

— E viveram heteronormativamente para sempre. — E ê Bailey inclinou-se para trás e bateu com o punho no da Jenna.

Por coincidência, o meu *sketch* Tagarelas veio imediatamente a seguir ao A Regra Danny Horst e também teve umas respeitáveis, embora não excessivas, gargalhadas. Os guionistas consultavam frequentemente os elementos do elenco, incluindo o apresentador, que iam ler os *sketches*, para pedir sugestões sobre que tom usar. Embora eu não tivesse procurado o Noah — tinha chegado à leitura mesmo antes de começar, e para mais, sentir-me-ia estranha a dar-lhe instruções —, ele fez um bom trabalho. O conceito era que os jurados masculinos da competição de canto falassem também por cima dele, para além de falarem por cima da jurada, e ele e a jurada começavam a fazer outras coisas, como a limar as unhas, jogar damas e a tirar tapetes de ioga e a sentar-se na posição de lótus. A alquimia que eu descrevera ao Noah na noite anterior acontecia quando um *sketch* ia das palavras numa página para uma encenação ao vivo muito mais engraçada.

Depois do Tagarelas, porém, houve uma série de falhanços, incluindo um de um guionista de primeiro ano chamado Douglas, a quem a Henrietta, a Viv e eu nos referíamos por trás das suas costas como Chavão, porque o seu objetivo principal no *TNO* parecia ser enviar um chavão para o *zeitgeist*. Esta semana, o chavão que o Chavão estava a tentar criar era «A p'dalar p'ra ti, a p'dalar p'ra longe de ti» — o *sketch* tinha o próprio Chavão num monociclo — e eu senti uma explosão de desprezo. Como, e por que razão, é que o Chavão tinha sido contratado? Como, e por que razão, era tão confiante? Na sua segunda semana, eu sugerira, na reescrita de um *sketch* de outra pessoa, que uma mulher se pusesse de gatas para forçar um pum a sair, antes da chegada do seu encontro. Referindo-se a um *sketch* viral de há sete anos, o Chavão tinha dito num tom casual, mas sabedor:

— Isso é demasiado derivativo do «A Minha Namorada Nunca se Peida».

Eu tinha respondido:

— Hmm, pergunto-me se será porque fui eu quem escreveu «A Minha Namorada Nunca se Peida».

Não parecendo nada repreendido, o Chavão disse:

— Ah, então és uma autocanibalizadora.

O *sketch* do Noah — Coreografia — foi depois do P'dalar. Teve gargalhadas de imediato, quando o Nigel leu o intertítulo *Madison Square Garden, Maio 2001*, e, embora o riso diminuísse em vez de aumentar com o avanço do *sketch*, ainda parecia suficientemente engraçado para passar por mérito próprio e não apenas por ter sido escrito pelo apresentador. No fim, o Noah cruzou o olhar com o meu e acenou com a cabeça uma vez. Eu devolvi o aceno.

O Vendedor de Queijo era o último *sketch* da leitura, sendo que, por essa altura, havia uma inquietude palpável no ar. As pessoas estavam sempre a levantar-se para ir à casa de banho ou esticar as pernas; até o intervalo a meio já acontecera havia noventa minutos. Quanto mais cedo na leitura viesse o teu *sketch*, mais provável era, independentemente da qualidade, que fosse bem recebido. Por esta razão, e porque não me sentia muito inspirada ao escrever o Vendedor de Queijo, as minhas expetativas eram baixas.

Estava errada, porém; o *sketch* foi recebido com muitas gargalhadas. E a maior parte podia ser atribuída ao Noah. Nas indicações cénicas, tinha definido que ele cantasse as linhas que introduziam os queijos — «Este é um Suiçço» ou «Temos aqui um delicioso Camembert» — e ele atirou-se a isso, de maneira operática. Tinha dado os papéis dos três clientes à Henrietta, Viv e Bailey, e todes tinham uma química ótima com o Noah. Ou talvez fosse por toda a gente estar simplesmente aliviada por a reunião ter chegado ao fim.

Enquanto, por fim, nos levantámos todos e as pessoas deitavam fora os seus pratos de papel e conversavam, tirei o telefone do bolso das calças de ganga. Por vezes, claro, tinha o impulso de ir ver o telefone durante as reuniões, antes de me lembrar de que a possibilidade de qualquer mensagem do exterior me importar tanto como o que acontecia dentro da sala era infinitesimal.

Tinha recebido resposta da minha companheira de quarto da faculdade, Denise:

A tua amiga pode sem dúvida tentar convidar o médico, mas a maior parte dos médicos diria, tipo, «Oh, obrigado. É muito querida». E continuavam a consulta. Basicamente nem reconheciam o convite.

Fiz captura de ecrã da mensagem, enviei-a à Viv — que estava a quatro metros e meio, a conversar com o Nigel e a Autumn — e acrescentei: *É óbvio que a minha companheira de quarto não sabe que a amiga és tu e que as leis da gravidade não se aplicam.*

QUARTA-FEIRA, 21h13min

Depois do ensaio de leitura, o Nigel, o Elliot, o Bob O'Leary e outro produtor chamado Rick Klemm iam para o escritório do Nigel no décimo sétimo andar e fechavam a porta. Uma ou duas horas depois, sabíamos se o nosso *sketch* tinha sido escolhido para o programa de sábado — ou, com mais exatidão, se ainda não tinha sido eliminado —, quando um estagiário aparecia na sala de conferências e afixava a lista de *sketches* da leitura com as escolhas destacadas, depois deixava, sem nenhuma cerimónia, listas com os destaques em cima da mesa. Entretanto, no escritório do Nigel, cartões de índice de cores brilhantes eram pregados num quadro de cortiça com uma ordem provisória de apresentação. Toda esta informação podia ser enviada por email, poupando o convívio entre pessoas que recebiam boas e más notícias, mas esta era outra tradição do *TNO* que o Nigel pelos vistos não tinha nenhum desejo de alterar. Tipicamente, havia uma mão-cheia de gente à espera na sala de conferências, para ver a lista, e os que não estavam à espera rapidamente passavam por lá, quando se espalhava a notícia de que as listas tinham saído.

O intervalo entre o fim da leitura e a revelação do alinhamento era sempre um tanto tenso e esquisito — algumas pessoas saíam deliberadamente do edifício, incluindo um conjunto de guionistas homens que jogavam basquetebol —, mas eu ficava por ali. Não era uma espera assim tão longa, e eu queria saber assim que possível se iria estar a trabalhar freneticamente, exultantemente, entre aquele momento e sábado à noite, ou se não teria muito para fazer, a não ser assistir às

reescritas de quinta-feira. O mais frequente era um dos meus *sketches* passar a leitura, e eu sentia-me particularmente otimista esta semana, mas estava longe de ser garantido.

No escritório partilhado da Viv e da Henrietta, a Viv fez-nos avaliar, de várias distâncias, a lesão no seu olho, que estava a desvanecer de um ponto vermelho para um ponto amarelo. Tentava perceber exatamente a quantos centímetros era visível.

— Não é mesmo nada óbvia — disse eu. — Já me tinha esquecido dela se não estivesse sempre a lembrar-me.

— Não estás a ver-me em alta-definição.

A seguir, para matar tempo, eu e a Henrietta tentámos convencer a Viv de que enviar um email ao médico dos olhos e oferecer-lhe um bilhete para o programa não violava a sua política de não dar o primeiro passo. Ou que, se violasse, talvez isso também fosse aceitável.

A Viv estava deitada no chão, a alongar, a dobrar-se e a voltar a perna esquerda para o lado e a pressionar o cotovelo direito contra o joelho, e a Henrietta e eu estávamos as duas afundadas no sofá. Olhando para Henrietta, a Viv disse:

— É melhor não usares isto.

Referia-se ao segmento da Henrietta na Redação, o recorrente Serão As Pessoas Hetero Fixes, da qual a Henrietta oferecia diligentes atualizações falsas sobre o ridículo e a toxicidade absoluta de casais heterossexuais proeminentes. Supostamente para obter material, a Henrietta, cuja esposa era uma professora de História da Arte chamada Lisa, seguia os boatos sobre celebridades com maior avidez do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse. A ironia de a Henrietta ser ela própria uma celebridade, embora muito privada que, também ironicamente, não tinha presença nas redes sociais, não passava despercebida a nenhuma de nós. Embora eu tendesse a ser solidamente versada em boatos, a Henrietta apanhava sempre os petiscos primeiro. Tinha sido através de uma mensagem dela, acompanhada de um *link*, que eu tinha sabido que o Danny e a Annabel eram namorados.

— E que tal isto? — disse eu, e li em voz alta o email que estava a escrever no meu telefone. — «Doutor Elman, foi um prazer conhecê-lo ontem, e hoje sinto-me bem. Como agradecimento, estava a pensar se

posso oferecer-lhe um bilhete para o *The Night Owl*, de cujo elenco faço parte. Diga-me se está interessado e podemos combinar o encontro. De qualquer forma, agradeço mais uma vez a sua ajuda. Viv.»

— Diga-me se está interessado em tirar-me a roupa toda e dar uma queca, e podemos combinar o encontro — disse a Henrietta. — Mas, Viv, tens o email dele?

— Ele deu-mo, para o caso de eu ter perguntas sobre o meu olho.

— Certo. — A Henrietta fez aspas no ar. — «Sobre o teu olho.»

— Sem ofensa, Sally, mas esse email é aborrecido e não tem graça nenhuma — disse a Viv.

— Isso é verdade, mas está em aberto e não insiste muito na questão médica. Não incluí, de propósito, a palavra *olho*, mas tem as palavras *sinto-me bem*, *interessado* e *encontro* para o atrair subliminarmente.

— A sério? — disse Viv.

— Não — disse eu. — Bem, talvez. Acho que dá aos dois a cobertura de que precisas neste ponto. Estás a convidá-lo para sair ou a expressar agradecimento pelo tratamento? Quem sabe? E pareces modesta, por não assumir que ele sabe que estás no *TNO*, certo? Embora aposte que ele sabe.

A Viv franziu o nariz.

— Chamar-lhe doutor Elman é tão formal.

— Sabes como se chama? Ted? Teddy?

— Posso ou não ter feito algum reconhecimento e descoberto uma atualização, como antigo aluno, que ele enviou para a turma de 1988 da Penn. Tem cinquenta e dois anos e chama-se Theo.

— Caramba, tem cinquenta e dois? Não é caramba por ser tão velho, quer dizer, é um bocado velho, mas caramba, eu calculava menos uns dez anos.

— Não vos ensinei nada? — A Viv pareceu tão divertida como impaciente. — *Black don't crack*.

— Desculpa — disse eu. — Mas mesmo assim.

— Alguma vez andaste com alguém muito mais velho do que tu? — perguntou a Henrietta.

— Tipo, há uns cinco anos, um tipo italiano fez-se a mim no avião de regresso de Paris, e saímos umas vezes. — Sorriu. — Achas que o doutor Theo teve um desses casamentos jovens, como tu, Sally?

— Se teve, teria sido no início dos anos noventa. Quando tu estavas, o quê, no jardim de infância? Mas, na verdade, ele parece-me bem. Profissionalmente bem-sucedido, mas não na indústria do entretenimento, por isso não se vai sentir ameaçado pela tua carreira. A maioria dos médicos... — E, nesse momento, todos os nossos telefones explodiram com mensagens de outros elementos do elenco e de guionistas, a dizer-nos que os *sketches* tinham sido escolhidos.

Também seria fácil, claro, alguém enviar uma foto das escolhas, mas ninguém o fazia, nunca. Levantámo-nos e apressámo-nos a ir à sala de conferências, e, quando virámos a esquina, um elemento do elenco chamado Duncan disse-me:

— Nada mal, Milz.

O Danny estava de pé, em frente à lista afixada, e arqueou as sobrancelhas e disse:

— Fizeste um três-em-um, Chuckles. — Levantou uma mão para um dá-cá-mais-cinco, e eu dei-lho.

Incluído na lista, para além de A Regra Danny Horst, o Vendedor de Queijo e o Tagarelas, estava o *sketch* Coreografia, do Noah; uma curta digital do Tonny e da Lianna, que justapunha imagens de um avô negro consternado, representado pelo Jay, a ver vídeos nas redes sociais, com mulheres brancas a mostrar as formas como tinham «melhorado» várias receitas, tipo, acrescentando passas ao macarrão com queijo, ou *marshmallows* a quiabos fritos; o *sketch* James Comey; Irmã & Padre, um *sketch* recorrente em que a Henrietta fazia de uma freira apaixonada por um padre, representado pelo Hakeem, que esta semana trazia o Noah como Papa; um *sketch* de uma guionista chamada Tess sobre medicamentos falantes num armário de casa de banho; um *sketch* dos Três Tenores do Joseph; e o horrível P'dalar p'ra Ti do Chavão. Nem o *sketch* das pesquisas no Google pelos cães, que eu escrevera em coautoria com a Viv e a Henrietta, nem o meu *sketch* favorito da leitura, o do Tony sobre o político branco na igreja negra, tinham sido escolhidos. E era

provável que mais dois ou três fossem eliminados. Não havia garantias no *TNO*, mas mesmo assim: nunca, em nove anos de *TNO*, eu tivera três *sketches* no mesmo episódio.

Um dos guionistas, Patrick, disse cordialmente:

— É assédio sexual se te disser que neste momento te detesto?

Eu e os outros guionistas cujos *sketches* tinham sido escolhidos fomos até um escritório ao lado do do Nigel para falar com os chefes de todos os departamentos que tornariam as nossas palavras tridimensionais: guarda-roupa, cabelos, maquiagem, *design* de produção e efeitos especiais. Os cenários seriam construídos num armazém em Brooklyn, depois trazidos para o 66, idealmente na sexta-feira, para serem pintados. Enquanto conversava com um cenógrafo chamado Buddy, disse:

— Sim, uma mistura de pedaços triangulares e rodas de queijo, mas ambos muito maiores do que a realidade.

E a seguir disse a uma mulher do guarda-roupa, chamada Christa:

— Para o Tagarelas, estou a imaginar o Noah em qualquer coisa do tipo calças de estampado animal e um blusão de ganga, por isso acho que uma onda metálica?

O resto da semana ia ser desafiante e esgotante e desmedido e magnífico, e eu pensei, quando me encontrei com o Bob O’Leary para confirmar que elementos do elenco estavam em cada um dos meus *sketches*, para ele poder coordenar todo o louco tabuleiro de xadrez do *TNO*, que o que tinha dito ao Noah na noite anterior, que aquilo em que pensara mil vezes, era verdade: sem dúvida, o melhor trabalho do mundo.

QUINTA-FEIRA, 01h08min

Ia em direção aos elevadores, para me ir embora, quando ouvi alguém dizer:

— Ei, Sally.

Quando me voltei, o Elliot, o guionista principal casado com a cantora com múltiplos discos de platina chamada Nicola, estava debruçado para fora do seu escritório.

Parei.

Ele disse:

— Belo alinhamento, no quadro de cortiça.

Como ele estivera na reunião em que a primeira ronda de *sketches* fora selecionada, disse-lhe:

— Se estás a oferecer-me a oportunidade de te agradecer, vou esperar pelo programa ao vivo. — Não fiz notar que nunca saberia se ele argumentara a favor ou contra qualquer um dos meus *sketches*.

— Fico chocado se pelo menos um não for para o ar — disse o Elliot, o que não me pareceu particularmente encorajador. Acrescentou: — Só queria dizer, sem tocar em pontos sensíveis... espero... — Parou, e eu lembrei-me de que, embora com o tempo ele se tivesse reinventado num árbitro cultural bem arranjado e bem-sucedido, casado com uma estrela *pop*, ainda era essencialmente um guionista desajeitado.

E embora eu própria estivesse habituada à falta de jeito, não ia ajudá-lo.

— Esperas...? — repeti.

— Que um dia possas deixar o passado para trás.

Se fosse boa atriz, diria:

«Isso quer dizer o quê?»

Mas claro que sabia ao que ele aludia; embora ele estivesse errado, eu sabia. O Elliot tinha começado no *TNO* um ano antes de mim e era famoso por ter conseguido um *sketch* tremendamente *popular* no seu primeiro episódio. Na altura em que me juntei à equipa, ele parecia um veterano muito estimado. Pelo contrário, o meu primeiro ano fora turbulento e confuso, sentira-me muitas demasiado intimidada até para falar, só dois dos meus *sketches* tinham ido para o ar em toda a temporada, e eu não sabia se seria convidada a voltar. Na semana de agosto depois de o meu contrato ter sido renovado, uns meses antes de a temporada seguinte começar, em outubro, tinha-me cruzado com o Elliot na Strand, ao lado de uma mesa de romances em tradução, e tínhamos acabado por tomar um café e ter uma conversa surpreendentemente franca. Tinha-lhe confiado todas as inseguranças que me atormentavam — a minha total falta de experiência na comédia *stand-up* ou de

improvisado, o facto de não ter frequentado Harvard — e ele tinha-me dito simplesmente que era tudo normal, quase toda a gente se sentia insegura, mesmo as pessoas que tinham muita experiência na comédia *stand-up* ou de improviso, e tinham frequentado Harvard, e que a sua trajetória era mais anómala do que a minha. O *TNO* gostava de talento bruto. O Nigel preferia contratar pessoas que estavam no seu primeiro emprego, porque assim podia moldá-las. O Elliot fez notar que eu nem sempre submetia um *sketch* para a leitura, e perguntou se os escrevia e não submetia, ou nem sequer os escrevia.

— O primeiro — disse eu.

Ele disse que nunca devia ser eu a rejeitar preventivamente as minhas ideias; devia forçar outras pessoas a fazê-lo. Na verdade, devia submeter um mínimo de dois *sketches* por semana, mesmo que não achasse que estavam perfeitos. Havia tantas variáveis que afetavam o destino de um *sketch* — o apresentador, o momento que o país atravessava, a disposição do Nigel — e, para mais, uma ideia podia sempre ser melhorada nas reescritas. E também, disse o Elliot, eu devia procurar elementos do elenco que tivessem começado mais ou menos no meu ano, que estivessem tão verdes e famintos como eu, e devíamos juntar os nossos talentos e subir de posição juntos. A nossa hora podia não ser agora, mas, se persistíssemos, ela chegaria. A única forma de aprender, disse ele, era fazendo. Ele não o disse dessa forma, e nem sequer estou certa de que ele soubesse que era o que dizia, mas a sua mensagem era: age como um homem. Foi uma mensagem que acabou por ser valiosa.

Nessa altura, ele estava a anos de distância de ser nomeado guionista principal — fazíamos parte de um grupo de doze guionistas — e tornámo-nos muito amigos. Não escrevíamos juntos, mas na minha segunda temporada do programa, éramos editores do trabalho um do outro, trocando ideias prévias e dando vida a rascunhos iniciais, e a nossa compatibilidade teve o efeito infeliz de me fazer pensar que estávamos apaixonados. Eu não saía com ninguém desde o divórcio, que se tornara oficial uns meses depois de ter chegado ao *TNO*. Ao contrário da dinâmica com o meu ex-marido, o Elliot e eu partilhávamos uma linguagem, uma sensibilidade geral e o mesmo

horário incrivelmente bizarro. Depois de conter os sentimentos durante sete meses, confessei o meu amor por ele, meio bêbada, no fim da festa a seguir ao último programa da temporada do meu segundo ano, ele rejeitou-me, eu chorei junto de uma guionista chamada Stephanie, enquanto ela comia um prato de camarões grelhados com sésamo e cebolinho, e nunca mais fui próxima do Elliot. Nos sete anos seguintes, embora assistíssemos frequentemente às mesmas reuniões e passássemos um pelo outro no estúdio, só falávamos quando necessário.

Mas eu nem o desejava, nem tinha ressentimentos dele, como pressentia que ele sempre julgara. Embora tivesse ficado magoada e humilhada pela sua rejeição, apercebi-me depressa de que ela me libertara e me fizera ver as coisas com clareza. Nunca mais arriscaria envenenar o *TNO* para mim própria apaixonando-me ou tentando sair com alguém dali. E essa decisão fez-me ver que escrevia de maneira diferente quando, mesmo de forma subconsciente, procurava aprovação masculina, aprovação *sexual* masculina: uma forma mais acanhada, mais reservada, mais receosa de ser vista como zangada ou ordinária. Era o equivalente sintático de me vestir como uma zombie *sexy* no Halloween. Da minha terceira temporada em diante, tinha aceiteado a minha raiva e vulgaridade. Passara a ser um zombie nojento.

Comecei a escrever sobre temas ostensivamente femininos, o vinco entrepernas nas calças e a desigualdade de salários, a síndrome do ovário poliquístico e Jane Austen, *Do-si-dos* e *Trefoils*, mamografias e cintas modeladoras, *Dança Comigo* e a dita simpatia das mulheres na política. Em outubro daquele ano, já tinha escrito o meu primeiro *sketch* viral, Nancy Drew e o Acesso ao Aborto Desaparecido, no qual a Henrietta fazia da detetive feminina. Em dezembro, tinha escrito o meu segundo, *A Minha Namorada Nunca Se Peida*, uma curta digital que intercalava homens numa festa de despedida de solteiros a comentar que as suas namoradas e mulheres cheiravam sempre maravilhosamente e não tinham pelos, com imagens de mulheres a grunhir e a suar enquanto transportavam um sofá pelas escadas acima, a contorcer-se na sanita com diarreia explosiva e a dar ins-

truções a uma esteticista que lhes tirava os pelos do olho do cu com cera. Não tentava ser nojenta só para ser nojenta, mas não tentava não ser nojenta.

Uns anos depois de não retribuir os meus sentimentos, o Elliot pareceu desenvolver uma amizade quase igual com outra guionista, só que tive a impressão de que eles *andavam* enrolados, mas não durou. Na mesma temporada em que ele se tornou guionista principal, Nicola Dornan foi uma artista musical convidada no programa, começaram a sair e, um ano mais tarde, casaram-se. Este desenvolvimento pareceu confirmar a sua aparente convicção de que não devia ter-se contentado comigo. Bastantes pessoas do *TNO* foram convidadas para o casamento, e eu não fui uma delas.

Tudo isto para dizer que, enquanto estávamos parados no corredor no exterior do seu escritório, sob uma foto emoldurada do um antigo elemento lendário do *TNO*, da primeira temporada, vestido de coelhinho da Páscoa — havia muitas fotos dessas a enfeitar os corredores —, eu sabia que o Elliot dizia que esperava que eu um dia conseguisse esquecê-lo.

Tentei soar persuasivamente não-defensiva ao dizer:

— Verdade verdadinha, Elliot, o *sketch* A Regra Danny Host não é sobre ti. Não é uma vingança por teres casado com a Nicola.

A expressão no seu rosto era compassiva e descrente, o que me fez perceber que teria, de longe, preferido insensível, mas crente. Num tom sombrio, ele disse:

— Tens boas qualidades, Sally. Não estás fora de jogo, a não ser que aches que estás.

Detestei-o tanto, que quase estragou retroativamente o sábio, mas não inteiramente diferente, conselho que ele me dera anos antes. Estava a tentar arranjar uma resposta que parecesse educada, e ao mesmo tempo funcionar como uma retaliação — *Vai-te foder* não era adequadamente inteligente, nem subtil — quando ele acrescentou:

— Sabes, devias tentar convencer a Annabel a aparecer no *sketch*.

Ao mesmo tempo, pensei que ele tinha razão; que esta era uma sugestão que ele teria considerado foleira antes de se tornar guionista principal, mas agora uma participação de uma celebridade aumenta-

ria a vida futura de um *sketch online* e conquistar-lhe-ia pontos com o Nigel; e que eu respeitava a sua capacidade para me ajudar profissionalmente, mesmo se, pessoalmente, ele se mostrava condescendente comigo.

— Não é má ideia.

QUINTA-FEIRA, 01h51min

Depois de me meter na cama, fiquei deitada de costas, apoiada na cabeceira com duas almofadas, e toquei no símbolo da aplicação de música no meu telefone. Assim que digitei *NO* na barra de pesquisa, as letras autopreencheram-se imediatamente com *Noah Brewster*. A primeira canção que apareceu foi *Making Love in July*, que aparentemente tinha, só nesta aplicação, sido ouvida mais de 475 milhões de vezes. O número não me fazia gostar da canção, mas, como pessoa que se sentia orgulhosa quando um milhão de pessoas via um dos seus *sketches* no YouTube, achei difícil não ficar impressionada. Ouvi mais algumas das canções mais famosas do Noah que não reconhecia pelo nome — uma chamava-se *Sober & Thirsty* e outra *Topanga Sunshine* — depois digitei *Noah Brewster menos famosas*. Uma lista de duas horas e quarenta e oito minutos, com trinta e nove canções, criada por outro subscritor do serviço de *streaming* cujo nome era *BestBrewstyFanBarcelona*. A lista tinha zero gostos e a utilizadora tinha oito seguidores. Carreguei na setinha para tocar, pousei o telefone na mesa de cabeceira e fechei os olhos, enquanto uma canção chamada *All Regrets* começava, uma narrativa na primeira pessoa sobre a promessa e excitação de um novo relacionamento, o desgosto do seu colapso e a mágoa, não por perder uma mulher, mas por estar mais uma vez errado no seu otimismo romântico. Tanto a letra como a melodia eram diretas e, embora não fizesse ideia do que se passava com a guitarra, os outros instrumentos, ou o coro, a canção era agradável de ouvir, e ao mesmo tempo devastadoramente triste.

O Noah Brewster seria triste? Com aquele cabelo e aqueles dentes brancos? Pesquisei para ver em que ano a canção tinha sido lançada — 2013 — e digitei *Quem Noah Brewster namorava 2013*. A minha questão

exata não foi respondida, mas apareceu-me uma avalanche de artigos relacionados, incluindo uma apresentação de slides com o título «Todas as Mulheres Famosas Com Quem Vimos Noah Brewster» e um artigo com o título «Contar Tudo Com Noah Brewster», que era o relato de uma fã acerca de ter feito sexo com ele no seu quarto de hotel, depois de um concerto em Sacramento em 2009. A foto que o acompanhava mostrava uma mulher bonita, com montes de cabelo escuro encaracolado, *leggings* e um casaco com fecho; era, ou fora em 2009, uma nutricionista que assistira ao seu concerto com uma amiga. Relatava que o Noah tinha sido um amante atencioso, que a tatuagem céltica nas suas costas ecoava nela porque tinha passado o seu segundo ano de faculdade na Irlanda, e que as suas tentativas para comunicar com ele, depois da sua noite juntos, não tinham tido sucesso, embora tivessem tido uma «ligação espantosa». Depois, li uma entrevista de 2016 com o Noah na *Rolling Stone*, que incluía vários factos que, de algum modo, eu sabia, fosse pela sua bio para o *TNO* ou por osmose *pop* cultural: que ele frequentara um colégio de elite só para rapazes em Washington D.C., era filho de um pai advogado e uma mãe que trabalhava em educação, que tinham ficado ambos preocupados, inicialmente, com a sua decisão de não frequentar a universidade; que, quando tinha vinte e poucos anos, depois de ficar famoso, tivera uma fase de consumo intenso de álcool e drogas, culminando num acidente em Miami, quando todos os membros da sua banda tinham escalado uma ponte levadiça e o baterista tinha caído e morrido, após o que Noah ficara sóbrio e oferecera um milhão de dólares à namorada do baterista, para o fundo universitário do filho dos dois; que, entre 2010 e 2012, o Noah namorara com uma modelo chamada Maribel Johnson, que era uma década mais nova, de uma pequena cidade no Wisconsin, e aparecera durante esse período na edição de fatos de banho da *Sports Illustrated*; que a sua namorada mais recente era Louisiana Williams, uma *designer* de joias de famosos, embora a viabilidade da sua profissão fosse difícil de avaliar para mim, porque também era herdeira de, entre todas as coisas, uma fortuna feita com o controlo de pragas; que ele tinha um interesse profundo em arquitetura e tinha procurado ter reuniões com arquitetos de topo, que tinham ficado «impressionados» com os seus conhecimentos; que estava envolvido em várias ações de

solidariedade, incluindo uma que financiava internamentos para reabilitação de pessoas da indústria da música que, de outra forma, talvez não conseguissem pagá-la. O que não vinha declarado no artigo era que ele tinha claramente um excelente publicitário, ou provavelmente mais do que um. Tendo interagido com ele, eu acreditava que ele era genuinamente simpático, mas o suposto prazer dos arquitetos de topo, ao serem interpelados por um diletante, fez-me rir baixinho.

Por esta altura, estava na sexta escolha da BestBrewstyFanBarcelona, *The Bishop's Garden*. Era sobre um rapaz do secundário — a letra apontava para, mas não confirmava que era o Noah — cujos colegas engatavam raparigas da escola ao lado num jardim vedado entre as duas escolas, e sobre como o rapaz nunca participava neste ritual, embora quisesse. Se a canção era autobiográfica, então estava certa de que a nutricionista de Sacramento e as várias modelos tinham corrigido esta injustiça passada. Mas, por outro lado, a canção era melancólica e evocativa — fez-me pensar nos rapazes que *eu* não tinha engatado no secundário — e não era nem remotamente pirosa. Na verdade, era o tipo de música meio *folk*, meio *pop* de que eu gostava. Pensei que, se tivesse feito este mínimo de trabalho vinte e quatro horas antes, podia ter respondido sem esforço quais das suas canções eram as minhas três favoritas. Embora a recordação de estar sentada ao seu lado em frente ao meu computador, a rever o seu *sketch* a meio da noite, já me parecesse um sonho, do mesmo modo que a vida no *TNO* muitas vezes parecia um sonho: tão vívido e disparatado no momento, tão efémero depois de terminado.

Não sei quando adormeci, mas, quando acordei, duas horas mais tarde, a luz estava acesa e a lista ainda continuava. Estendi a mão para desligar as duas e voltei a dormir. Quando o meu despertador tocou às nove da manhã — o meu primeiro ensaio, para A Regra Danny Horst, era às onze — comecei de imediato a mexer no telefone.

QUINTA-FEIRA, 01h06min

Tinha parado no laboratório de maquilhagem para aprovar as pestanas roxas que a Henrietta usaria no *sketch* Tagarelas, com um vestido

justo de lantejoulas roxas em que o guarda-roupa ainda estava a trabalhar. A Henrietta estava noutro lado, e a pessoa que me mostrava as pestanas era a Francesca Martin, que dirigia o departamento da maquilhagem há mais de duas décadas. Ao confirmar que as pestanas me pareciam bem, o elemento do elenco Oliver, que ia fazer de James Comey, entrou para ser medido para um nariz artificial, que seria feito especificamente para ele, em silicone.

Dirigia-me aos elevadores — estava prestes a juntar-me à reescrita na sala dos guionistas — quando recebi uma mensagem da Henrietta, tanto para mim, como para a Viv: *Os Dannabel separaram-se?*

Espera, o quê?, respondi eu.

A Viv respondeu *Oh merda*, acompanhado do *emoji* do coração partido.

A Henrietta respondeu com uma captura de ecrã de uma publicação no Instagram, que Annabel partilhara uma hora antes: uma foto a preto e branco de um tronco feminino em *topless*, uma mão de unhas compridas e cuidadas sobre cada seio, de forma a levantá-los, ao mesmo tempo que cobria os mamilos. Sobre a foto, na diagonal, havia uma única frase, numa fonte semelhante a caligrafia.

«Alguns creem que suportar nos faz fortes, mas por vezes a força está em deixar ir.»

— *Herman Hesse*

Tinha acabado de carregar no botão para chamar o elevador, quando chegou outra mensagem da Henrietta: *E também, Herman Hesse?!*

Respondi: *Talvez goste de romancistas alemães do século XX?*

A frase soa falsa

Tipo «Segue os teus sonhos» — George Washington

Isto faz-te mesmo achar que eles acabaram?

Da Viv: *«Somos capazes de fazer coisas difíceis» — Genghis Kahn*

Da Henrietta: *Pesquise Dannabel separação.*

A Internet acha que sim

Pq ela não tem o anel de noivado

Tinha perdido a primeira hora de reescrita por causa do ensaio para A Regra Danny Horst, e uma vez que já estava atrasada, pensei: *Porque não atrasar-me ainda mais?* A secretária verdadeira em que o Danny se sentava durante o Redação estava guardada, sem pompa,

num corredor aleatório junto aos elevadores, e eu empoleirei-me nela para investigar. A Internet, de facto, fervilhava: «Fãs Perguntam-se Se Publicação Crítica Significa Separação Annabel-Danny» dizia um título, do qual havia múltiplas variações. Fui muito filha da mãe por pensar primeiro em como aquilo afetaria o meu *sketch*, e em segundo lugar em como afetaria o Danny? No ensaio, ele parecera-me normal.

Estava a dar uma vista de olhos a um artigo num site particularmente ranhoso, quando a Viv apareceu ao meu lado e disse:

— Muito ocupada? — Depois murmurou: — O doutor Theo respondeu-me.

— Bom ou mau?

— Diz-me tu. — Passou-me o telefone, que estava aberto num email. Quando comecei a ler, ouvi uma guitarra a ser afinada através do amplificador no estúdio.

Cara Viv,

Que oferta tão generosa! Há anos que aprecio o *TNO*, e sabia que pertencia ao elenco, embora na sua consulta quisesse manter a atenção no seu olho :). Para poder aceitar um convite social de uma paciente, a paciente precisaria de mudar para outro consultório (i.e. outro médico desta clínica). Uma vez que já é paciente do Dr. Trumbull, uma mudança não seria complicada, mas quero deixar claro que não posso continuar a acompanhá-la medicamente se for ao programa.

Muito obrigado,

Theo

— O que há de mau nisto? — perguntei. — Ele está a ser responsável.

— Tem tão pouco entusiasmo. *Muito obrigado* está a um passo de *Atenciosamente*.

— Ele está a dizer que não pode apaixonar-se por ti enquanto ainda for teu médico. Diz-lhe que voltas a ser assistida pelo doutor Trumbull, e o festival do amor pode começar.

— Desculpa, Viv — disse o Trey, um assistente de produção, com auscultadores postos. — A Evelyn precisa de ti no guarda-roupa, para a tua prova do Danny Horst.

A Viv olhou para mim.

— Este é aquele em que é o meu talento, e não a roupa, que tem de me fazer parecer gira para o senhor Muito Obrigado?

— Na verdade, disse à Francesca para *não* te pôr uma monocelha, por isso, de nada — disse eu. — Mas é doutor Muito Obrigado. — Enquanto a Viv se afastava em direção ao departamento de guarda-roupa, eu gritei: — É um bom email!

Do estúdio, ouvi alguém, provavelmente um técnico, dizer «Um, dois, teste de microfone, um dois», e foi então que me apercebi de que a guitarra a ser afinada que tinha ouvido antes era o ensaio da canção do Noah Brewster. Quinta-feira à tarde era a altura em que os músicos convidados, que, claro, geralmente não eram também apresentadores, apareciam para ensaiar. Estes quase-concertos grátis e descontraídos eram uma enorme vantagem de trabalhar no *TNO* e, quanto mais importante o artista, mais pessoas passavam «por acaso» pelo estúdio, incluindo funcionários de outros programas da estação. Eu tinha parado muitas vezes para ver um músico com quem estava minimamente familiarizada e, quarenta minutos depois, saía de lá sua fã.

Voltei-me e entrei no espaço central do estúdio, dirigindo-me ao palco principal, que era conhecido como Centro de Operações. O espaço em frente do Centro de Operações era de momento uma confusão de cadeiras do público desordenadas, múltiplas câmaras, incluindo o guindaste icónico que, em cada episódio, descia para a entrada do apresentador convidado, e paredes de cenário aleatórias. Elementos da equipa andavam por ali, enquanto cerca de vinte pessoas estavam efetivamente a observar o Noah, incluindo a Autumn, duas das suas assistentes e um elemento do elenco chamado Lynette. Sentei-me numa cadeira a cerca de cinco metros da beira do palco. O Noah, que estava de pé, com uma guitarra suspensa de uma alça sobre o ombro esquerdo — trazia roupas semelhantes às do dia anterior, uma T-shirt cinzenta, calças de ganga escuras e ténis de camurça pretos —, conversava com o

baterista e os engenheiros de som. Um baixista estava de um lado dele e um guitarra-ritmo do outro, e ao fundo do palco estavam o teclista e duas cantoras do coro.

— Muito bem — disse o Noah. — Vamos tentar a *Ambiguous* agora.

— *A mensagem veio tarde* — cantou ele para o microfone. — *Como se não tivessem passado anos...*

Eu nunca tinha ouvido a canção, que presumia estivesse no álbum prestes a sair. Era, de algum modo, ao mesmo tempo enérgica e pesada. O Noah fechou os olhos enquanto cantava — *Fazes sempre assim / Como se não fosse tarde* — e o seu cabelo louro sacudia-se enquanto ele fazia algo que não era exatamente dançar, mas era uma espécie de saltitar rítmico que me empurrou para as imediações da vergonha. O que era ridículo! O Noah não precisava que me sentisse envergonhada por ele; isto era o que ele fazia, e que fizera milhares de vezes perante estádios cheios de gente. Depois de abrir os olhos, ele olhava de vez em quando para baixo enquanto os dedos mudavam de acordes, por vezes afastando-se do microfone para isso. Outras vezes olhava para o estúdio e, porque eu estava tão próxima do palco, em breve cruzámos o olhar. Atravessou-me uma descarga semelhante à que sentira na leitura. Mas como é que o Noah Brewster tinha ganhado o direito de me perturbar?

Enquanto ele continuava a cantar, continuámos a estabelecer contacto visual intermitente, que se transformou em contato visual continuado. Estava a gozar comigo? A provar alguma coisa acerca da minha ignorância musical, ou sobre o seu talento? Ou ele estava, tipo, *a fazer-me uma serenata*? No sentido mais literal, ele estava definitivamente a fazer-me uma serenata — estava de pé no palco com uma guitarra, e eu estava a uns metros, e ele estava a cantar —, mas o que significava? Talvez, como acontecia com frequência nas interações humanas, não significasse nada. Mas, em vez de a descarga induzida em mim pelo nosso primeiro contato visual se dissipar, uma espécie de ciclo de retorno ocorria em mim, uma consciência pulsante da minha própria fisicalidade.

A canção durou talvez três minutos e meio e acabou com um floreado das várias guitarras, os seus companheiros de banda aglome-

rados à sua volta e em sintonia com ele, e eu senti-me ao mesmo tempo transcendentalmente viva e imobilizada. Só quando ouvi as outras pessoas a bater palmas, embora não houvesse gente suficiente ali para atingir massa crítica, me apercebi de que também devia bater palmas.

O Noah rasgou um sorriso, e eu pensei que decerto estava a sentir a dor de estar perto de gente incrivelmente bonita. Acreditava que me tinha tornado imune, mas parecia que sofria de uma infeção generalizada.

O Noah olhava para mim quando disse ao microfone:

— Obrigado a todos. A próxima chama-se *Inbox Zero*.

O meu telefone vibrou no bolso e, quando o tirei, vi que tinha três mensagens do meu guionista supervisor Kirk, que era o delegado do Elliot.

Sally, podes vir agora à sala dos guionistas?, dizia a primeira.

Depois: *Prestes a discutir o Vendedor de Queijo*.

Depois: *Onde estás?*

Precisar de sair do ensaio do Noah era, ao mesmo tempo, um alívio e um desapontamento. E também não queria que ele parasse de cantar para mim.

QUINTA-FEIRA, 13h40min

Para a reescrita, todos os guionistas que não estivessem em ensaios, a par com alguns produtores, encontravam-se em redor da grande mesa na sala dos guionistas, todos com múltiplos lápis afiados e as suas próprias cópias impressas dos *sketches*. Estranhamente, dado que a Redação e o monólogo do apresentador eram provavelmente as partes favoritas do público do *TNO*, eram feitos separadamente e escritos no fim, o monólogo essencialmente pelo Elliot e o Redação pelo Danny, o Hank e o Roy.

Quando entrei na sala, estavam a trabalhar no *Irmã & Padre*, depois era a vez do *Vendedor de Queijo*. Não mudou muito, embora tivéssemos uma discussão intensa sobre se *provollone* era uma palavra mais engraçada do que *gouda*, antes de passarmos ao *A Regra Danny Horst*.

Tal como na leitura, os *sketches* eram lidos em voz alta na reescrita, e alguns dos guionistas que aspiravam a pertencer ao elenco faziam-no de forma muito teatral, mas eu fazia-o mais superficialmente; o Elliot tinha-me atribuído o papel da Viv. Eu tinha escrito o *sketch* para começar com um casal num encontro, representado pela Viv e pelo Gregor, o elemento do elenco mais convencionalmente atraente, e o que lhe atirara a luva ao olho por acidente. Estavam a acabar a sua refeição num restaurante italiano e a dizer como se tinham divertido, quando um polícia, representado pelo Josh Beekman — ou seja, outro elemento do *TNO* casado com uma estrela, neste caso a oscarizada Imogen — se aproximava da mesa e dizia: «Estão ambos presos por violar a Regra Danny Horst. Um homem pode sair com uma mulher muito mais *sexy* do que ele, mas uma mulher não pode sair com um homem muito mais *sexy*.» Como a Viv e o Gregor protestavam, Josh algemava-os, e os restantes clientes do restaurante expressavam ou a sua consternação ou aprovação. Quando o Gregor tentava escapar, o Josh dizia «Código oito» para o seu rádio emissor-recetor, então o Danny aparecia, também de uniforme da polícia, e dizia: «Recebi o teu pedido de apoio. Oh, uau, este não é um pequeno delito, é um delito grave.»

Quando chegámos ao final do *sketch*, o Elliot disse:

— Quanto mais vezes o Josh explica a regra, menos sentido faz.

— Sim, Elliot, de certeza que tu não fazes ideia *nenhuma* do que esta regra é — disse o Benji, e eu senti-me agradecida por ter sido ele a apontá-lo.

— Eu percebo que sou o Zé-Ninguém casado com a Nicola — disse o Elliot. — Elefante na sala reconhecido. Mas em termos de lógica, não há um contra-argumento de que é louvável que um homem de sucesso esteja com uma mulher ainda mais bem-sucedida? Ele podia viver uma vida em que as pessoas lhe fazem vénias, no entanto na sua relação vai ter sempre um papel secundário.

O Tony disse:

— Alerta terapia de grupo. — O que alguém dizia sempre, em algum momento das reescritas de quinta-feira.

— Mas a sério — disse o Elliot —, quando uma mulher linda sai com um homem velho e nojento, mas rico, toda a gente aceita que é

uma transação. Segundo essa lógica, uma mulher linda a sair com um tipo normal não devia ser sinal de que não é uma transação?

— Mas o *sketch* é sobre mulheres lindas *poderosas* a sair com, entre outras, tipos comuns — disse eu. — Estas mulheres não são ingénuas.

O Elliot sacudiu a cabeça.

— Se especificas muito a regra, chamas a atenção para a sua incoerência.

Menos por concordar, do que por saber que, à porta fechada, o Elliot podia encorajar o Nigel a cortar o *sketch*, disse:

— Não tenho problemas em cortar o diálogo do Josh. A segunda e quinta linhas podem desaparecer sem problemas.

— Onde a Annabel diz «Vamos, fofo» ao Danny — disse um guionista chamado Alan —, é a verdadeira Annabel? Se é, devíamos fazer mais com ela.

Ele tinha razão. Mas, como eu ainda não tinha perguntado à Annabel se queria aparecer, tinha inserido apenas uma linha para ela, a marcar a entrada.

— Espero que seja a verdadeira Annabel — disse eu, e perguntei-me se os rumores de separação seriam verdadeiros. Ainda não tinha visto o Danny depois do ensaio da manhã. — Mas está por definir.

— Assumindo que é ela — disse o Benji —, e se ela se desviar da regra?

— Mas não de forma a destruir a lógica — acrescentou a Lianna.

— Esperem — disse o Patrick. — E se alguma feminista famosa, como a Gloria Steinem, entrasse no restaurante e desse uma espécie de reprimenda à Viv por estar indignada, e a Annabel fosse a feminista? Ela dizia, tipo, é absurdo alguém como o Danny casar com alguém como a Annabel, mas quem se importa com essa merda, comparado com as diferenças salariais e direitos reprodutivos?

— Já sei — disse eu. — A Annabel devia ser o fantasma da Susan B. Anthony.

— Num vestido branco de sufragista, com uma faixa e um coque cinzento — disse o Patrick. — E aqueles óculos pequeninos.

O Patrick era cerca de cinco anos mais novo do que eu, um licenciado de Harvard esguio, calado e barbudo, que uma vez me disse que es-

tava tão nervoso antes da entrevista com o Nigel, que tinha ponderado sinceramente comprar fraldas para adulto. Neste momento, adorava-o profundamente.

— A Susan B. Anthony não está cancelada por ser uma cabra racista?
— disse um guionista chamado Fletcher.

— Podemos reconhecer isso — disse eu. — Alguém podia dizer «Cala-te, Susan, foste cancelada».

— És tu? — disse o Tony.

— Se a Annabel for a Susan B. Anthony, então o Josh ou o Danny deviam fazer-se a ela — disse Elliot — Do tipo — passou para uma imitação nova-iorquina bajuladora —, «Ei, Susan, és um ícone feminista, eu ganho sessenta mil por ano e estou só a doze anos da reforma, o-quê-q'achas de fazermos magia juntos?»

Contra a minha vontade, ri-me. Eu realmente, honestamente, não sentia nada pelo Elliot, mas havia algo nele que, de facto, se pensasse bem nisso, me deixava triste. Sentia alguma desorientação na forma como as nossas sensibilidades se sobrepunham e não se sobrepunham, e nos tinham levado a chegar a conclusões opostas. Ele não quisera envolver-se romanticamente com alguém com quem partilhava o sentido de humor, enquanto eu não conseguia imaginar coisa melhor. Ou talvez ele só achasse que eu não era bonita. De qualquer maneira, a sua rejeição fizera-me questionar a minha visão do mundo, as minhas próprias convicções sobre o que atraía duas pessoas, a um grau tão extremo que desistira completamente de uma relação romântica.

Na sala dos guionistas, o Elliot parecia considerar que, nesse momento, a reescrita de A Regra Danny Horst estava acabada, porque disse:

— Sally, podes fazer essas alterações e mandar por email para a Sheila, o Kirk e para mim? A seguir, temos Os Três Tenores.

QUINTA-FEIRA, 18h18min

Durante um intervalo na reescrita, regresssei ao meu escritório para rever e encontrei o Danny num *Facetime* com a Annabel, de uma forma que me pareceu normal. Como de costume, estava deitado no sofá, com o telefone à sua frente, e acenou para mim com a cabeça e disse:

— Ei, Chuckles. — Olhando outra vez para o ecrã, disse: — Belly, não acho que tenha de ser o mesmo.

— Deixa-me perguntar à Sally — disse a Annabel. — Vira-me.

Voltei a cadeira da secretária, enquanto o Danny levantava o telefone na minha direção. O cabelo ruivo da Annabel estava num carrapito, ela tinha uma *sweatshirt* branca de veludo e parecia estar sentada no chão de um *closet*, com prateleiras de saltos-agulha coloridos, muito organizadas, mesmo atrás dela. A sua testa enrugou-se ao perguntar:

— Não é suposto haver o mesmo número de damas de honor e padrinhos do noivo? Ou, para não ser homofóbica, de quem se estiver a casar... a noiva e a noiva? Mas, só para ter equilíbrio?

Olhei por cima do ecrã para o Danny, que só estava visível para mim e cuja expressão era surpreendentemente ansiosa.

— Isso é mais um costume do que uma regra — disse eu. — Um casal pode fazer o que quiser.

— Mas se o Danny só tiver o Hank, o Roy e o Tony ao seu lado, e eu tiver nove raparigas ao meu lado, e ainda tenho de incluir a Farren — era suposto eu saber quem era a Farren? Tinha dito Farren, sequer, ou tinha dito Darren, ou talvez *Farrah*? —, depois como é? Fica desproporcional!

— E se algumas das tuas damas de honor ficarem ao lado do Danny?

Antes de a Annabel poder responder, o Danny voltou o ecrã outra vez para ele e disse:

— Ora isso é que é usar os miolos, Chuckles. Belly, tenho de estar no guarda-roupa daqui a nada. Vais lá estar daqui a mais ou menos uma hora?

— A minha pessoa das sobrancelhas vem às seis e meia, depois estou outra vez livre.

— Okay, adoro-te, minha lua.

— Amo-te mais, meu sol.

Assim que ele desligou, eu disse:

— Talvez vocês devessem fugir.

— Bem, não é o estilo da Belly. — Levantou-se do sofá e estendeu os braços sobre a cabeça, expondo o umbigo pálido e peludo.

— Achas que ela entraria no meu *sketch* sobre ti e a regra dos namoros?

— Pergunta-lhe — disse ele e, embora visse que ele estava a mexer no telefone, não me apercebi de que voltara a ligar-lhe, até ouvir tocar, seguido da voz da Annabel a dizer:

— Sim?

— A Sally tem uma pergunta para ti — disse ele, e voltou mais uma vez o telefone para mim.

Preferia de longe comunicar por mensagem ou email a fazer chamadas telefónicas, e mesmo quando telefonava a alguém que conhecia bem, muitas vezes ponderava primeiro o que ia dizer. Dada a delicadeza do pedido e a natureza volúvel e o alto estatuto da Annabel, era capaz de ter ido ao ponto de anotar umas palavras — não era essa uma das vantagens de ganhar a vida a escrever diálogos? Apanhada desprevenida, disparei:

— Olá outra vez. Desculpa incomodar-te. Estou a trabalhar num *sketch* sobre como aconteceu algumas vezes no *TNO* estrelas enormes como tu se apaixonaram por elementos masculinos do elenco e estava a pensar...

— Não doures a pílula — interrompeu o Danny, divertido. — É sobre como raparigas lindas como tu se interessam por tipos que não as merecem. És tão medricas, Chuckles.

— Não é que não mereçam — disse eu. — Só que, tipo, talvez haja uma discrepância aparente na situação profissional.

Numa voz empertigada, o Danny repetiu:

— Talvez haja uma discrepância aparente na situação profissional. — Ainda a segurar o ecrã na minha direção, ele esticou a cabeça em torno dele, deitou a língua de fora e agitou-a de forma sedutora, ou a gozar. — A Sally quer saber se entras no *sketch* sobre como eu sou nojento e tu és um espanto.

— Querido, tu não és nojento — disse a Annabel.

— Não é sobre isso — disse eu. — Sabes o Elliot e a Nicola? E a Imogen e o Josh? O *sketch* é, tipo, hã, a celebrar essa tendência. E tenho a certeza de que estás superocupada, mas de certeza que ia ficar mesmo engraçado e o público ia adorar se aparecesses.

— Querido, vira o telefone — disse a Annabel, e quando o Danny o voltou, ela disse — Querido, queres que o faça?

— Não me importo.

— Teria de usar próteses? Porque a cola para aquele nariz de marmota deu-me alergia por literalmente duas semanas.

— Não tens de usar próteses. Podes, tipo, partilhar o teu esplendor Annabel com o mundo.

O Danny voltara a virar o telefone para mim e, de trás dele, sacudiu a cabeça, presumivelmente ao meu servilismo.

— Posso pensar sobre isso? — disse a Annabel. — E tenho de falar com a Veronica.

Da mesma maneira que não sabia quem era a Farren, também não sabia quem era a Veronica, mas imaginei que fosse uma agente ou empresária.

— Claro — disse eu. — E podemos pôr a tua equipa em contacto com a Autumn DiCanio e a sua equipa, se tiveres pedidos especiais. Podes não estar no ensaio amanhã, mas o ideal era apareceres por cá a meio da tarde de sábado. Tenho a certeza de que te lembras do calendário.

— Oh, merda, o meu tipo das sobrancelhas chegou — disse ela.

— Muito obrigada por pensares nisso — disse eu, antes de o Danny desligar a chamada.

— Partilhar o teu esplendor Annabel — repetiu ele. — Chuckles, és uma lambe-botas de primeira classe.

Encolhi os ombros.

— A razão para casares com ela não é achares que é esplendorosa?

SEXTA-FEIRA, 11h03min

A partir do instante em que entrei no estúdio para ensaiar o *sketch* do Vendedor de Queijo, que estava prestes a acontecer no Palco 4, fui tomada por uma agitação que podia ser previsível, que era sem dúvida deslocada e que eu não sentia há muitos anos: estava completamente distraída com o Noah Brewster. Quando o vi de trás, ao caminhar para o palco — estava outra vez com uma T-shirt clara e calças de ganga pretas —, tive uma sensação de estômago às voltas e pulso a acelerar, à qual estava tão pouco habituada que quase não a reconheci. Mas reconheci-a, de facto, por pouco. Era o tipo de atração que sentia no terceiro ciclo e no secundário, um terror excitado, de corpo inteiro, que dominava o cérebro.

Naturalmente, fingi que não estava a acontecer nada de irregular. Acenei brevemente ao Noah quando ele se voltou na minha direção, e depois, num tom profissional, disse:

— Olá a todos. Espero que se sintam queijo-tásticos.

Para além do Noah, havia quatro elementos do elenco — os clientes representados pela Henrietta, Viv e Bailey e, acrescentado durante a reescrita, o Wes — e três vezes esse número de elementos da equipa técnica. A Autumn DiCanio e a sua assistente também tinham aparecido.

Tal como nos outros *sketches*, havia um cenário rudimentar preparado, uma amostra do que existiria na noite seguinte. Como guionista, eu era também a produtora (um dos privilégios únicos do *TNO*), enquanto o realizador do *sketch* era um tipo chamado Rick e o diretor de produção era o Bob O’Leary. O Bob conduzia a marcação, decidindo quem se posicionava onde, por que ordem, e comunicando com a *régie* sobre ângulos de câmara. Embora o elenco tivesse cópias do guião, também havia elementos da equipa ao lado das câmaras, com cartões de apoio.

Pensei que acalmasse ao avançar, mas a minha agitação turbulenta continuou. Por que razão me acontecera aquilo? Como é que eu tinha desenvolvido uma paixoneta devoradora, desequilibradora pelo caraças do Noah falso-surfista Fazer-Amor-em-Julho Brewster? Em minha defesa, não creio que a sessão de revisão no meu escritório fosse, só por si, responsável por isso, nem o seu ensaio musical no dia anterior. Mas a combinação dos dois tinha convencido o meu cérebro a pensar que havia uma energia particular entre nós; tinha-me convencido a sentir *esperança*. E, por gostar tanto de ironia e reviravoltas na intriga como qualquer guionista, talvez a esperança fosse estranhamente exacerbada pelo trabalho no *sketch* A Regra Danny Horst, que se centrava na própria impossibilidade de uma ligação romântica entre alguém como o Noah e alguém como eu. Muitas vezes, vivia partes dos meus *sketches* antes ou depois de os escrever. Muitos eram autobiográficos, não com uma intenção catártica, mas porque era o material disponível para mim e, por vezes, os que eu não retirara do meu passado acabavam por ser retirados do meu futuro. Durante uns

anos, tinha escrito *sketches* sobre uma terapeuta de casais que era uma miúda de doze anos, representada pela Viv, e, embora o meu marido e eu não tivéssemos tido uma terapeuta, os *sketches* eram uma espécie de substituto para a minha inquietação ocasional sobre se deveríamos tê-lo feito. E, uma vez, escrevi um *sketch* sobre uma mulher que escondia o seu emprego dos seus engates, antes de começar a esconder o meu emprego dos meus engates. A diferença era que a mulher não era uma comediante de TV, mas uma espia.

O elenco leu duas vezes o guião e, depois de ter corrido as falas a segunda vez, eu disse, esperando parecer um adulto competente e não uma miúda da escola com a cabeça baralhada por uma paixoneta:

— Ótimo trabalho, pessoal. Isto é mesmo fantástico e divertido. Noah, de vez em quando desvias-te para um sotaque italiano, e acho que não precisas dele... Cantar mesmo apaixonada e fervorosamente chega. Vejo a tua onda menos como europeu e mais como o tipo de homem que fala sobre as linguagens do amor sem ironia.

— Eu *sou* o tipo de homem que fala sobre as linguagens do amor sem ironia — disse o Noah, e todos se riram.

— Bailey, podes mostrar mais ceticismo relativamente ao Noah — disse eu —, enquanto, Viv, tu caís completamente nas manhas dele.

— Sim, senhora capitã — disse a Viv.

Ê Bailey disse:

— Tipo, ceticismo hostil? Ou só tipo, não o percebo?

— Hmm. — Voltei-me para o Rick e o Bob.

— Voto no último — disse o Bob.

— Concordo — disse eu. — Mais do género perplexo de meia-idade.

— Isto pode ser aleatório — disse Noah —, mas, e se eu cantar um dueto com um deles no fim? Se um dos clientes for, sabes, meloso como eu?

— Oh, adoro isso — disse eu. — Henrietta, vamos pôr-te a ti.

— Cla-rooo — disse a Henrietta, entusiasmada. Quase todos os elementos do elenco do *TNO* sabiam cantar decentemente, e alguns, como a Henrietta, tinham vozes verdadeiramente bonitas, embora ela raramente usasse a sua de uma forma bonita.

Voltei-me para o Noah.

— Mas referes-te a uma canção mesmo tua, ou eu escrevia uma?

Ele pareceu divertido.

— Se queres escrever uma canção até amanhã à noite, mal posso esperar para ouvi-la.

— Sim, vamos com uma canção já existente. Por ti, pode ser o *Making Love in July*?

Ele abriu um sorriso.

— Sally, não esperava outra coisa.

O Noah a sorrir, a dizer o meu nome, a capacidade do Noah para ser caloroso e normal, enquanto eu tinha as entranhas às voltas — era tudo um tanto devastador. Ele lembrar-se-ia de, na tarde anterior, me ter feito uma serenata? Era suposto nunca mencionar que ele me tinha feito uma serenata? Ele não me tinha feito uma serenata?

Disse para o grupo:

— Vamos enviar-vos os guiões atualizados ASAP. À parte isso, mais uma vez obrigada, pessoal.

Estava de pé fora do palco nesse momento, e o Noah desceu e aproximou-se de mim. No mesmo tom cordial, disse:

— Ouviste a ideia do Elliot para o meu *sketch* Coreografia? Acho que só posso culpar-me a mim próprio.

— Espera, qual é a ideia?

— Sabes como a coreógrafa sugere pôr uma pantera no meu espetáculo? O Elliot está a pedir ao Nigel para pagar uma pantera verdadeira.

— Oh, uau. Ficas confortável com isso?

— Céus, não. — A sua testa enrugou-se. — Tu estarias?

— Vais ouvir dos ativistas dos direitos dos animais de certeza. O que eu compreendo... Às vezes fico tensa pelo animal, mas a verdade é que o meu melhor momento aqui envolveu uma rena.

— Que *sketch* foi esse?

Abanei a cabeça.

— Nada que eu tenha escrito. Na minha terceira temporada, no episódio mesmo antes do Natal, a Diana Ross era a cantora convidada e, mesmo no fim, cantou *Joy to the World*, e caiu neve falsa das

vigas. O elenco estava atrás, a cantar com ela, e o Nigel apareceu com uma rena que tinha hastes e tudo. Eu sabia que era foleiro, mas mal consegui conter a felicidade.

— Estavas no palco?

— Oh, Deus, não. Nunca. Estava no estúdio.

— Não sei como, perdi esse episódio, mas parece fantástico. E nem sequer sou uma pessoa que tenha gastado a sua cassette dos Maiores Êxitos das The Supremes na primária.

Ri-me — embora o tivéssemos discutido há menos de três dias, eu certamente não esperava que ele se lembrasse desse detalhe da minha vida — e ele acrescentou:

— O meu melhor espetáculo foi em Glasgow, durante uma tempestade louca de verão. Durante a última hora toda caiu uma chuva torrencial, e toda a gente e tudo ficou ensopado. Eu, a banda, os instrumentos, o palco, o público. Estraguei a minha guitarra, mas valeu tanto a pena.

— Creio que o denominador comum para espetáculos ao vivo épicos é um evento climático que envolva precipitação — disse eu, e ele sorriu abertamente outra vez.

— E nem tem de ser verdadeira — disse ele. — Pode ser fabricada. Nunca apareceste mesmo no palco aqui?

— Sim — disse eu. — Nunca apareci mesmo. Prefiro esconder-me nas sombras como um duende. — Ele fez uma expressão preocupada, e eu disse: — Não é duende no mau sentido. É um motivo de orgulho.

A sua expressão mudou para algo mais caloroso ao dizer:

— *Duende* definitivamente não seria a palavra que escolheria para ti.

Era certo que, se eu fosse uma pessoa eficaz na troca de gracejos na vida real, teria pestanejado e dito «Que palavra escolhias?». Mas eu só era eficaz nessa troca na escrita, por isso disse:

— De qualquer modo, acerca da pantera, se gostas da ideia, ótimo, se não, diz ao Elliot.

— Qual é a piada disso?

Nesse momento, a Autumn materializou-se junto dele e disse:

— Noah, está na hora de experimentares o *smoking*.

Olhando para mim, Noah disse:

— Não sou fino? Vemo-nos no ensaio do Tagarelas.

Antes de poder responder, ele tinha sido levado.

Tirei o meu telefone e mandei uma mensagem à Viv: *Onde táis?*

Ela respondeu com uma foto de si própria no sofá do camarim, a fazer uma expressão festiva e a erguer uma lata de *Diet Coke* como uma pessoa seguraria uma flute de champanhe. Em menos de um minuto, estava a bater à porta do seu camarim.

— Más notícias — disse eu, ao entrar. — Apercebi-me de que o Noah Brewster é *sexy*.

Ela riu-se.

— Bem-vinda a 2001.

— Porque é que ninguém me disse?

— Que um jovem galã branco amadurecido caminhava entre nós? Sally, há certos conhecimentos que uma mulher tem de adquirir por si própria.

— Achas que ele é um filho da mãe convencido?

— Provavelmente.

— Mas com base no trabalho com ele até aqui?

— Ao jantar, na segunda-feira, ele foi bastante terra-a-terra. Contou uma história sobre ter torcido o tornozelo enquanto fazia *parkour* com o seu agente.

Eu queria dizer que parecia haver alguma espécie de atração entre mim e o Noah, mas parecia-me embaraçoso, porque a Viv ocupava um plano diferente do meu e tinha opções que não estavam disponíveis para mim. E uma discrepância destas não significava que, se descrevesse como tinha sido com o Noah no meu escritório, ou quando eu tinha ido vê-lo cantar, ou agora mesmo, depois do ensaio em que a Viv tinha estado, precisava de fazer daquilo uma piada? E estaria realmente pronta para fazer daquilo uma piada, nem que fosse para me purgar da minha agitação, ou uma pequena parte de mim teria esperança de que a Viv confirmasse que uma atração entre mim e o Noah era possível? Não que estivéssemos prestes a quebrar a Regra Danny Horst e começar a sair, mas que podia haver um momento de sedução efêmera. Só que, se pudesse, a Viv não teria dado conta, no ensaio?

Em voz alta, disse:

— Respondeste ao doutor Theo?

A Viv franziu o nariz.

— Aquilo tudo de ter de ser acompanhada por outro médico... agora é só mais uma coisa na minha lista de coisas para fazer.

— O doutor Theo não disse que o teu olho provavelmente se cura sozinho?

Ela assentiu.

— E tu já és paciente de outro médico lá, certo?

Ela assentiu outra vez.

— Então, não tens de marcar outra consulta agora. Não tens de fazer nada. Só precisas de enviar um email ao doutor Theo a dizer ótimo, no futuro volto para o outro médico, e que estás ansiosa por vê-lo aqui no sábado.

Havia trezentos lugares no estúdio e, para cada espetáculo, os guionistas tinham dois bilhetes para oferecer, os elementos do elenco tinham seis e o apresentador e o músico convidado umas poucas dúzias. Os restantes bilhetes que não tivessem sido reivindicados pelos amigos famosos do Nigel eram distribuídos ao público através, ou de uma lotaria, ou de um sistema de espera para fãs ávidos, na sua maioria universitários ou turistas, dispostos a esperar no passeio mais de vinte a quatro horas.

— Vais convidá-lo para a festa a seguir, certo? — disse eu.

— Não vamos pôr a carroça à frente dos bois.

— A propósito — disse eu —, estou a tentar conseguir que a Annabel entre no meu *sketch* A Regra Danny Horst. Eles não se separaram.

Viv fez uma careta — era daquelas pessoas que consideravam as aparições de celebridades uma forma de bajulação.

— Sim, a Henrietta disse-me que a Annabel publicou qualquer coisa no Insta, a dizer que as pessoas precisavam de se acalmar.

— Não vi isso, mas o Danny estava a falar com ela no escritório. Achas que a Annabel atíça as chamadas de propósito, ou está só, tipo, a viver as suas emoções e as pessoas inventam interpretações?

— Não me admirava se ela tivesse contratado um guionista de *reality TV* para fazer o guião da sua vida.

- Estás a falar a sério? Isso deixa-me apavorada pelo Danny.
- Talvez seja ele o guionista.
- Tenho a certeza de que a relação é real para ele.
- Oh, vá lá... como se houvesse uma distinção clara entre real e falso para qualquer um de nós. Não estamos todos a representar o papel de nós mesmos? — Eu estava de pé a cerca de cinquenta centímetros da sua poltrona, e ela estendeu o pé e bateu levemente com a ponta da sua chinela de natação contra o meu ténis. Disse: — Até tu, sua pseudopurista dos bastidores.

SEXTA-FEIRA, 14h28min

E então, dado que o *TNO* era um acampamento de verão em que nos cruzávamos com toda a gente o tempo todo, vi o Noah outra vez no ensaio do Tagarelas, que era no Palco 2; tinham passado menos de três horas desde que o vira no ensaio do Vendedor de Queijo. Mais uma vez, uns dez elementos da equipa técnica estavam reunidos em torno do palco, mais a Autumn e outra assistente (parecia-me que o nome desta não era Madison, mas Addison, e depois pensei que tinha de estar a inventar). O Tagarelas tinha um elenco maior do que o Vendedor de Queijo: o Noah a fazer de si próprio, como jurado convidado; a Henrietta, que fazia da supostamente tagarelas jurada feminina; elementos do elenco chamados Jay e Dillon, que faziam de jurados masculinos; e quatro outros elementos a fazer de concorrentes em audição, a maioria dos quais só cantava uma linha ou duas, antes de os jurados começarem a dissecar as suas atuações.

A mesa prateada dos jurados estava no lugar, embora faltassem muitos outros adereços. Uma piada recorrente do *sketch* era gozar com versões das bebidas que patrocinavam o programa — copos de cartão enormes com logos que, da última vez, tinham sido para «Ice Tea Ovários de Avestruz Hibisco Pepsi Co», e desta vez seriam para «Caféina Masculina Armagedão Maníaco com Caféina Extra».

Por vezes, o meu alívio por um *sketch* ter passado a leitura era seguido, nos ensaios, por uma dúvida avassaladora acerca da sua qualidade

— era *isto* que eu tinha esperança de dar ao mundo? —, que depois era seguida, conforme os dias passavam e o guião, cenário e guarda-roupa se juntavam, por confiança renovada. Mas quando o Tagarelas começou, ouve muita risota promissora durante o *sketch* e, a certo ponto, reparei que até o Bob O’Leary se ria.

Depois o Elliot chegou, e os risinhos pararam. Ele assistia com frequência aos ensaios, e a sua presença muitas vezes diminuía o quanto as pessoas se riam. Pensarmos que acontecia porque toda a gente queria agir com calma para o impressionar, ou porque ele era um desmancha-prazeres provavelmente dependia do nosso ponto de vista sobre o Elliot.

Enquanto terminávamos, depois de eu e o realizador, chamado Abraham, termos feito comentários, o Elliot disse:

— Está a acabar com um gemido em vez de um estouro. Ou precisamos de melhorar as falas do Jay e do Dillon, ou pôr o Noah e a Henrietta a fazer alguma coisa mais dramática.

— Bem — disse eu. O *sketch* acabava com o Noah e a Henrietta a fazer ioga, e a ideia que me ocorreu era, ao mesmo tempo, óbvia, fiável e, graças à presença do Noah, ligeiramente embaraçosa de articular. Mas, dado que cerca de trinta por cento de mim tinha desenvolvido uma paixoneta pelo Noah, enquanto cento e vinte por cento de mim era guionista de comédia, disse na mesma. — Porque não fazemos um deles peidar-se? Ou ambos, e essa é a única vez em que o Jay e o Dillon de facto ouvem?

O Dillon disse:

— Ou eu volto-me para o Jay e pergunto «Espera, ouviste alguma coisa?» e ele diz, tipo, «Népiea, acho que não».

— Em alternativa — disse o Elliot —, embora, Sally, não queira negar-te essa velha piada, sabem quando os miúdos brincam aos aviões? E se for isso que eles fazem, com o Noah no chão a levantar a Henrietta com os pés? Isso é possível, Noah e Henri?

Uma das coisas que tornou óbvio que o Noah era um tipo porreiro foi ele não ter hesitado antes de se deitar de costas no chão não particularmente limpo do palco, o cabelo dourado espalhado sobre pó e detritos do *TNO*. Levantou os braços e as pernas, e a Henrietta debruçou-se sobre

ele, para que os calcanhares dele se alinhassem com as suas ancas, as mãos juntas. Conforme dobrava os joelhos, ele perguntou:

— Queres que tire os sapatos?

— Nah — respondeu ela, a Henrietta também era porreira, e depois inclinou-se ainda mais e de repente estava no ar nos seus pés. Ao vê-los, senti algo estranho e não imediatamente identificável, embora soubesse que não era bom.

— Podemos ter efeitos sonoros de aviões? — disse o Abraham. — Ou eles fazem-nos só com a boca?

— Brummm, brummm — fez a Henrietta. — Ou não, isto são carros.

— Vamos tentar das duas maneiras — disse eu para o Abraham.

Corremos o *sketch* outra vez, do início ao fim, e quando chegámos novamente ao avião, percebi. Estava *com ciúmes*. Não porque a Henrietta era famosa e eu não, ou porque era objetivamente mais bonita do que eu. Estava com ciúmes, porque ela podia brincar com o Noah desta maneira disparatada, dar-lhe as mãos. Tinha ciúmes do contato físico e da proximidade. Nesse momento, pensei no Gene e na sua foto da pila. Pelos vistos, estava na altura de uma sessão com ele, para evitar precisamente este tipo de desejo inconveniente.

Depois de o Bob, os tipos das câmaras e a régie terem decidido que câmara ia cortar para o Noah e a Henrietta no chão, o ensaio acabou e agradei a toda a gente.

— Ei, Sally — chamou o Noah, e acenou-me do palco, onde o Elliot se juntara a ele. — Notícias de última hora sobre a vida selvagem. Parece que o Nigel sugeriu uma cobra, em vez de uma pantera.

Deitei um olhar ao Elliot.

— Como a Britney Spears nos VMA há séculos?

— Eu sei que ela não é as Indigo Girls nem a Diana Ross — disse o Noah —, mas não achas que uma homenagem à Britney Spears era bastante fixe?

Pestanejei, tentando perceber se ele estava a gozar ou não. Poderia acontecer o Noah ser um desses homens raros que, no essencial, não têm aversão nem gozam com as mulheres, e que também não ignoram a nossa existência, e que também não nos veem, antes de mais, como

objetos de desejo? Que ele estivesse estranhamente, de forma desarmante, bem conosco?

— Por um lado, sim — disse eu. — Por outro lado, uma cobra ainda é mais aterrorizadora do que uma pantera.

Olhando de um para outro, o Noah disse:

— O que é que os ativistas dos direitos dos animais pensam das cobras?

— Quem se interessa? — disse o Elliot.

— Acho que as pessoas são menos protetoras com os répteis do que com os mamíferos — disse eu.

— Mal por mal, preferia não ofender ninguém — disse o Noah.

Ao mesmo tempo, eu disse:

— O *TNO* não seria o *TNO* se ninguém ficasse ofendido.

E o Elliot disse:

— Boa sorte com isso.

Quando o Bob abordou o Elliot com uma questão de programação, o Noah disse-me:

— Tenho outra coisa para discutir contigo. O futuro da comédia depende disto. Pronta?

— Espero que sim.

— Isto também é para o Coreografia. Alguém na maquilhagem perguntou se, quando arranco a roupa para revelar os meus calções e colete de cabedal, quero as minhas tatuagens cobertas com corretor. Disse que não, porque estou a representar-me a mim próprio, certo? Mas depois pus-me a pensar nisso, e achei, tipo, estou a representar-me a mim próprio no ano 2000, quando ainda não tinha nenhuma tatuagem. Por isso, a resposta é sim ou não? — Antes de eu poder responder, ele disse: — Sei que isto é trivial, mas fiquei com receio de quebrar alguma regra da comédia que nem sei que existe.

— Se existe uma regra, eu também não a conheço — disse eu. — Mas a que tipo de tatuagens te referes? Tens um dragão gigante no peito ou assim?

Ele sorriu.

— Ainda não, mas o dia é uma criança. Não, tenho três e são todas bastante comuns.

Oh, sim, pensei eu. *O símbolo celta sobre o qual li em «Contar Tudo Com Noah Brewster»*. Em voz alta, disse:

— Onde são? — Estávamos a cerca de um metro de distância, com o Bob e o Elliot ainda por perto, e eu provavelmente pareci menos relaxada do que pretendia, ao dizer: — Queres mostrar-me?

— Esta, para começar. — O Noah levantou o braço, empurrando para cima a manga comprida da T-shirt e, no interior do braço, vi uma imagem de notas de música numa pauta.

— Nada piroso, hã? — disse ele.

— É de uma das tuas canções?

Ele sacudiu a cabeça.

— É o *Blackbird*. É uma espécie de canção-marco para mim.

— Não creio que ninguém perca pontos por causa do *Blackbird*. E aposto que vai ser muito subtil na câmara. — A tatuagem tinha vários centímetros, mas o que verdadeiramente se destacava no seu antebraço era a perfeição. Tanto a pele como os pelos quase invisíveis do outro lado do braço eram dourados, e era musculado, mas não demasiado musculado, não musculado a esteroides. Eu conseguia aceitar que o meu destino na vida seria nunca tocar num braço daqueles, mas era uma tortura estar tão perto dele.

— Depois há esta — disse ele, e voltou-me as costas e puxou as calças de ganga do lado direito, a partir do tornozelo. Tinha um corvo na barriga da perna, e era muito maior e mais denso do que as notas de música.

— Menos subtil — disse eu —, mas provavelmente fica fora da câmara.

— A última é na omoplata. — Deitou-me outro olhar. — Não faz mal mostrar-te? Não quero ser o tipo que encontra pretextos para começar a tirar a roupa. Prometo que só quero saber o que pensas disto.

Mais uma vez a fingir-me descontraída, disse:

— As mudanças de guarda-roupa durante o programa são tão rápidas, que acontecem à vista de toda a gente. Portanto, não só vi todos os elementos do elenco em todos os estados de nudez, como o público também viu.

— Nesse caso — disse ele, e cruzou os braços e puxou a T-shirt nas costas, não sobre a cabeça, mas para ficar pousada nos ombros. Havia

de facto um nó celta de linhas e círculos pretos entrelaçados, e esta tatuagem era a maior de todas. Os meus colegas aperceber-se-iam desta exposição? Não me atrevia a olhar em volta e quebrar o encanto. Agora já havia menos de trinta centímetros entre nós, e a pele nas costas do Noah era tão dolorosa, gloriosamente dourada, e também havia algo de estranhamente caseiro no momento, como se fôssemos namorados, de pé na casa de banho do apartamento que partilhávamos, e ele me pedisse para olhar para uma marca vermelha nas suas costas, porque não sabia se seria uma mordida de carraça, e também me perguntei pela primeira vez se *seria* um pretexto. Se ele usasse um colete, presumivelmente cobriria as suas costas.

No entanto, porque parecia uma oportunidade única na vida, enquanto ainda estava atrás dele, estendi a mão e carreguei com a ponta do dedo na sua tatuagem.

— Queres dizer isto? — disse eu.

Claro que queria dizer aquilo.

— Sim — disse ele.

Nunca desejara tanto espalmar-me contra outra pessoa, arrancar as roupas a outra pessoa. E ele não estava a ser conivente, não tinha avançado uns treze por cento em direção à nudez? Ou eu estava delirante e ele estava habituado, como os elementos do elenco, a ter o seu corpo exposto e manuseado? A ponta do meu dedo ainda tocava na sua tatuagem. Engoli em seco, desdobrando os outros dedos, e pressionei-os todos contra a sua pele perfeita. Calmamente, disse:

— Também não me preocupava com esta. — Quando tirei a mão, acrescentei: — Embora goste realmente da palavra *pretexto*. Talvez comece a usá-la.

Ele puxou a T-shirt para baixo e voltou-se, para ficarmos de frente um para o outro, e disse:

— Estás à vontade. O meu pai é advogado, e aprendi-a com ele. Espero que não tenhas perdido todo o respeito por mim por ter tatuagens tão básicas. Fi-las com um par de anos de intervalo, há bastante tempo.

— Acho que sei de uma coisa que te vai deixar descansado. — Eu tinha vestido um casaco polar, que tirei, depois levantei a manga curta

do braço direito da minha T-shirt e inclinei o braço na direção dele, com o cotovelo espetado.

Olhando para o meu bíceps, ele disse:

— Isso é um... rato?

— No quarto ano, a minha turma tinha um hamster chamado *Barnaby*, que eu adorava tanto que disse à minha mãe que queria fazer uma tatuagem dele. Ela disse que, se eu promettesse esperar até ter vinte e um anos, e ainda a quisesse, ela fazia uma comigo. Claro que, quando cheguei aos vinte e um, a única razão para ainda querer uma tatuagem de um hamster foi para forçar a minha mãe a cumprir a sua parte do acordo.

Tal como eu tinha feito, ele estendeu os dedos — que também eram perfeitos, longos, esguios e direitos — e quando roçaram na minha pele, pensei que, se pudesse viver dentro deste momento para sempre, o faria. Mas ele retirou-os depressa. Disse:

— Assumo que seja por isso que diz *Mãe*.

— A dela dizia Sally, mas o espantoso é que não combinámos. Fizemo-las separadamente, em salas diferentes, para nos surpreendermos uma à outra. E quando nos apercebemos do que tínhamos feito... — Parei. Tinha sido há quinze anos, numa loja na baixa de Kansas City, e depois tínhamos comido enchiladas ao almoço. Porque a minha mãe não era uma pessoa ostensiva ou exibicionista, eu demorei muito tempo, na verdade até à faculdade, até perceber como era esperta e engraçada, e como era generosamente compreensiva. Sempre que eu descrevia coisas embaraçosas que tinha feito, ela dizia «Oh, consigo imaginar-me a fazer isso» ou «Acho que quase toda a gente se sente assim». Ao Noah, eu disse:

— Quando nos apercebemos de que ela tinha posto o hamster dela a dizer *Sally*, e eu tinha posto o meu a dizer *Mãe*, eu comecei a rir e ela a chorar. E ela não era uma dessas mães que chora o tempo todo. Mas agora percebo porque chorou.

A expressão do Noah ficou séria quando perguntou:

— A tua mãe... ela está...?

Sabia o que ele me perguntava.

— Faleceu em 2015.

— Lamento.

— Obrigada. — Voltei a pôr o casaco polar sobre os ombros. — Independentemente de quando fizeste as tatuagens, não creio que precises de disfarçá-las. Não é que as pessoas vão verificar os factos nos *sketches*. E haverá tantas coisas a acontecer que mais vale simplificares o que puderes.

SEXTA-FEIRA, 16h39min

O carro estava, pelos vistos, estacionado em frente à entrada principal do 66, na West 50th Street — por outras palavras, não num lugar de estacionamento, o que significava que só Deus sabia que cordelinhos os publicitários da Annabel puxaram para evitar que fosse imediatamente rebocado. Depois de fazer o Danny descer do décimo sétimo andar, a Annabel, que estivera sentada no capô, saltou de lá para o beijar apaixonadamente, enquanto os *paparazzi*, dos quais havia mais de uma dúzia, clicavam com as suas câmaras e gritavam perguntas sobre o preço do carro e a data do casamento. O carro era um *Mercedes-AMG 65* prateado, um conjunto de letras e números que não significavam nada para mim, mas a Henrietta informou que a Internet dizia que custava mais de duzentos e vinte mil dólares. Por acaso eu sabia, embora não estivesse certa de que a Annabel ou o público em geral soubesse, que o Danny não tinha carta de condução.

Não testemunhei nenhuma parte do espetáculo em primeira mão, porque estava no ensaio do Tagarelas, a tentar comportar-me de forma natural perto do Noah. Mas, quando me cruzei com o Danny no nosso escritório, foi ele quem me mostrou as fotografias da conta de Instagram da Annabel, que os mostravam de lábios colados em primeiro plano e o carro atrás. Estas fotos tinham sido tiradas, não por um paparazzo, mas por um fotógrafo pago pela Annabel, presente em quase todos os eventos públicos. A cruzar a primeira foto, estava a frase *Eu <3 o meu namorado*, e a resposta do Danny nos comentários por baixo era *amo-te, minha rapariga-lua*.

Eu disse:

— O esquisito é que ouvi dizer que tu e a Annabel tinham acabado ontem.

O Danny e eu estávamos sentados um ao lado do outro no sofá e, embora ele negasse ter acabado de arrotar, o ar estava repleto do cheiro de uma salsicha Reuben meio-digerida.

— Não, acabámos mesmo. — O seu tom era equânime. — Mas só por meia hora.

— Já acabaram outras vezes?

— Umas quantas.

— Tem sido enervante?

— Não seria a minha escolha.

— É a Annabel que começa sempre as separações?

— Sim, mas também é ela quem me procura para reatar. Fica com ciúmes, o que é doido, como se eu fosse arranjar melhor do que ela. Uma vez disse-lhe que quando usava o cabelo puxado para o lado ficava parecida com a Bethany Brick, e ela passou-se.

— Quem é a Bethany Brick?

— Também foi o que ela perguntou. Diz-me que não vês pornografia, sem me dizeres que não vês pornografia.

— Acho-a insatisfatória em termos de narrativa.

— Sim, acho que não percebes a intenção. De qualquer maneira, noutra altura disse-lhe que, na verdade, não fico com ciúmes, e parece que ela ficou com ciúmes por eu não ter ciúmes. Só queria dizer que sei que ela é muita areia para a minha camioneta. Já excedi os meus sonhos mais loucos. — Ficámos ambos calados. — Isto deve parecer tudo tão estúpido.

— Não, não — disse eu rapidamente. — O *sketch* A Regra Danny Horst... sou eu a irritar-me com os padrões duplos da heterossexualidade. Não é um comentário acerca da tua relação com a Annabel.

— Mas todos os altos e baixos entre mim e a Belly... provavelmente parecem-te mesmo imaturos.

— Já te contei que fui casada quando tinha vinte e poucos anos?

— A sério? Raios, Chuckles!

— Não achei isso na altura, mas nem o casamento, nem o divórcio fizeram sangue. O meu ex-marido e eu éramos o oposto de ti e da

Annabel. Éramos muito calmos e contidos, e olha onde isso nos levou... Não falo com ele há quase dez anos. E não é que tenha aprendido muito desde essa altura. Não faço a mínima ideia do que leva qualquer casal a ficar junto ou a separar-se, por isso, quem sou eu para julgar?

— Que outros segredos do teu passado nunca contaste? Mataste um homem em Reno só para o ver morrer?

— Acho que tens de confiar nos teus instintos — disse eu.

— Tenho estado para te perguntar se queres ser o meu padrinho. Um padrinho com vagina.

— O quê, queres equilibrar os números com as damas de honor da Annabel?

— Em parte, mas também quero mesmo que lá estejas.

Voltei a cabeça na sua direção e sorri.

— Nesse caso, claro. Fico honrada.

Ficámos calados outra vez, e foi um silêncio agradável, antes de eu dizer:

— Preciso de uma boleia para Poughkeepsie, mas não consigo lembrar-me... tens carro?

Ele riu-se.

— Vai-te foder, Chuckles — disse calorosamente.

SEXTA-FEIRA, 17h07min

— Fiz exatamente o que disseste — disse a Viv. — Enviei-lhe um email, tipo: «É oficial que não sou sua paciente, o seu nome vai estar na lista VIP, até amanhã». — Estávamos no seu camarim, antes de ela ir fazer a prova do fato de freira da Irmã Colleen.

— Tiveste resposta? — perguntei.

— Fez uma piada sobre como vai precisar de fazer uma sesta no sábado, para ficar acordado até tão tarde, o que... — Arreganhou o lábio de cima e dilatou as narinas. — Sabes quando eu disse que ele parece de meia-idade e totó naquela foto do site, mas é *sexy* pessoalmente? Talvez pareça de meia-idade e totó porque é de meia-idade e totó. Também disse que ia cá estar com *confetti*.

— Eu acho querido — disse eu. — Abre o coração.

A Viv revirou os olhos.

— Diz a mulher que praticamente namora com um pénis sem corpo.

SEXTA-FEIRA, 20h07min

— Sally, acorda — disse uma voz de mulher. — Consegues ouvir-me? Acorda, porque tenho um boato fantástico!

Enquanto esperava que os cenários dos meus *sketches* chegassem do armazém, tinha-me deitado para uma sesta curta no meu escritório e, quando abri os olhos, a Henrietta estava de joelhos ao meu lado.

— O Noah Brewster usa uma peruca!

Eu estava deitada de costas, e apoiei-me no cotovelo.

— Espera, o quê?

— Os seus lindos cabelos louros são falsos! Tenho de dizer que a qualidade é impressionante. Achas que ele usa peruca desde que ficou famoso, ou que começou a ficar com pouco cabelo com a idade?

Sentei-me, peguei na garrafa de água do parapeito da janela, dei um gole, e disse:

— Como é que sabes?

— O Terrence estava a decidir o meu penteado para o Vendedor de Queijo, e a Gloria chamou-o para uma conversa em segredinho, mas eu consegui perceber. Parece que o Noah não disse nada sobre isso à Gloria, e é um problema, porque em pelo menos dois dos *sketches* é suposto ele usar uma peruca. Por isso, vai usar a peruca dele, depois uma base para peruca, depois uma segunda peruca. — Bateu palmas.

— Vai ser uma sanduíche de perucas!

— Como é o cabelo verdadeiro dele?

A Henrietta sentou-se sobre os calcanhares e encolheu os ombros.

— Assumo que ralo.

Era estranho que saber isso me fizesse sentir protetora relativamente ao Noah? Fazia-o parecer vaidoso e inseguro, de uma forma que era compreensível, em vez de risível.

— Na verdade, eu não contava isso a mais ninguém — disse eu. — Pode ser perturbador.

— A sério? — O que ela disse a seguir lembrou-me de que eu disse-ra ao Noah que não era uma filha da mãe, e depois que era. — É que tinha a certeza de que tu ias achar um piadão.

SÁBADO, 13h55min

De início, assumi que a Annabel estava apenas atrasada. O ensaio corrido era, ao mesmo tempo, a primeira vez que qualquer pessoa do *TNO* via o programa da semana como um todo coerente, embora sem maquilhagem nem guarda-roupa finais, nem efeitos especiais, e o último ensaio antes do ensaio geral. O ensaio geral ia ser às oito da noite, em frente a um público que depois seria trocado por outro público no programa ao vivo, às onze e meia da noite.

Quando começou a abertura no Centro de Operações, com o Oliver a fazer de Comey, fui a correr da sala dos cartões de apoio, onde tinha estado a verificar mudanças, para o Palco 1, onde o Vendedor de Queijo era o quarto no alinhamento. No corredor, passei pelo Danny na sua farda de polícia e disse:

— Ei, a Annabel está no teu camarim?

— A equipa dela ia falar com a Autumn quando chegasse.

Ao entrar no estúdio, olhei em volta e não vi a Autumn; era provável que estivesse no espaço estreito por trás do Centro de Operações com o Noah, à espera com ele antes de entrar em palco para o seu monólogo. Tentei enviar-lhe uma mensagem, apercebi-me de que não tinha o número e abri um email. Digitei o endereço da Autumn e uma frase no assunto — *Preciso da Annabel no Palco 3 para a slot 5* — e carreguei em Enviar. Depois, pedi a um assistente de produção para descobrir onde estava a Annabel, e ele afastou-se em passo rápido. A abertura avançou para a banda residente, a tocar a música temática com muito saxofone, no lugar do que, no ensaio geral e no programa ao vivo, seria o locutor, cujo nome era Rusty, a recitar os créditos de abertura. Mas o Rusty não aparecia até ao ensaio final, e era a nossa assistente de realização Penelope quem exclamava:

— E o vosso apresentador, Noah Brewster. Senhoras e senhores, Noah Brewster!

O Noah passou a porta para o palco, vestido de *smoking*, e sacudiu o punho ao ritmo do crescendo introdutório da banda residente. Eu tentei não reparar, mais uma vez, como ele era escandalosamente bonito. Depois pensei: *Espera, mas aquilo é mesmo uma peruca?*

Quando ele começou o seu monólogo dizendo «Estou completamente entusiasmado por apresentar o *TNO* esta noite», eu estudei a linha do seu cabelo e as camadas louras que lhe emolduravam o rosto, as mechas que punha atrás das orelhas. A sério, nunca daria conta. Perguntei-me se a Henrietta poderia ter percebido mal, mas parecia pouco provável. E depois o Elliot apareceu no palco, e eu pensei: *Elliot? Mas que raio?* Como eu, o Elliot não aparecia em frente à câmara, ano após ano; ele também era, na sua essência, um guionista, e não um ator. Mas o que acontecia com a premissa do monólogo era que o guionista principal do *TNO* pensava que o Noah estava lá como músico convidado e não como apresentador, e o Noah estava a tentar explicar que era ambos. Eu não sabia por que motivo não era o Nigel a fazer o papel do Elliot. O Noah e o Elliot teriam desenvolvido algum tipo de amizade na última semana que precisasse de ser ostensivamente celebrada?

Depois do monólogo do Noah, uma versão preliminar da curta digital das receitas culinárias das mulheres brancas passou nos muitos monitores suspensos pelo estúdio, depois foi a vez do *sketch* do Vendedor de Queijo no Palco 1, que seria imediatamente seguido pelo A Regra Danny Horst no Palco 3. Quando o Vendedor de Queijo começou, limitei-me a ficar fora do palco, com o guião aberto contra o meu braço esquerdo e um lápis na mão direita. Usei a mão esquerda para verificar rapidamente o meu email e ver se a Autumn tinha respondido; não tinha.

O ensaio corrido era mais descontraído do que o ensaio geral, no sentido em que se faziam pausas e repetições — alguns *sketches* aconteciam duas vezes seguidas — e eu ainda podia fazer mudanças, com base no meu próprio julgamento. No ensaio geral, cada guionista assistia ao seu *sketch com* o Nigel, num pequeno espaço preparado para ele debaixo dos assentos do balcão, uma espécie de gruta na qual ele se sentava numa cadeira de realizador, a beber rosé, os olhos

fixos num monitor, para ver os *sketches* como os espetadores os veriam em casa. Também presentes, a assistir com o Nigel, estariam um ou dois dos seus assistentes, um par de produtores seniores, a Autumn e por vezes um dos amigos célebres mais próximos do Nigel (os seus amigos célebres menos próximos eram convidados a assistir ao programa ao vivo no seu escritório). Isso significava que estas eram as pessoas que ouviam o Nigel fazer os seus comentários ao guionista, o que significava que o roqueiro septuagenário de uma das bandas mais famosas do mundo uma vez ouvira o Nigel dizer-me, muito simplesmente: «Quando a Viv diz à Henrietta para tratar a candidíase com um dente de alho, assumo que a Viv quer dizer para o inserir vaginalmente, mas a linguagem neste momento não é clara.» Antes do ensaio geral, punha sempre desodorizante, que mantinha na minha bolsa de produtos de higiene da minha secretária, porque nunca suava tanto como a assistir a um dos meus próprios *sketches* com o Nigel.

No ensaio corrido do Vendedor de Queijo, tal como no ensaio anterior, o Noah atirou-se ao papel, e um ecrã verde atrás dele fez a imagem nos monitores mostrar ratos a correr alegremente pela loja. Mas, enquanto o seu dueto com a Henrietta saía perfeito, eu estava sempre a voltar-me e a analisar o estúdio, à procura da Annabel. O *sketch* acabou e o Bob O'Leary, que estava a observar a pouco mais de um metro, disse-me:

— Algum comentário, ou podemos avançar?

Olhei para os elementos do elenco e disse:

— Wes e Viv, podem ficar mais próximos dê Bailey? Estão muito afastados. À parte isso, façam exatamente como fizeram no ensaio geral e no ar. — Deitei um olhar ao Bob. — Mas é suposto a Annabel Lily entrar no próximo *sketch*, e nem tenho a certeza de ela já cá estar.

O Bob disse para o microfone dos seus auscultadores:

— Alguém pode dizer-me se a Annabel Lily está no estúdio? À procura da Annabel Lily para A Regra Danny Horst no Palco 3. — A sua voz era audível, através dos altifalantes, pelo estúdio, incluindo, eu sabia, nos camarins.

O Noah estava literalmente a ser levado pela mão por um elemento do guarda-roupa chamado Peggy, que acompanhava sempre o apresentador entre atuações. Ele levantou-me, sem palavras, uma mão para batermos os punhos, e eu levantei a mão até à sua. Tendo em conta o quanto andava de rastos por causa dele, seria de esperar que voassem faíscas no ponto de contacto; não aconteceu, e depois ele desapareceu para onde quer que a Peggy o levava a seguir.

Enquanto o Bob e eu caminhávamos para o Palco 3, apercebi-me de que ele recebeu uma resposta nos auscultadores, embora não conseguisse ouvir. Ele voltou-se para mim e disse:

— A Annabel não está cá. E se a Lynette ou a Bianca ficassem no lugar dela?

Que irresponsável, pensei, e disse:

— A Bianca.

A Bianca era um elemento do elenco no seu primeiro ano ali, com vinte e poucos anos, o que significava que era da idade da Annabel ou até mais nova.

O Bob disse ao microfone:

— A Sally diz a Bianca. Sabes onde está? — Depois de uma pausa, disse: — Ótimo, manda-a para cá.

E então A Regra Danny Horst começou: o Greg e a Viv no seu encontro no restaurante, a sorrir e a rir, o Josh na sua farda de polícia a aparecer para os prender. Dada a minha preocupação com a ausência da Annabelle, era-me difícil avaliar como corria, especialmente quando o Danny entrou. Cerca de trinta segundos depois, a Bianca entrou, de *Crocs*, calças de ganga e um *top* curto preto, e anunciou que era a Susan B. Anthony, a ler os cartões tão facilmente que eu duvidava que alguém de fora soubesse que ela fora informada da sua participação naquele papel nos últimos cinco minutos. Quando o *sketch* acabou, eu disse:

— Obrigada pela ajuda de última hora, Bianca. — Estabeleci um rápido cuidado visual com o Danny. — No geral, foi bom — continuei —, embora, Josh, tenhas entrado um bocadinho tarde. Não esperes que a Viv e o Gregor acabem as falas. Entra só por ali dentro e interrompe-os.

— Percebido — disse o Josh.

— Queres vê-lo outra vez? — perguntou-me o Bob.

Era imaginação minha, ou o Danny emitia uma energia estranha?

— Acho que estamos bem — disse eu.

Enquanto toda a gente dispersava, a Bianca abordou-me.

— Só quero dizer-te — disse ela — que este *sketch* é uma afirmação mesmo importante. É engraçado, mas também é, tipo, que porra? Porque a regra é real por aqui. Fico contente por vires denunciar a situação, e fico contente por agora fazer parte disso.

— Oh. — Fiz uma pausa. — Obrigada. Mas lamento, o plano ainda é que a Annabel entre no *sketch* para o guarda-roupa e cabeleireiro. Acho que ela só está atrasada.

O seu rosto recompôs-se quase com a mesma rapidez com que ficou triste.

— Sim, claro — disse ela. — Não, faz sentido.

— Agradeço-te mesmo por a teres substituído, e adorava trabalhar contigo noutra coisa em breve...

— Sim, sim — disse a Bianca rapidamente. — Sim, o mesmo.

Afastou-se rapidamente.

Quando o *sketch* seguinte começou — era no Centro de Operações e era aquele em que a Viv era uma freira e o Hakeem um padre — vi o meu email outra vez e vi que a Autumn tinha respondido. O seu email dizia: *A Annabel não está cá.*

Não me digas, pensei eu. Fui à casa de banho — o meu *sketch* seguinte, o Tagarelas, era só na décima primeira *slot* — e sentia o desconforto do mal-entendido com a Bianca colado a mim, enquanto fazia chichi e lavava as mãos. Nunca tinha feito parte do elenco, mas tinha passado pelo meu primeiro ano no *TNO* e lembrava-me de me parecer que ter ou não uma hipótese era definido, não por qualquer coisa que eu fizesse, mas pelo que outras pessoas, mais antigas, permitiam.

Quando voltei a entrar no estúdio, o Noah estava a cantar a sua primeira canção, aquela com a qual ele me fizera, ou não, uma serenata. Por causa da iluminação, sabia que ele não conseguia ver para além das duas primeiras filas de cadeiras, agora dispostas em linhas ordenadas.

Fiquei atrás dos lugares, com os braços cruzados, e, ao ouvi-lo cantar e vê-lo tocar guitarra, senti o respeito que muitas vezes sentia no *TNO* pelas pessoas que não só sabiam fazer coisas que eu não sabia, mas que eram tão boas a fazê-las que parecia fácil.

Depois da primeira canção do Noah, fiquei ali de pé para a Redação, com o Danny inexpressivo, no seu casaco e gravata. Quando entrou no cenário para ocupar o seu lugar atrás da secretária, viam-se as calças de fato de treino rosa-pálido que usava na parte inferior do corpo, em vez das calças do fato. Perguntei-me qual seria a desculpa da Annabel — talvez a sua massagem de aromaterapia se tivesse atrasado, ou talvez estivesse a fazer uma limpeza de pele de plasma. Como acontecia muitas vezes, o Danny mal abriu um sorriso ao debitar as suas falas.

Depois veio o *sketch* da Coreografia do Noah, que foi divertido e disparatado, e que concluiu com ele a arrancar a camisa e as calças para revelar os calções de cabedal preto e o colete, também de cabedal preto, que deixava a barriga à mostra, o que queria dizer que o que realmente era revelado eram os seus abdominais definidos e as pernas e os braços tonificados; a tatuagem do antebraço mal se via. Como se a visão do seu corpo dourado não fosse suficientemente estimulante, um tipo dos adereços colocou, durante o que viria a ser um corte da câmara, uma longa cobra verde em redor do pescoço e dos ombros do Noah. Levei uns segundos a perceber que a cobra era de borracha. O Noah agarrou em ambas as extremidades e sacudiu as ancas de uma forma falsamente sensual, que não achei tão ridícula como sei que era suposto achar, ou talvez fosse tão atraente por ele não ter medo de ser ridículo.

Depois estava na altura do Tagarelas e, embora o Noah e a Henrietta estivessem animados quando a sua patetice culminava na parte do avião, eu senti uma profunda, inquieta percepção de que o *sketch* não era suficientemente bom; não estava a mostrar algo que *sketches* anteriores do Tagarelas não tivessem mostrado melhor. Também sabia que não ia começar a rever à maluca, tão perto do ensaio final e de ir para o ar. Alguns guionistas continuavam a fazer reescritas enquanto podiam, mas eu acreditava que se chegava a um ponto em que os ganhos potenciais

em qualidade vinham em prejuízo da familiaridade e do conforto do elenco com o guião.

Depois do Tagarelas veio o *sketch* péssimo do Chavão, durante o qual tive a horrível experiência de perceber que ele era capaz de, ao mesmo tempo, andar de monociclo e fazer malabarismo, o que me impressionou contra a minha vontade; depois o segundo número musical do Noah, a canção chamada *Inbox Zero*; depois o *sketch* do Cubículo da Casa de Banho, que me pareceu que, em termos de escrita, estava a setenta e cinco por cento do ponto em que devia estar; depois os Três Tenores. Depois o Noah reapareceu no Centro de Operações e disse:

— Obrigado por assistirem a este ensaio, que correu sob rodas em todos os aspetos.

Pelos altifalantes, ouvi a assistente de realizador, Penelope, dizer:

— E o ensaio corrido está feito, minha gente.

O Bob, o Nigel, a Autumn, a Penelope e o Elliot convergiram para o espaço em frente ao Centro de Operações, e o Noah saltou para fora do palco e começou a falar com eles. Eu tentei aproximar-me discretamente da Autumn por trás, tocando-lhe no cotovelo. Quando ela se voltou, murmurei:

— A Annabel ainda vem para o ensaio geral e para o programa ao vivo, certo?

A Autumn franziu o sobrolho e sacudiu a cabeça. As outras pessoas que estavam na conversa tinham ficado em silêncio e olhavam para mim. Eu disse:

— Só estou a tentar perceber o que se passa com a Annabel Lily.

— A Annabel não vem hoje — disse a Autumn. — Ponto final.

— Porque não?

— Porque lhe surgiu uma coisa.

— Posso falar com ela — disse o Noah.

— Ou o Danny — disse eu, ao mesmo tempo que o Bob dizia:

— Noah, tu vais ter bastante que fazer entre este momento e irmos para o ar.

— Não é nada de especial — disse o Noah. — Eu conheço-a, mais ou menos.

Numa voz muito mais calorosa do que a que usara para falar comigo, a Autumn disse:

— É mais do que generoso da tua parte ofereceres-te, mas, sabes que mais? Está na altura de conheceres a tua cobra. — Deitou um olhar aos outros e disse: — O tratador recomenda que o Noah e a cobra passem tempo juntos para se habituarem um ao outro.

Os meus olhos cruzaram-se com os do Noah, e eu disse:

— Espera, vais *mesmo* usar uma verdadeira?

Ele sorriu.

— Asseguraram-me de que não é venenosa.

O Elliot deu uma palmada nas costas do Noah e disse:

— Vais ser fantástico, meu.

O Bob disse:

— Nos últimos trinta e sete anos, só perdemos o quê, Nigel? Três apresentadores? Quatro?

Seco, o Nigel disse:

— Não mais do que isso. — Depois olhou para mim e disse: — Um programa bom para ti esta noite, Sally.

SÁBADO, 18h01min

Estava de regresso à sala dos cartões de apoio, quando o meu telefone vibrou com uma mensagem da Henrietta: *OMG A Annabel e o Danny acabaram a sério?!?! O Danny está bem?*

— Oh, merda — disse eu em voz alta, e voltei-me para o tipo dos cartões que estava mais próximo. — Volto já.

Corri para o camarim do Danny e bati à porta várias vezes. Não houve resposta, mas, quando girei o puxador, vi o Danny deitado de cara para baixo no seu sofá de bombazina castanha. A sala tinha cerca de um metro e oitenta por dois metros e meio, uma caixa sem janelas com um balcão de fórmica sob a parede de espelhos, e o Danny pouco tinha feito para personalizar o espaço, para além de ter instalado o sofá de dois lugares. As suas pernas estavam suspensas, e ainda tinha vestido o blazer do Redação.

— Danny, sou eu — disse.

Quando ele voltou a cabeça, o seu rosto estava vermelho e marcado pelas lágrimas.

— Acho que ouviste dizer — disse ele.

Depois de me ter empoleirado na beira do sofá — ele ocupava tanto espaço que a minha coxa direita estava espremida contra a sua anca esquerda — conseguia cheirá-lo. Mas era um cheiro reconhecível, humano e não repugnante: o facto de o reconhecer parecia-me familiar.

— Lamento muito — disse eu. — Embora... achas que *acabou* acabou? Com a vossa história...

— Lembras-te da noite das eleições, quando era, tipo, o pior que *podia* acontecer? E depois, de repente, Oh, foda-se, está a acontecer. E depois tinha acontecido. — Ele fungou. — O publicitário dela telefonou ao meu publicitário, e a Belly já publicou uma declaração, que de certeza foi o publicitário que escreveu, porque a formulação é uma treta. — Sorriu sombriamente. — Depois ela bloqueou-me em todas as redes.

Parecia, entre outras coisas, ou espantosamente insensível ou deliberadamente cruel ela comportar-se assim, horas antes de estar previsto o Danny representar ao vivo na TV nacional. E seria mentira dizer que não temi mais uma vez pelo destino do meu *sketch* A Regra de Danny Horst, mas desta vez não era a coisa principal na minha cabeça. O principal na minha cabeça era que o Danny tinha escapado de boa.

— Aconteceu alguma coisa específica? — perguntei.

Ele pôs-se de lado, as costas contra as almofadas de bombazina.

— Estava no apartamento dela esta manhã, certo? Estávamos nas calmas na cozinha, a fazer *smoothies*, e ela tem um daqueles liquidificadores superpoderosos, topo de gama. Estávamos a comentar que tem uma garantia de dez anos e eu comecei a fazer piadas parvas, tipo, quando a garantia expirar, todos os carros vão ser de condução automática, toda a carne vai ser produzida em laboratório, e nós provavelmente vamos estar divorciados, mas nem sequer nos vamos importar, porque vamos estar ambos a dar quecas com robôs.

Ele ficou calado, e eu perguntei:

— Há mais?

— A sério, eu mal estava acordado. Só estava a dizer merdas. Mas ela passou-se.

— Ela percebeu que estavas a brincar?

— Disse que eu nunca a tinha levado a sério, porque sou incapaz de ser sério. — Ele encolheu os ombros. — Eu volto para aqui a pensar, Okay, aquilo foi uma merda, mas já passámos por isso antes. Ela aparece aqui e fazemos sexo de reconciliação. — Não era, disse a mim própria, o momento para ponderar que emissões este sofá absorvera. — Mas, em vez disso, ela fez terra-queimada.

— Eu sei que é fácil para mim dizer, mas, e se ignorares as redes sociais, dormires um bocado depois do programa e a fores ver pessoalmente amanhã?

— Ela é um bocadinho louca — disse ele. — Mas, quando não está a ser louca, é a pessoa mais doce, mais carinhosa que já conheci. Tem uma cama enorme com um milhão de almofadas e um grande edredão de penas como nos hotéis mais elegantes, e nós ficamos lá deitados, só a olhar para os olhos um do outro. Não sabia que as pessoas faziam essa treta de ficar a olhar nos olhos sem ser nos filmes, até a conhecer.

— Parece agradável — disse eu.

Nenhum de nós falou por uns segundos, e o estômago do Danny reclamou.

— Quando foi a última vez que comeste? — perguntei.

— Boa pergunta.

— Vamos pedir a um estafeta que te vá buscar uma sanduíche. Que tal qualquer coisa simples, como peru ou frango? Devias consumir alguma proteína. — Mas, quando me levantei, ele estendeu um braço para me travar.

— Sabes quando sentes mesmo uma ligação com outra pessoa? — disse ele. — Tipo, por uma vez na vida a solidão desaparece, e as duas pessoas compreendem-se completamente... achas que isso é tudo treta?

Respirei fundo e disse:

— Não acho que seja treta. Acho que é raro, mas real.

SÁBADO, 18h27min

Disse às duas assistentes em frente ao escritório do Nigel que precisava urgentemente de falar com ele, e uma levantou-se, entrou no seu escritório, depois voltou a sair e fez-me sinal para entrar. Lá dentro, de pé em redor do quadro de cortiça, estavam o Elliot, o Bob O'Leary e outros dois produtores. O Nigel estava atrás da secretária, a beber de um copo alto, transparente, e quando o pousou, disse:

— Sally, nunca subestimes o valor da água.

— Precisamos de cortar A Regra Danny Horst — despejei. Como nunca tinha feito aquilo, não tinha a certeza se o pronome devia ser *nós*, como em *nós precisamos* ou *tu*, como em *tu precisas*. — O Danny e a Annabel acabaram de ter um grande rompimento público, ela está a pôr coisas nas redes sociais, e é uma trapalhada.

Num tom calmo, o Bob disse:

— A Annabel não é propriamente essencial no *sketch*. A Bianca está muito bem.

— Precisamos de cortá-lo, para bem do Danny — disse eu. — Ele está mesmo perturbado.

— O Danny é um profissional — disse o Elliot. — Ele fica bem. Além disso, eles não rompem muitas vezes?

— Desta vez parece diferente.

— O *sketch* não poderá ser catártico? — perguntou o Nigel.

Olhar para os seus rostos era desorientador; tentar fazê-los *cortar* um dos meus *sketches*, depois de nove anos a fazer o oposto, era desorientador. Talvez eu estivesse errada e eles estivessem certos. Tanto pelo bem-estar do Danny, como para eu fazer um três-em-um, queria que estivessem.

— Não vai ser catártico — disse eu. — Vai ser como atacá-lo quando está em baixo.

— Devemos mantê-lo no ensaio geral e ver como corre? — perguntou o Bob.

— Ou ver se eles voltaram um para o outro daqui a uma hora — disse o Elliot.

— Precisamos de acabar com a infelicidade do Danny já — disse eu.

— De qualquer modo, ele está no Redação — disse o Elliot.

— Esse não é *sobre* ele — disse eu.

— Tens a certeza disto? — disse o Nigel.

Naturalmente, naquele momento, não tinha.

— Sim — disse eu. — Tenho a certeza.

O Nigel voltou-se para o Bob e disse:

— Vamos voltar a pôr o Armário dos Remédios no alinhamento.

O Elliot e eu estabelecemos contato visual e — não de forma crítica, mas mais pensativa — ele disse:

— Se não soubesse, ia achar que tinhas perdido o teu toque.

SÁBADO, 18h35min

O camarim do apresentador e o camarim do músico convidado eram no mesmo corredor, e as duas portas estavam fechadas quando eu passei a caminho do escritório do Nigel. Quando regresssei ao estúdio, a porta do apresentador estava aberta e cheia de gente. Ouvei alguém dizer «Ei, Sally!» e o Noah apareceu, fazendo-me um gesto para entrar. Atrás dele, de pé ou sentados na mobília surpreendentemente má, no espaço surpreendentemente simples, estavam a Autumn, a Madison e a Addison, um homem branco com uma barbicha bem cuidada, uma mulher de cabelo espetado e jardineiras, uma mulher loura que parecia uma mãe suburbana e um tipo branco de fato e gravata. Assumi que os que não eram a Autumn, Madison e Addison eram a sua agente, empresária e outros membros da sua equipa de negócios.

O Noah estava de *smoking* e com uma camada de maquilhagem, e — talvez porque estava habituada a ver tanto homens, como mulheres com base, bronzeador e *blush* — achei que ele parecia radiantemente bonito. Se realmente usava peruca, era excepcional.

— Ei — disse eu. — Que tal foi criar elos com a cobra?

— Agora somos assim. — Ergueu dedos cruzados. — Francamente, não foi mau. Pensei que a coisa era fria, por causa do sangue frio, mas era morna. Ou devia dizer ela, em vez de coisa. Chama-se Eleanor.

— A sério?

Ele assentiu.

— Quería dizer-te... enviei uma mensagem à Annabel, e parece que ela e o Danny acabaram.

— Acabaram — disse eu. — E o *sketch* foi cortado.

— Oh, lamento.

— Acontece. Quer dizer, obrigada por tentares. Como te sentes?

Ele fez uma expressão ansiosa, a gozar consigo próprio.

— Talvez não cem por cento calmo?

— Acho que vais ser ótimo e fazer um espetáculo fantástico — disse eu. — A sério.

Era habitual os apresentadores estarem palpavelmente nervosos conforme o programa se aproximava — e alguns estavam tão nervosos, o tempo todo, que vomitavam e tremiam a semana inteira —, mas eu nunca tinha tranquilizado pessoalmente nenhum deles. Mas tinha acabado num corredor, à toa, a abraçar o dançarino que apoiava uma *rapper*, um homem careca e extraordinariamente musculoso, vestido com um *top* de alças e calções de ganga. Para o Noah, acrescentei:

— Na verdade, o programa desta semana está em muito melhores condições do que muitos estão por esta altura.

— Sim? — disse Noah. Depois, em simultâneo, dissemos ambos:

— Na verdade? — E sorrimos.

Naquele momento, senti que nos conhecíamos muito melhor do que na realidade,, e pensei que ele era claramente um bom tipo, para além de ser radiantemente bonito, e também que seria um enorme alívio quando o programa ao vivo tivesse acabado e não tivéssemos dúzias de encontros ostensivamente casuais. Se o *TNO* era como um acampamento de verão, pelo menos a sua sessão só duraria uma semana. Fiz um gesto com o polegar e disse:

— Devia ir dizer ao Danny que o meu *sketchezinho* malicioso sobre a sua vida amorosa foi cortado.

— Antes de ires... — O Noah debruçou-se para o camarim e pôs a mão no ombro da mulher loura, que usava um vestido castanho-

-avermelhado, com flores castanhas, e estava a comer um pacote de cajus com cem calorias. Havia uma taça com esses pacotes numa mesa, com bananas, maçãs, carne seca alimentada a erva, vegetais crus fatiados numa travessa, *brownies* minúsculos, e garrafas de água. A mulher voltou-se para ele, e o Noah disse:

— Sally, esta é a minha irmã, Vicky, e Vicky, esta é a Sally, que é guionista aqui.

Com um ar simpático, a Vicky disse:

— És uma das pessoas que realiza os sonhos do Noah.

— Bem, não pessoalmente — disse eu, o que pareceu de imediato estranho da minha parte. — É um prazer conhecer-te — acrescentei, enquanto apertávamos as mãos.

— Igualmente.

— Vives aqui em... — comecei, mas antes de poder terminar, a Autumn estava em cima de nós da sua forma Autumn-eira, a dizer:

— Sally, vou roubar tanto o Noah, como a Vicky e mostrar-lhes onde é que a Vicky vai ficar quando apresentar a primeira canção do Noah.

— Oh, que divertido. — Dei um passo atrás e acenei vagamente. — Muita merda! — disse, e fugi.

SÁBADO, 23h08min

Trabalhar no *TNO* era frequentemente caótico, mas o momento mais caótico era entre o ensaio geral e o começo do programa ao vivo. Os trezentos e tal elementos do público tinham de ser conduzidos para o exterior, e outros mais de trezentos tinham de ser trazidos para dentro. Todos os guionistas e todos os produtores e todo o elenco se enfiavam dentro do escritório do Nigel — desta vez o seu escritório com vista para o estúdio — para ele poder revelar que dois ou três *sketches* ia cortar por causa do tempo, e como achava que a sequência dos restantes devia ser reorganizada, e que ajustes de última hora queria que fossem feitos aos guiões, cenários e guarda-roupa. Se, por vezes, a sua atenção aos pormenores parecia ridícula — ele era capaz

de decretar que um vaso de plantas devia ser passado da direita para a esquerda de uma secretária — o contra-argumento era que ele era Nigel Petersen, e nós não.

O ensaio geral tinha corrido bem, com o público a rir muito, mas não tão bem que me fizesse temer pelo programa ao vivo; por vezes, íamos para o ar sabendo que não íamos conseguir melhor do que no ensaio geral, e esta não era uma noite dessas. Tinha havido um falhanço completo — o Irmã & Padre, aquele em que a Viv era freira — em que a plateia estivera silenciosa do início ao fim, mas fora mesmo antes do primeiro número musical do Noah, que de certa forma servira para limpar o palato e impedir o falhanço de arruinar o resto do programa. Compreendíamos que, embora todos preferíssemos arrasar, o facto de os *sketches poderem* falhar, de o público não nos recompensar apenas por aparecermos, dava a arrasar o seu valor e significado.

De acordo com a frequente inescrutabilidade do Nigel, não ia cortar o Irmã & Padre; em vez disso, queria-o reescrito para que, em vez do Noah como Papa a aparecer a dois terços do *sketch*, este começasse com o Noah, e o seu chapéu passava de uma mitra para um solidéu. Tanto o Tagarelas como o Vendedor de Queijo sobreviveram ao ensaio geral, embora o Nigel quisesse cortar vinte segundos ao Tagarelas, o que me deixara a pensar se devíamos acrescentar a Henrietta estilo-avião nos pés do Noah, ou reduzir a conversa entre os jurados homens. Escolhi a última, embora me perguntasse se fazê-lo enfraqueceria todo o *sketch*. E o *sketch* do Monociclo do Chavão tinha sido mudado para último. Os últimos tendiam a ser uma lotaria — ficava claro que incluí-los não era uma prioridade para o Nigel, porque podiam ter de ser cortados por causa do tempo, *durante* o programa —, mas por vezes tornavam-se clássicos inesperados.

Depois da reunião, corri para a sala dos cartões e cruzei-me com o guionista Benji, que disse:

— É uma chatice aquilo do Nigel e A Regra Danny Horst. Eu achei-a boa.

Mesmo que quisesse, não tinha tempo para esclarecer; precisávamos ambos de verificar novos cartões. Disse simplesmente:

— Eu sei.

Faltavam dez minutos para irmos para o ar, eu ouvia a banda residente a tocar no Centro de Operações e a conversa do público ansiosamente à espera do programa. Habitualmente, o Danny ocupava o palco alguns minutos antes de irmos para o ar, para aquecer o público, mas ouvi ê Bailey, que também começara no *stand-up*, a fazê-lo em vez dele. Depois Bailey saiu do palco e o elemento do elenco Jay entrou, com a Bianca, a Lynette e a Grace a assumirem as suas posições atrás dele. Embora não conseguisse ver o Centro de Operações, sabia, porque era sempre assim que acontecia, que o Jay trazia um fato de três peças, azul-claro, ao estilo dos anos 1970, e as mulheres usavam vestidos prateados curtos, sem costas, com botas altas brancas. Cantaram todos *We are Family* e o público ficou doído.

Enquanto eu caminhava em direção ao lugar debaixo do varandim onde geralmente via o espetáculo ao vivo, uma terra-de-ninguém separada da gruta do Nigel, e sem rosé, passei pela Viv, que estava prestes a fazer de editora do Comey na abertura. Nos segundos antes de alguém do elenco entrar, quando estava rodeado pelo maquilhador, cabeleireiro, uma pessoa do guarda-roupa a fazer os últimos ajustes, o ajuntamento lembrava-me sempre de quando os ratos e os pássaros, no filme original da Cinderela, a vestiam para o baile. Não queria meter-me no caminho, ou dizer o nome do Dr. Theo, por isso, quando os olhos da Viv se cruzaram com os meus, limitei-me a levantar a mão direita num punho, com o polegar estendido, depois com o polegar para baixo, e arquear as sobranceiras. Ela anuiu e levantou ela própria o polegar. Não sabia se devia perguntar-lhe se o Dr. Theo ali estava, ou se tinham falado, mas, de qualquer modo, a confirmação parecia promissora.

— Maravilha — disse eu, e continuei a andar, para ocupar o meu lugar junto de outros dois guionistas, o Patrick e a Jenna. A não ser que as coisas corresse mal durante o programa, que outro *sketch* demorasse muito mais e me fosse dito por um produtor que precisava de fazer mais cortes, era onde ficaria. Mesmo nas noites em que nenhum dos meus *sketches* estava no alinhamento, era entusiasmante estar no estúdio, a ver os elementos do elenco a representar, sabendo que os *sketches*

apareciam em ecrãs de televisão por todo o país. Tal como o Noah e milhões de outras pessoas, eu também fora, um dia, uma miúda que vivia longe de Nova Iorque e via o *TNO* e ficava fascinada.

E depois eram 23h28min, 23h29min — uma das pérolas de sabedoria do Nigel que as pessoas fora do *TNO* usavam era «O programa não avança porque está pronto. Avança porque são 23h30min» — e ouvi a Penelope a dizer:

— Trinta segundos para o ar, gente, trinta segundos para o ar. Toca a andar, pessoal.

A abertura começou, e o Oliver era bajuladoramente moralista a fazer de Comey, a Viv impaciente como sua editora, e a Lynette apareceu em palco como uma Hillary Clinton cansada do mundo. Depois houve aquele momento no final do *sketch* em que eles quebraram a quarta parede, inclinaram as cabeças, olharam para a câmara e gritaram em unísono, dando as boas-vindas aos espetadores do programa, como faziam os elementos do elenco do *TNO* desde 1981. Ouvir a famosa fala nunca deixava de soltar algo em mim, uma espécie de êxtase que era como levantar a anilha de uma lata de refrigerante, ou talvez como ter um orgasmo, ou talvez como saber que teria um orgasmo em breve — alguma excitação, expectativa, nervoso e encanto. O aspeto essencial que eu não tinha percebido sobre o *TNO* antes de trabalhar ali era que embora houvesse falas enganadas, cortes de câmara atrasados e *sketches* que falhavam, a parte ao vivo não era a fraqueza do programa; era a sua força. E, na verdade, também o era a forma como toda a preparação tinha de ser enfiada numa semana. Essas eram as coisas que nos tornavam criativos e loucamente ambiciosos, que davam ao programa a sua imprevisibilidade, intensidade e magia. Embora, estranhamente, mesmo depois de trinta e sete anos, muitos espetadores ainda não se tivessem apercebido de que o programa *era* ao vivo.

Por esta altura, eu tinha estado perto do Noah o suficiente para perceber que ele estava nervoso durante o monólogo, mas de uma forma adorável: estava tão feliz quanto agitado. Quando o Elliot entrou para o seu falso mal-entendido, a sua rigidez, por comparação — e, francamente, a sua aparência medíocre, por comparação — amplificou o encanto de Noah. E, em seguida, o Noah disse:

— E o nosso músico convidado, bem, também sou eu, e temos um programa fantástico esta noite, por isso fiquem por aí e nós regressamos num instante.

E avançou tudo, com a Peggy a levar o Noah do palco (outro dos meus momentos favoritos foi quando uma jovem revelação pequenina, em saltos extremamente altos, acabou o seu monólogo e a Peggy a levantou às cavalitas, para a levar do Centro de Operações para o seu primeiro *sketch*). Pensava muitas vezes que o *TNO* era como uma versão acelerada da própria vida, e que, quer uma coisa corresse de forma magnífica ou desastrosa, o tempo seguia sempre e o momento seguinte estava a acontecer. Durante os intervalos, ou à medida que os *sketches* se sucediam, as hordas de técnicos, todos de preto, mudavam calmamente as paredes dos cenários, desenrolavam tapetes e transportavam sofás e secretárias, e, antes de cada *sketch* começar, a Penelope dizia pelos altifalantes «Dez segundos», e depois «Três, dois» e estávamos outra vez ao vivo. Depois do monólogo do Noah, do intervalo, da curta digital de Tony e da Lianna, o Vendedor de Queijo arrasou (claro que o *sketch* de que gostava menos arrasou, e aquele de que gostava mais fora cortado, embora tivesse sido eu a cortá-lo); depois houve o *sketch* do Armário dos Remédios, que substituíra A Regra Danny Horst, que era tão esperto como ainda um pouco mole, não tão incisivo como seria se tivesse tido mais revisão; depois o reformulado Irmã & Padre, que fez o público rugir assim que o Noah apareceu na sua batina branca e solidéu, e no qual a Viv, como freira, derramou inocentemente duplos sentidos porcos, que me levaram a estudar as nucas do público nos lugares da plateia, à procura do Dr. Theo. Depois o primeiro número musical do Noah foi apresentado pela irmã, Vicky, e foi *Ambiguous*, a canção que eu o vira ensaiar. Desta vez, deixou-me inexplicavelmente triste e fez-me pensar que talvez devesse acabar as coisas com o Gene e tentar, depois de tanto tempo, ter um verdadeiro namorado. Ninguém do *TNO*, isso era certo, e não o Noah Brewster, porque era o Noah Brewster. Mas *alguém*, alguém para cujos olhos quisesse olhar e que quisesse olhar para os meus enquanto nos deitávamos numa cama com um milhão de almofadas. Depois foi o Redação, no qual qualquer disposição com que o Danny estivesse era indistinta da sua apresentação normalmente

inexpressiva e que, para além das piadas dele sobre os acontecimentos do momento, tinha ê Bailey num segmento de culinária com pratos quentes do Minnesota — ê Bailey era, na vida real, de Duluth — e, enquanto deitava um jarro enorme de sopa de creme de cogumelos sobre uma panela de vidro de bolinhos de batata, eu percebi logo que ia ser um segmento recorrente. Seguiu-se o *sketch* da Coreografia do Noah, e eu vi o tratador da cobra mesmo ao lado do cenário; esperava que a cobra fosse verde como o adereço, mas as suas escamas tinham um padrão de diamantes de um laranja avermelhado sobre laranja mais pálido, e o público aplaudiu depois de o tratador a colocar sobre os ombros de Noah e se afastar, e o meu coração bateu, e depois aquele *sketch* também terminou, e eu tinha visto outra vez o abdómen musculoso do Noah, e muitos outros americanos também. Depois houve o Tagarelas e, embora tenha tido gargalhadas, tal como eu conseguira ver que o segmento dos pratos quentes dê Bailey era o começo de alguma coisa, também percebi que o Tagarelas tinha acabado. Depois a Peggy puxou o Noah do Palco 3 para o Palco 2, para a sua segunda canção, os ratos e pássaros da Cinderela a vesti-lo numa camisa de *bowling* retro em verde-menta e preto e a retocar-lhe a maquilhagem. Agora foi o Jay que o apresentou e o Noah cantou *Inbox Zero*. Então, a seguir a um intervalo, estava na altura das despedidas: o Noah ficou de pé no Centro de Operações, acompanhado pelos elementos do elenco e da sua banda, disse obrigado e todos se abraçaram. O Monociclo do Chavão tinha sido cortado, mas também acontecera aos Três Tenores do Joseph. O Danny não apareceu para a despedida, e a banda residente ainda estava a tocar a música de encerramento e o público ainda aplaudia quando saí do estúdio e fui até ao seu camarim.

Um produtor e um assistente de guarda-roupa deram-me os parabéns pelos meus *sketches*, e eu agradeci-lhes rapidamente. Bati à porta do Danny e abri sem esperar pela resposta. Estava sentado em frente ao espelho, a remover a maquilhagem com um toalhete.

— Como estás? — perguntei.

— Como é que achas?

— Se não quiseres ir à festa a seguir, podemos ir comer piza, ou o que quiseres.

No espelho, cruzámos os olhares e ele sorriu, com um ar sombrio.

— Sem ofensa, mas neste momento estás a mandar umas vibrações intensas de «Querida, eu sei que não foste convidado para o baile de finalistas, mas não seria muito mais divertido ficar em casa e fazer bolachas comigo e com o pai?».

— Eu realmente tenho uma receita deliciosa de biscoitos — disse eu, mas ele não se riu. Disse:

— Vou para casa, vou fumar erva e vou tentar dormir.

— Mandas-me uma mensagem amanhã, para me dizeres como estás? — Nunca tínhamos comunicado no nosso dia de folga.

— Okay, mãe — disse ele.

Antes de sair do camarim, dei-lhe uma palmadinha no ombro.

A cada elemento do elenco, ao contrário dos guionistas, era fornecido um carro com motorista para ir para as festas depois do programa — mais especificamente, um *Cadillac Escalade SUV* preto gigante —, e eu tinha combinado ir com a Henrietta e a sua mulher, Lisa. Antes de me encontrar com elas no camarim da Henrietta, que era apenas a umas portas do do Danny, tinha de passar pelo décimo sétimo andar, largar os guiões, e ir buscar a bolsa de cintura de *nylon* preto que usava como mala. Quando entrei no escritório, estava um enorme ramo de flores no centro da minha secretária, rosas cor-de-rosa escuras e claras, e verdura com ar glaceado. Quando levantei o grande vaso quadrado da caixa de cartão aberta, pensei que, se esta era a forma de o Noah me agradecer por tê-lo ajudado com o seu *sketch* (quatro dias antes, mas também há uma vida), era ao mesmo tempo excessivo e extraordinariamente delicado.

Mas, quando tirei o cartão do garfo de plástico transparente no centro do ramo e o desdobrei, dizia:

Sally, por favor perdoa-me. Bjos, Annabel

DOMINGO, 01h51min

A festa oficial dessa semana, antes da festa depois da festa, ou de quaisquer festas depois dessa, era num enorme restaurante francês, elegante e antiquado. Tinha um bar vagamente na moda, no nível de baixo — não um bar que alguém de vinte e três anos, a viver em Bushwick, considerasse na moda, mas um que, digamos, alguém de trinta e seis anos,

a viver no Upper West Side, poderia considerar. Todas as festas oficiais eram uma mistura esquisita de evento de trabalho quase obrigatório, libertação emocional necessária, exibição de celebridades e jantar à uma e meia da manhã.

Quase imediatamente depois de termos chegado, a Henrietta, a Lisa e eu passámos pelo bufete — a Henrietta tinha-me dito uma vez que esta era a única refeição da semana em que comia sem contenção — e depois sentámo-nos numa grande cabina redonda, já ocupada pela Viv, o Dr. Theo, o Bailey, o companheiro de Bailey, Sterling, o Oliver, o empresário do Oliver, cujo nome eu não sabia, a ex-namorada do Oliver, Bettina, e a prima do Oliver, cujo nome eu também não sabia. Enquanto os elementos do elenco e eu discutíamos o programa — quem se enganara nas falas, quem saíra de personagem, que *sketches* tinham sido recebidos com mais ou com menos entusiasmo do que esperávamos — perguntei-me o que o Dr. Theo achava de estar ali, àquela hora, rodeado de pessoas pelo menos uma década e meia mais novas do que ele. Pessoalmente, ele era tão atraente como na foto *online*, ou talvez mais: de estatura média, esguio, com cabelo grisalho curto e afáveis olhos castanhos. Parecia ao mesmo tempo calmo e difícil de ler. A Viv estava à sua esquerda, e eu à sua direita, e, com o decorrer da discussão, eu disse:

— Espero que esta conversa interna não esteja a aborrecer-te de morte.

— De todo — disse ele. — É divertido espreitar por trás das cortinas.

— És oftalmologista, certo? — disse eu.

— Sou.

— E como é isso?

Ele riu-se.

— É bom.

Também me ri.

— Acho que já sabes isto, mas os olhos das pessoas são importantes para elas.

— De facto, sei disso — disse ele. — E é verdade.

— Embora me esqueça sempre de fazer aquela coisa em que é suposto afastarmos o olhar do ecrã e olharmos para uma distância

de seis metros durante vinte segundos, a cada vinte minutos. És de Nova Iorque?

Ele sacudiu a cabeça.

— Vivo aqui desde a faculdade de Medicina, mas cresci em St. Louis.

— Espera, a sério? Eu sou de Kansas City.

Voltámo-nos para olhar um para o outro — ambos tínhamos garfos suspensos sobre os pratos — e ele disse:

— Bem, olá.

— Vais muitas vezes a casa? Eu só vou umas duas vezes por ano.

— Vou no Natal. Os meus pais e a minha irmã ainda estão lá, e as minhas sobrinhas e sobrinhos. Na realidade, a minha sobrinha mais velha está agora na NYU, mas o resto da minha família está lá.

— A Viv andou lá — disse eu. — Como provavelmente sabes.

Do outro lado do Dr. Theo, a Viv disse:

— A Viv andou onde?

— A Viv andou na NYU — disse eu. — Onde, se não me engano, estudou economia e foi a estrela do grupo estudantil de improvisação.

Para o Dr. Theo, a Viv disse:

— A Sally faz uma perninha como minha publicitária. Não sei se ela referiu isso.

— Não é um emprego — disse eu. — É uma vocação.

Mas mesmo enquanto brincávamos, o meu olhar era atraído para o outro lado da sala de jantar do restaurante, para onde o Noah estava sentado numa cabina exatamente como a nossa, com o Nigel, o Elliot, a Autumn, a irmã do Noah, um dos guitarristas que tocava com ele e os dois tipos com barbicha que tinha visto no seu camarim. Falavam todos animadamente, e eu pensei no alívio que o Noah devia sentir porque o programa tinha corrido bem. Perguntei-me se acabaria por me despedir dele. Podia abordá-lo, claro, mas o que tinha realmente para dizer?

Na hora seguinte, monitorizei constantemente a localização e atividade do Noah, nenhuma das quais mudou muito, exceto para se levantar da cabina quando o Franklin Freeman, que era o diretor da banda residente, passou. O Noah deu uma palmada calorosa nas costas do Franklin, abraçaram-se e conversaram por uns minutos. Voltaria a ver o Noah alguma vez? A altura mais plausível seria quando ele voltasse

para apresentar, dali a dois ou sete anos, se eu ainda estivesse a trabalhar no *TNO*, o que não me parecia que acontecesse.

— Sally? — dizia a Viv nesse momento. — *Sally?* — Voltei-me. — Queres boleia para o Blosca?

Era o bar no Lower East Side onde se faria a primeira festa depois da festa da noite. O bar ficava ao fundo de umas escadas estreitas, ao nível da cave, e a festa seria muito mais pequena, mais tipo quarenta pessoas, em vez das cem que estavam nesta, e as atrações principais seriam uma mesa de bilhar e bebidas baratas (espantosamente, todos nós, mesmo o elenco que fora levado para ali em *Escalades*, tínhamos de pagar as nossas bebidas na primeira festa). No meu primeiro ano no *TNO*, sentia-me demasiado intimidada para ir à festa depois da festa; mais tarde, entre o meu segundo e sétimo anos, tinha ido a todas, embora acabasse a noite por ali, em vez de ir aos clubes de *strip*, onde se dizia que se faziam as festas depois-da-festa-depois-da-festa. Algumas vezes, tinha dado por mim num snack-bar às sete ou oito da manhã, mas era o limite do meu espírito aventureiro. E, nos últimos dois anos, muitas vezes nem sequer ia à festa depois da festa, porque sentia-me mais atraída pela minha cama.

Mas a Viv já estava de casaco, a olhar para mim com expectativa, ainda à espera para saber se eu queria boleia.

— Claro — disse eu.

DOMINGO, 03h09min

No Blosca, fui direita ao bar buscar uma bebida, voltei-me e quase choquei com o Noah Brewster.

— Ei. — Ele abriu um sorriso largo.

— Olá — disse eu de volta. — Parabéns! Foste ótimo.

Embora não estivesse bêbada, tinha acabado de dar um gole grande e tranquilizador de vodca tónico, depois das duas bebidas na festa anterior.

O Noah debruçou-se sobre o bar, pediu uma água tónica — presumivelmente, estava completamente sóbrio — e ouvi o empregado do bar dizer:

— Adoro a tua música, meu.

E o Noah disse:

— Obrigado, meu. — E depois voltou-se outra vez para mim e disse:
— Não tinha a certeza se ias estar aqui.

Mesmo à luz fraca, os seus olhos eram azuis-vivo, e o seu cabelo louro de surfista era, bem, convincentemente igual a cabelo. Por vezes, nas festas a seguir ao programa, os apresentadores ainda tinham a maquilhagem da TV, mas parecia que ele tinha limpado a sua.

— Não tinha a certeza se *tu* estarias aqui — disse eu, e abri os braços. — Mas aqui estamos os dois. — Não que ele soubesse, mas isto era o mais teatral, ou tocada, que eu ficava. — Estás exausto, ou ainda a funcionar a adrenalina?

— Não sei como é que vocês fazem isto uma semana atrás da outra.

— Mas ser o apresentador e o músico convidado é o mais doido de todos os mundos possíveis. Jamais conseguiria fazer qualquer deles, quanto mais os dois. E foste mesmo incrível. O Coreografia foi fantástico.

— Bem, tu tinhas razão acerca do Vendedor de Queijo.

— Não, o mérito é teu — disse eu. — Está tudo na representação.

Independentemente de estar tocada, estava ciente de monopolizar o tempo de uma celebridade, quando já não tinha utilidade profissional. Foi quando o Noah disse:

— Agora admites que nunca ouviste mesmo a minha música?

Ri-me genuinamente.

— Se não tivesse, como é que escrevia o *sketch*? Além disso, sou um ser humano no mundo. Achas que há algum homem, mulher ou criança que não tenha ouvido *Making Love in July*, enquanto está deitado na cadeira do dentista?

— Sim, exatamente. Queria dizer que nunca ouviste nada além do básico. Não ouviste de propósito. — Ainda parecia provocar-me, de forma bem-disposta, por oposição a uma pesca carente de elogios.

— Também não é verdade — disse eu. — Adoro *The Bishops' Garden* e *All Regrets*.

Ele semicerrou ligeiramente os olhos, a estudar-me.

— Isto é o que admito — disse eu. — Há duas categorias de canções *pop* que não adoro, e como *Making Love in July* está numa dessas categorias,

não por culpa sua, tornou-me preconceituosa contra ti cedo. Estou a falar de há quase vinte anos. Mas apercebi-me de que subestimei a variedade da tua... — Fiz uma pausa. — Da tua *oeuvre*.

Fiz outra pausa.

— Que tipo de filha da mãe achas que usa a palavra *oeuvre* num bar às três da manhã?

— Estou só a adivinhar, mas talvez uma filha da mãe que andou em Harvard?

— Não, não — disse eu. — Não sou um dos parvalhões de Harvard do *TNO*.

— Onde é que andaste?

— Duke — disse eu.

Desta vez, o seu sorriso foi mais sarcástico.

— Tipo, a mundialmente famosa universidade da Carolina do Norte? Referes-te a essa Duke?

— Percebo que ter frequentado a Duke não parece muito diferente de ter frequentado Harvard, mas, acredita em mim, os guionistas que frequentaram Harvard acham que é. Além do mais, tu também não andaste num colégio elegante qualquer em Washington, D.C.? Porque eu andei numa enorme escola secundária de porcaria nos subúrbios de Kansas City.

— Mas eu nunca fui para a faculdade, e isso nega a minha formação de colégio elegante. Era suposto ir para a Kenyon, mas comecei a cantar nas estações do Metro. Quando é que descubro as duas categorias de canções que detestas?

— Bem, a minha ressalva é que a música não é a minha especialidade.

— Registado.

— Uma categoria é o tipo de canção sobre uma relação longa ou um casamento, e a letra é tipo: «Em certas alturas foi tão mau que quase não conseguimos, mas sobrevivemos.» Acho essas canções cómicas sem querer, porque supostamente celebram a resistência do amor ou o que for, mas as letras soam mais a «Estar casado contigo é um inferno, mas vamos felicitar-nos por aguentarmos».

— Hum — disse ele. — Acho que nunca tinha pensado nisso.

— Há uma montanha delas — disse eu. — «Sentíamo-nos ambos atraídos por outras pessoas, tu deixavas-me maluco, eu queria matar-te. Mas, querida, depois de tantos anos, continuas a ser a única.» Isso, na verdade, era capaz de dar um bom *sketch*. Embora tenhas envenenado o meu gato, embora tenhas vomitado na minha almofada bordada. Alguma vez foste a um copo-de-água onde fazem todos os casais levantar-se, e depois o DJ diz «Sentem-se se estão casados há menos de dez anos, menos de vinte anos, menos de trinta anos»? E os últimos de pé são um casal de noventa anos, casados desde os anos 1950?

— Conheceste o meu cantor do coro Jimmy? Só vi isso no casamento dele. Acho que não é uma coisa WASP⁴.

— Acho que tens razão. Mas a imagem podia parar em cada casal enquanto eram aplaudidos, e eles faziam uma confissão. Então, todos os outros convidados estão «Isto é tão comovente» e a mulher de noventa anos está a pensar consigo própria «Durante sete décadas, o som do mastigar dele deu-me vontade de estrangulá-lo».

— Isso era engraçado — disse o Noah. — Na verdade.

Os nossos olhares cruzaram-se, e eu disse:

— Obrigada, na verdade.

— A questão é que tenho a certeza de que nunca escrevi esse tipo de canção, em parte porque nunca fui casado.

— Oh, desculpa. *Making Love in July* é o outro tipo de canção a que me referia. Está na segunda categoria. Esse tipo é sempre um homem a cantar para uma mulher, e é do género: «Querida, não sabes como és bonita. És tão perfeita, nunca pensei encontrar isto, estarei no paraíso?»

O Noah pareceu ao mesmo tempo divertido e inseguro.

— O que há de errado com «Querida, és tão perfeita, nunca pensei encontrar isto, estarei no paraíso»?

A um nível quase subliminar, achei satisfatório ter levado o Noah Brewster a dizer-me, enquanto estávamos a trinta centímetros de distância, «Querida, és tão perfeita, nunca pensei encontrar isto, estarei no paraíso».

⁴ WASP é utilizado para designar as pessoas na sociedade americana cujos antepassados vieram do norte da Europa, especialmente de Inglaterra, e que antigamente eram consideradas como tendo muito poder e influência. WASP é uma abreviatura de "White Anglo-Saxon Protestant" (Protestante Branco Anglo-Saxónico).

Eu disse:

— Não gosto da parte Não-sabes-como-és-bonita. Faz-me parecer que o amor se baseia, ou numa falta de consciência da parte da mulher, ou na sua insegurança. E a mulher nas canções é, muitas vezes, ao mesmo tempo uma criança e uma feiticeira. Por isso a letra bem podia ser: «Sinto-me atraído por ti, porque te ajustas aos padrões que se concordaram serem os desejáveis nesta altura da História humana, mas tu nem sabes isso, e a tua falta de noção é o que me faz sentir um verdadeiro homem.»

— Isso provavelmente são palavras a mais — disse ele. — Mas percebi. Dirias que é o mesmo quando a personagem principal de uma comédia romântica tem farinha no nariz, depois de fazer biscoitos, e não sabe? Porque ouvi dizer que isso também é muito irritante.

Embora ficasse impressionada por ele se lembrar desta parte da nossa conversa no meu escritório, não sabia se estava a concordar ou a provocar-me. Encolhi os ombros.

— Não te avisei sobre os meus desabafos?

— E eu não te disse que adoro desabafos? — disse ele. — Mas acho que estás a misturar o segundo tipo de canção com uma coisa que está numa terceira categoria. Sim, há canções Não-sabes-como-és-bonita, mas não vejo essas automaticamente como as mesmas que são tipo «Mal acredito que existes e mal acredito que nos encontrámos um ao outro». Quando uma dessas está bem feita, não capta a experiência mais transcendente que duas pessoas podem ter? — Como não respondi de imediato, ele disse: — Não me digas que achas que apaixonar-se é treta.

— Bem... — Pensei na pergunta estranhamente semelhante que o Danny me fizera poucas horas antes. — Não quero que seja.

— Não percebo porque escreverias guiões para comédias românticas se achas que o romance é um disparate meloso.

— Mas é isso mesmo — disse eu. — Não escrevo de uma perspectiva de clareza. Escrevo a partir da confusão.

— Então e que tal isto... Podes definir meloso? Porque eu ainda não percebi, passadas duas décadas, onde fica a linha entre a lamechice e a extravagância emocional aceitável. O que faz uma canção, ou um filme, ou um momento na vida cair num, ou no outro lado? Em parte, era por isso que o Vendedor de Queijo tocava num ponto sensível.

Fiquei em silêncio uns segundos, e acabei por dizer:

— É uma boa pergunta. Mas a linha é subjetiva, não? Tipo a definição do Supremo Tribunal para obsceno ser «Sei que é quando vejo».

— Que canção achas legitimamente romântica, sem lamechice?

— Sob risco de parecer previsível, há uma canção das Indigo Girls chamada *Dairy Queen*.

— Mas essa não é sobre uma relação que não resulta?

— O romance não exige um fim feliz. — Embora não o mostrasse, fiquei surpreendida por ele conhecer a canção. Os fãs gostavam dela, mas não era uma *Closer to Fine*.

— Certo — disse o Noah. — Mas tens de admitir que é mais fácil não ser lamechas quando se escreve sobre amor perdido. As tuas comédias românticas vão ter fins tristes e é essa a reviravolta?

Ri-me.

— Não sei como acabam, porque ainda não acabei de escrever nenhuma.

Ele estava a olhar para mim com uma curiosidade intensa; não olhavam assim para mim muitas vezes. Depois disse:

— Já estiveste apaixonada alguma vez?

— Bem... — Fiz uma pausa. — Na verdade, fui casada.

Ele deitou um olhar à minha mão esquerda, a mão com que segurava a bebida, por isso passei o copo para a outra mão e agitei os dedos nus da esquerda.

— E divorciada — acrescentei. — Sou uma divorciada atrevida. Tive um casamento curto, aos vinte e poucos anos, mesmo à saída da universidade.

— Isso explica porque é que não és fã de canções sobre pessoas que permaneceram casadas ao longo de todos os altos e baixos? — Deu um gole na bebida. — Ou estou a ser simplista?

— Bem, não acho, em definitivo, que os divórcios sejam inerentemente trágicos. Vejo o meu próprio como um falhanço pessoal, mas também foi um alívio enorme. Nunca teria esta carreira se tivesse continuado casada.

— No início, quando tu e o teu marido se juntaram, sentias-te como «Estou no paraíso»?

Eu ri-me.

— Não. — Ele também se riu, um riso que pareceu surpreendido, e eu disse: — Acho que estive mais ou menos apaixonada. Só que não pelo meu marido.

O Noah ainda me observava com uma expressão que era tanto curiosa como estranhamente absorta, como se me achasse fascinante. Era o problema das celebridades, podiam despoletar o carisma quando queriam, e nós deleitávamo-nos com o seu brilho e depois afastavam-no de nós e o mundo voltava a ser frio.

— Como é que mais ou menos apaixonada funciona? — perguntou ele.

O Elliot estivera na festa no grande restaurante francês — era demasiado ambicioso para não ir —, mas não estava na festa depois da festa; deixara de ir quando se casara.

— É patético — disse eu —, mas havia uma pessoa no *TNO* que eu pensava que era a minha alma gémea. Nunca namorámos. Éramos só amigos, mas eu pensei que éramos almas gémeas na comédia e na vida. A parte patética é que ele não sentia o mesmo por mim.

— Não consigo perceber — disse Noah. — Dizes «almas gémeas» ironicamente?

— É bastante embaraçoso, mas digo-o sem ironia.

— Ainda estás interessada nele?

— Oh, céus, não — disse eu. — Foi há anos.

Houve uma breve pausa, sobre as outras conversas no bar e a música de fundo, que de momento era um clássico de *rock* dos anos 1970, ouvi o bater das bolas de um novo jogo de bilhar, e disse:

— A avaliar pelas tuas canções, imagino que tenhas estado apaixonado centenas de vezes.

Ele sacudiu a cabeça.

— Longe disso.

— *Tu* ainda sofres por pessoas do teu passado?

— Quase desejava que sim. Nunca estive numa relação que achasse que podia durar para sempre e, quando olho para trás, ainda parecem mais condenadas. Pergunto-me se me iludia ao achar que a pessoa e eu tínhamos coisas em comum. Acho que se começar a falar

sobre teoria do apego, vou parecer que fiz um bocadinho de terapia a mais. — Levantou o copo. — Mas definitivamente ajuda a manter-me sóbrio.

— Se parecer que não fiz terapia suficiente, é porque, em vez disso, escolhi a repressão à maneira do Midwest.

Ele riu-se. Eu disse:

— Para além do método antigo e honrado de canalizar as minhas neuroses para a escrita.

— Outro caminho legítimo, embora não mutuamente exclusivo da terapia.

— Acho que sei o que é a teoria do apego, de ler artigos. É quando se reproduz as dinâmicas da família em que se cresceu?

Ele anuiu e pousou o copo no bar.

— Lembro-me de fazer trinta anos, tinha acabado de ganhar um prémio grande na indústria musical...

— Oh, vá lá — disse eu. — Não sejas modesto.

Ele sorriu abertamente.

— O Grammy para Álbum do Ano. Obrigada por me ofereceres a oportunidade.

— Se eu ganhasse um Grammy para Álbum do Ano, levava-o comigo o tempo todo, incluindo neste momento. É uma estatueta de um gira-discos, não é?

— Só que tu *ganhaste* Emmys, portanto não é bem assim. Ou eles estão aí? — Acenou com a cabeça em direção à minha bolsa de cintura.

Ele tinha-me pesquisado no Google? Eu não tinha grande presença na Internet — embora tivesse criado contas nas redes sociais para seguir outras pessoas, nunca publicara literalmente nada —, mas este era um dos poucos factos que apareciam se alguém fizesse uma pesquisa. Bati na minha bolsa.

— Se houvesse espaço para eles, trazia-os. Como estavas a dizer, fizeste trinta anos, tinhas ganho um Grammy, e...?

— Pensei que estava à beira de perceber tudo. Tinha tido o meu sucesso inicial, um segundo álbum sem sucesso, depois tinha-me redimido com a crítica... quer dizer, isto parece uma forma errada de

olhar para isso agora, mas era no que acreditava na altura. Também pensei que estava à beira de me casar e ter filhos. No meu trigésimo aniversário, fui à Costa Rica, surfar com uns amigos. Uma noite aconteceu estar a ver o pôr do sol, sozinho de uma varanda na casa onde estávamos, e estava mesmo confiante de que tinha decifrado um código qualquer. Mas passaram seis anos desde essa altura, ainda não sou casado e sinto-me muito mais confuso acerca de tudo... o estado do mundo, a orientação da minha vida, quanto deveria usar a minha dita plataforma. Comparável ao meloso versus não-meloso, onde fica a linha divisória quando és uma celebridade que se quer envolver, mas conheces bastantes pessoas que se limitariam a dizer-te «Cala-te e toca guitarra»?

— Quando pensaste que estavas prestes a casar-te — disse eu —, era com alguém em particular?

Ele abanou a cabeça e sorriu.

— Achas que isso pode ter sido parte do meu problema?

— Se te serve de consolo, quando estava no secundário, na minha grande escola pública de porcaria, uma vez um professor de matemática disse, na assembleia, que o objetivo da vida era encontrar aquilo em que somos bons e que gostamos de fazer, e fazê-lo para as outras pessoas. Consegues imaginar, ter a audácia de afirmar qual é o objetivo da vida? Mas nunca me esqueci, e não sei se ele estaria errado.

— Já ouvi pior.

— Pode parecer palerma, mas penso em... — Parei. Depois de duas bebidas e meia, aquilo parecia muito para revelar a uma pessoa que mal conhecia. Mas continuei.— Penso no *TNO* como o amor da minha vida.

Inexplicavelmente, os meus olhos encheram-se de lágrimas. E depois apercebi-me de que não era por pensar que o que estava a dizer era triste. Era por ser verdade, e nada triste.

— Oh, sim — disse o Noah. — Sinto-me assim acerca da minha música.

— Temos tanta sorte — disse eu. — Não achas? A maior parte das pessoas não tem isso. Eu sei que, em todo o lado exceto Nova Iorque, se tens um bom emprego, um cônjuge, filhos, uma casa e um carro, essas são as marcas da maturidade, estabilidade e completude. E jantas às

sete da tarde e vais para a cama às dez, e fazes corridas vigorosas ao fim de semana. Se é disso que a pessoa gosta, ótimo. Mas há muitas outras formas de organizar a vida.

— Conheces aquela frase de Thoreau «A maioria dos homens leva uma vida de desespero silencioso»?

— Não só a conheço — disse eu —, como no secundário tinha um poster com frases famosas, e essa era uma delas!

Falei com tanto entusiasmo, que cuspi uma quantidade minúscula de saliva para a sua face direita. Ele não a limpou; devolveu-me um sorriso radioso, e embora eu não pudesse provar e evidentemente não fosse perguntar, suspeitava, não que ele não soubesse que lhe tinha acertado com cuspo, mas que não queria que eu ficasse envergonhada, ou que realmente não se importava, que não me achava de todo repugnante. Mesmo depois de seis dias, a sua descontração era tão inesperada e adorável.

— Só para deixar claro — disse eu —, levo mesmo uma vida de desespero silencioso. Não quereria ser amiga de ninguém que não levasse essa vida, ou de ninguém que não estivesse repleto de ambivalência, porque assumo que seria incrivelmente superficial. Mas tenho a certeza de que seria dez vezes mais silenciosamente desesperada se vivesse nos subúrbios, com uma garagem para dois carros.

— Sabes que não queres nada disso? O casamento e os filhos?

Ocorreu-me dizer «Contigo ou com outra pessoa?» mas, e se ele pensasse que eu estava a falar a sério? Em vez disso, disse:

— Não sei ao certo, mas não vou esperar sentada por nenhuma dessas coisas. E aposto que não teres assentado aos trinta fez de ti melhor músico. E continuar a sentir confusão também, provavelmente. Não consigo ver como é que alguém que acha que percebeu tudo e saiu vencedor pode escrever canções muito boas. Ou, já agora, muito bons *sketches* ou muito bons guiões.

— Talvez *tu* devesses ser terapeuta. — Levantou o copo, deu um gole, engoliu e disse: — A propósito, não acredito na Regra Danny Horst. Achei que o teu *sketch* era engraçado e tive pena que tivesse sido cortado, mas a regra em si... pessoalmente, definitivamente, namorei... tu sabes...

Não tentei esconder o meu divertimento.

— Com mulheres menos atraentes do que tu? — sugeri.

— Não era isso que ia dizer. Mas não-celebridades.

— Saíste com elas de forma séria?

— Claro. Não tive só as relações que saíram nas colunas sociais. Mas és preso por ter cão, e preso por não ter. Se saís com outra celebridade, é como o Danny e a Annabel, estás debaixo de um microscópio que distorce tudo. Eles têm a vantagem de compreender em primeira mão o mundo um do outro, mas a desvantagem de terem ambos agendas mesmo complicadas. Enquanto se saíres com alguém que não é outra celebridade, sentes que estás sempre a pedir-lhe que se ajuste a ti. Além de ser fácil sentirem-se inseguros. Agora estás a olhar para mim com uma grande expressão de gozo. Eu sei que estes são problemas dos privilegiados.

— Acho que achas que estou a olhar para ti com expressão de gozo porque sou guionista no *TNO*.

— Imagino que possa ser um risco da profissão.

E depois aconteceu algo que mais tarde seria difícil de explicar a mim própria, difícil de compreender. Tal como quando ele tinha posto a mão no meu queixo, no meu escritório, podia não ser nada. A sua expressão tornou-se ao mesmo tempo terna e muito divertida, como se houvesse uma excelente piada privada entre nós, e ele inclinou a cabeça para a direita e olhou para mim com uma espécie de doçura e carinho atentos. Depois, voltou a pousar o copo no bar e inclinou-se para a frente gradualmente, e eu pensei: *Oh meu Deus, ele vai beijar-me? Porque o Noah Brewster não pode beijar-me aqui, em frente aos meus colegas, num ambiente que não é de maneira nenhuma privado, porque nenhum lugar é privado na era dos telemóveis, num mundo em que ele é ele e eu sou eu. E porque, se ele me beija, o que acontecerá a seguir?*

Também gradualmente, recuei.

— Todos os teus conhecimentos sobre o amor e o romance — disse eu. — Obtiveste-os a sair com modelos de vinte e dois anos?

Ele semicerrou os olhos com o que me pareceu verdadeira confusão.

— O que queres dizer com isso?

O meu coração batia com mais força, e não como quem vai desfalecer. Como quem está em pré-combate, como nas reescritas, quando me preparava para discutir com o Elliot. Disse:

— Não me tinha apercebido de que as modelos eram tão educativas.

A expressão do Noah já não era confusa. Era pétrea, e passaram uns segundos antes de dizer:

— Pensei que estávamos a ter uma conversa verdadeira. Porque havias de dizer-me uma coisa dessas?

— *Não* saíste com uma data de modelos? Não é factualmente correto? — Ele franziu o sobrolho, sem dúvida o sobrolho franzido mais bonito que eu já tinha visto, e também era, a um nível que eu só agora começava a compreender, horrivelmente indutor de arrependimento, e eu acrescentei: — Não tinha intenção de te ofender.

— Certo — disse ele.

— Desculpa, mas eu avisei-te de que sou uma filha da mãe.

— Uau. Isso é só... — Sacudiu a cabeça. — É a desculpa mais esfarrapada que já ouvi.

Olhámos um para o outro e afastámos o olhar com um novo acanhamento, um acanhamento não-divertido, enquanto o ruído da sala, que antes parecia quase impercetível, pareceu crescer. Por um lado, desejava desesperadamente poder rebobinar a conversa noventa segundos, para desdizer aquilo sobre as modelos. Por outro lado, sentir-me atraída por este homem, receber a sua atenção era enervante e confuso, não só no bar, mas nos últimos dias, e agora parecia que essa tensão e confusão estavam a terminar. Podia regressar à minha vida sem esperança, sem tormento.

— Se não queres aceitar as minhas desculpas — ouvi-me dizer — então ficamos assim. Foi bom conhecer-te, ou o que for.

Levantei o meu copo na sua direção, numa espécie de saudação de despedida.

Ele pareceu profundamente frustrado, ou até zangado, ao dizer:

— «Não tinha intenção de ofender-te» e «avisei-te de que sou uma filha da mãe»... Nenhum é um pedido de desculpas. Só queria... — Depois parou. Mais uma vez, sacudiu a cabeça. — Sabes que mais? Esquece. Acho que devia ficar grato por me teres prevenido de quem és, antes de as coisas avançarem mais. — Prendeu o cabelo do que eu sabia ser uma peruca atrás da orelha, de uma forma que era estranhamente decisiva. — Por isso, sim. Cuida de ti, Sally.

E depois deu meia-volta e afastou-se.

OS DIAS SEGUINTEs

Vou descrever o que aconteceu a seguir, não de forma cronológica, porque mesmo agora a cronologia é confusa para mim, mas pela ordem da minha percepção dos acontecimentos. A primeira coisa de que me apercebi foi de que o Noah não saiu imediatamente do bar, mas conversou brevemente com um grupo de elementos do elenco e saiu dez minutos mais tarde. Procurei a Viv, que estava a conversar com o Dr. Theo de uma forma tão doce e íntima que, se não estivesse tão perturbada, os tinha deixado em paz. Enquanto estava a cerca de cinco metros do Noah, observei-o pelo canto do olho, perguntando-me se deveria aproximar-me e tentar corrigir as coisas; se estivesse mais bêbada ou fosse mais impulsiva, provavelmente tinha tentado. Também não queria sobrevalorizar a importância que o nosso conflito tinha para ele. Talvez ele mal se lembrasse dele amanhã de manhã. Senti-me devastada e aliviada quando ele se afastou do Josh, do Hakeem e da Lynette em direção ao sinal de saída ao fundo das escadas, parou para tirar o telefone e digitar alguma coisa, depois desapareceu escadas acima, para o rés-do-chão. Mas claro, eu já me sentia devastada — sentira-me assim que arruinara a nossa conversa. Foi a mudança dramática no tom, o facto de *ser capaz* de arruiná-la, que me permitiu admitir para mim própria que a dinâmica entre nós, não só nesta festa depois da festa, mas nos últimos seis dias, tinha tido peso e energia suficientes para ser alguma coisa; não fora um nada. Se ele não fosse famoso, eu teria definitivamente pensado que ele se estava a fazer a mim. Se estávamos mesmo prestes a beijar-nos há uns minutos... agora eu nunca saberia se estaria chocantemente certa ou risivelmente errada.

A segunda coisa que aconteceu foi que o *sketch* do Vendedor de Queijo se tornou viral. No domingo à noite, pelas oito horas, tinha mais de quinhentas mil visualizações no YouTube, na segunda tinha mais de um milhão, e na sexta mais de três milhões.

A terceira coisa que aconteceu foi que, uma semana e meia mais tarde, o décimo álbum do Noah foi lançado, e quando ele regressou a Nova Iorque para promovê-lo, tanto nos programas de entrevistas da manhã, como do fim da noite, foi questionado repetidamente sobre o Vendedor de Queijo, discutiu-o cordialmente, e nunca me referiu.

Ainda pior, ele e a Annabel Lily foram fotografados juntos em duas ocasiões distintas. Uma tarde, foram ver montras para o SoHo, e no dia seguinte, jantaram num restaurante de *sushi* no East Village. Nesse dia, ele foi visto a sair do seu apartamento às onze da noite. Foi a Henrietta quem me alertou, enviando-me uma mensagem depois de o primeiro conjunto de fotos aparecer *online*: *Mas o que é que eles estão a pensar????* E depois, como se eu não compreendesse: *Pobre Danny!!!*

Continuei a pesquisar masoquistamente o Noah no Google durante umas semanas, e não houve mais informações com a Annabel. Embora as fotos tivessem sido acompanhadas de negações de fontes não nomeadas, ou seja, dos seus publicitários («Noah e Annabel são apenas velhos amigos»), outro cliente do restaurante japonês tinha reparado na sua «onda sedutora» («Estavam mesmo a gostar da companhia um do outro»), e os episódios pareciam claramente encenados. Quero dizer, ir ver montras — alguém fazia isso na vida real? E, pelo amor de Deus, limitem-se a pedir para entregar *sushi* em casa! Mas não saberia dizer se a promoção do álbum era o objetivo, e a crueldade a consequência, ou se explorar uma atração real era o objetivo, e a promoção do álbum a consequência.

A quarta coisa que aconteceu foi que a Viv e o Dr. Theo se tornaram um casal verdadeiro, um casal duradouro, embora, como ela me disse mais tarde, não tenham feito sexo na primeira noite. Realmente foram para casa juntos, e realmente dormiram na mesma cama, mas dormiram mesmo, depois do que a Viv descreveu, a brincar, mas extasiada, como carícias intensas.

Tinha sido com a Viv e o Dr. Theo que eu tinha saído da segunda festa pouco depois da saída do Noah. Entrámos todos para a fila de trás do *Escalade*, com a Viv no meio, e, enquanto eu apertava o cinto, inclinei-me para a frente e perguntei ao Dr. Theo:

— Como te estás a aguentar?

— Não estava acordado até tão tarde desde o internato, mas estou a aguentar-me.

A Viv disse:

— Devíamos passar por Bellevue, para poderes fazer um parto em honra dos velhos tempos?

— Fica para outra ocasião.

O motorista entrou na rua, e tinha passado menos de um minuto quando ouvi uma respiração rítmica, um som mais baixo do que um ressonar, e quando me debrucei novamente para a frente, vi que o Dr. Theo tinha adormecido. A Viv e eu estabelecemos contacto visual, e ela sorriu.

— Gosto dele — semissussurrei, semienunciei.

— Eu também — murmurou ela de volta.

— Sabes a Regra Danny Horst? — perguntei baixinho. — Acreditas nela?

— Não — disse ela de imediato.

— A sério?

— Claro que a nossa sociedade está obcecada com o aspeto das mulheres, e fomos todos infetados. Mas, a nível individual, as pessoas são muito mais esquisitas do que admitimos. A atração tem que ver com imensas coisas para além da aparência.

Depois de uma pausa — estávamos a subir a FDR Drive, quase vazia àquela hora, conduzindo ao longo da mancha escura do East River, para lá do qual estavam visíveis as luzes de Brooklyn — a Viv disse:

— Preferias casar com o Danny ou a Annabel?

— Definitivamente o Danny — disse eu.

— Não é? Porque *sexy* acaba por tornar-se aborrecido, mas engraçado nunca é.

— Contigo, a pessoa não tem de escolher — disse eu. — Ficam com engraçada e *sexy*.

— Eu sei. — A Viv apontou para a sua esquerda, para onde o Dr. Theo dormia, e, no mesmo tom baixo em que eu falava, disse: — Um tipo com sorte.

Hesitei, antes de dizer:

— Na terça à noite, ajudei o Noah Brewster com o *sketch* dele. Ele apareceu à toa no meu escritório, e estivemos só os dois durante cerca de uma hora, até a Autumn ir procurá-lo. Depois disso, esta semana toda, senti sempre que havia química entre nós. Depois pensava: é impossível. Não pode ser.

— Claro que é possível — disse a Viv. Estávamos a passar pelo local de desembarque do ferry da East Twentieth Street, quando ela disse:

— Vocês são como o *Férias em Roma*.

— O que queres dizer?

— O Noah a escapar aos seus cuidadores. Ele é a Audrey Hepburn e tu o Gregory Peck.

— Ah — disse eu. — Isso não me ocorreu. — Após uns segundos, acrescentei: — Mas, se havia química, lixei tudo esta noite. No Blosca, estávamos a ter uma conversa estranha, a expor a alma, e eu entrei em pânico e disse uma coisa mesquinha acerca de ele sair com modelos de vinte e dois anos.

— Porque é que fizeste isso?

— Não faço ideia — disse eu, e comecei a chorar.

A Viv não respondeu. Em vez disso, pegou na minha mão esquerda com a sua direita e segurou-a, e o condutor continuou a subir a FDR Drive, com os edifícios de um lado e o rio do outro, àquela hora silenciosa, naquela noite de primavera, na ilha de Manhattan. Do outro lado da Viv, o Dr. Theo continuou a respirar profundamente.